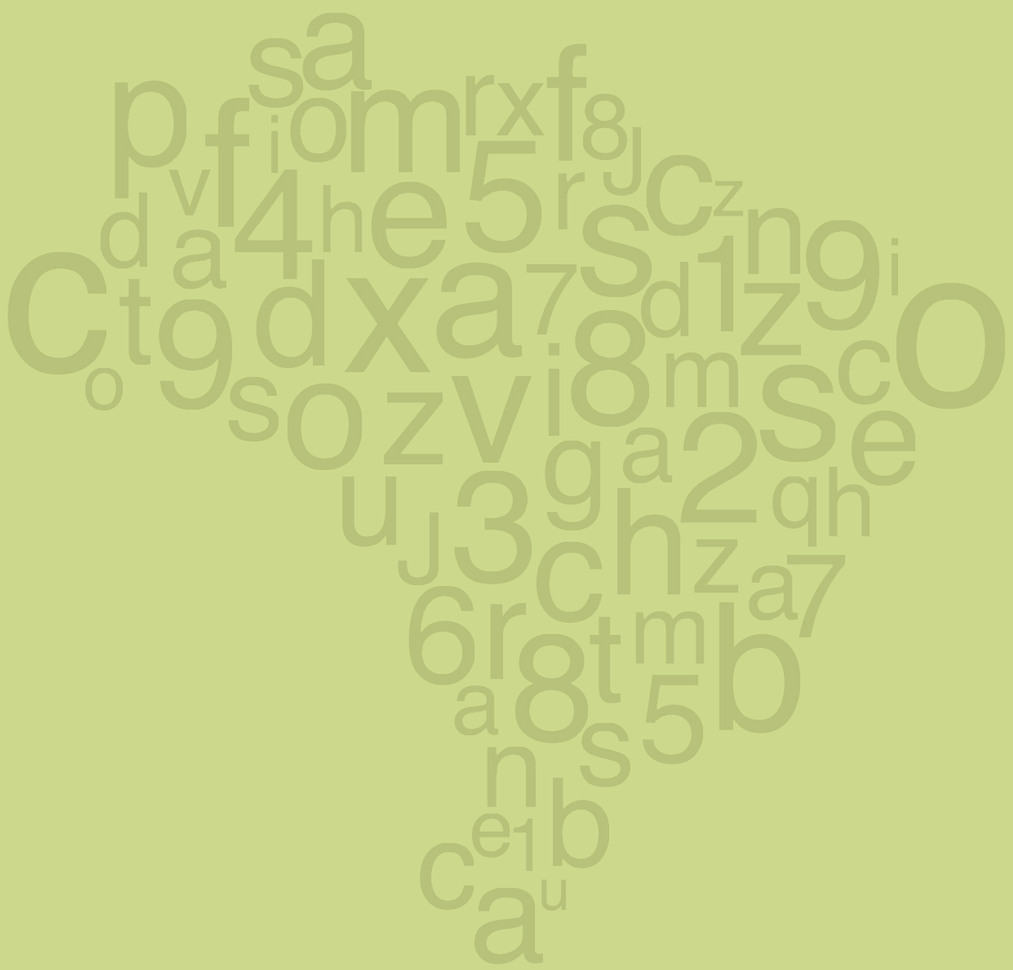
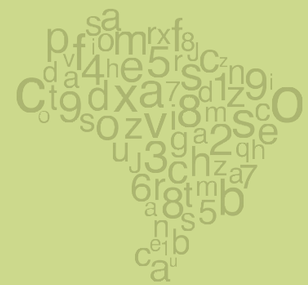


Leitura e Produção de Texto

TP3

PRALER



Leitura e Produção de Texto

TP3

Sistema Nacional de Formação de Profissionais da Educação Básica

PD PRALER

FNDE Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

Ministério da Educação

BRASIL UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL

Presidência da República

Ministério da Educação

Secretaria de Educação Básica

Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

Diretoria de Assistência a Programas Especiais

PROGRAMA DE APOIO A LEITURA E ESCRITA PRALER

CADERNO DE TEORIA E PRÁTICA 3

LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA
FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
DIRETORIA DE ASSISTÊNCIA A PROGRAMAS ESPECIAIS

PROGRAMA DE APOIO A LEITURA E ESCRITA PRALER

CADERNO DE TEORIA E PRÁTICA 3

LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO

BRASÍLIA
2007

© 2007 FNDE/MEC

Todos os direitos reservados ao Ministério da Educação - MEC.
Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida desde que citada a fonte.

DIPRO/FNDE/MEC
Via N1 Leste - Pavilhão das Metas
70.150-900 - Brasília - DF
Telefone (61) 3966-5902 / 5907
Página na Internet: www.mec.gov.br

IMPRESSO NO BRASIL

Apresentação

Amigo(a) Professor(a)

Você está iniciando o estudo do terceiro caderno de Teoria e Prática do Programa PRALER.

Esperamos que os cadernos anteriores tenham sido úteis e que o estudo esteja sendo prazeroso para Você. Também temos expectativas de que a sua participação e a de seus colegas esteja possibilitando a criação de novos espaços de reflexão, de investigação da realidade escolar, e resultando numa visão crítica dos conteúdos e da elaboração de conclusões individuais e grupais.

Com o trabalho proposto nas três unidades que compõem este terceiro caderno de Teoria e Prática, continuaremos aprofundando a nossa reflexão a respeito do processo educacional voltado para a alfabetização.

Sabemos que muitas das sugestões que apresentamos já fazem parte de sua prática, mas queremos ampliar a sua compreensão dos processos de leitura e de escrita, tão desafiadores, e trazer estímulos novos ao trabalho a ser construído na sala de aula.

Neste caderno, procuramos focalizar questões relativas à experiência inicial com a leitura e a escrita de textos.

Na Unidade 7, vamos refletir a respeito de como os textos populares - muitos já do conhecimento das crianças - podem ser motivadores para a leitura inicial e para a compreensão do funcionamento da língua escrita. Quadrinhas, parlendas e cantigas de roda são ótimos recursos para se desenvolver a observação dos fenômenos da língua escrita, associando-os à linguagem oral.

Na Unidade 8, vamos demonstrar como o trabalho com a produção coletiva de textos desenvolve noções importantes para a expressão escrita dos alunos. Ora partindo de textos de outros autores, ora partindo de situações reais, o trabalho coletivo é importante para o desenvolvimento da escrita individual.

Na Unidade 9, vamos reconhecer diversas oportunidades em que as crianças podem produzir textos curtos, individualmente, logo que começam a escrever. E, também, como surgem na sala de aula oportunidades de reflexão a respeito de estruturas da língua.

Temos certeza de que, até aqui, Você já superou nossas expectativas de aprendizagem no programa e certamente identificou outros aspectos enriquecedores para o programa que não foram contemplados pela equipe de elaboração dos materiais. Sabe por quê, Professor? Isso ocorre porque Você é o detentor do conhecimento da realidade da sala de aula e o principal gestor da aprendizagem dos alunos. E, à medida que Você traduz a sua aprendizagem em ação conseqüente e planejada para a sala de aula, já está transformando e ampliando, permanentemente, os conhecimentos veiculados pelo programa.

Bem-vindo ao caderno de Teoria e Prática 3 e sucesso em seus estudos!

ÍNDICE

UNIDADE 7 - TEXTOS POPULARES 09
SEÇÃO 1 - As quadrinhas e repetição das letras 13
Atividade de estudo 01 14
Atividade de estudo 02 16
Atividade de estudo 03 17
Atividade de estudo 04 20

SEÇÃO 2 - Parlendas e a relação entre letras e sons 24
Atividade de estudo 05 25
Atividade de estudo 06 27
Atividade de estudo 07 31

SEÇÃO 3 - Cantigas de roda e a relação entre letras e sons 33
Atividade de estudo 08 36
Atividade de estudo 09 38
Atividade de estudo 10 39
Atividade de estudo 11 39

Leitura sugerida 41
Texto complementar 41
Bibliografia 45
Respostas das atividades de estudo 45
Investigação da prática 7 48
Sessão presencial coletiva 7 49

UNIDADE 8 - PRODUÇÃO COLETIVA DE TEXTOS 51
SEÇÃO 1 - Produzindo diálogos dinâmicos e representativos 55
Atividade de estudo 01 56

SEÇÃO 2 - Produzindo textos a partir de outros textos 64
Atividade de estudo 02 65

SEÇÃO 3 - Os textos da vida real e a reflexão lingüística 71
Atividade de estudo 03 71
Atividade de estudo 04 75

Leitura sugerida 77
Texto complementar 78
Bibliografia 82
Respostas das atividades de estudo 82
Investigação da prática 8 83
Sessão presencial coletiva 8 84

UNIDADE 9 - A PRODUÇÃO INDIVIDUAL DE TEXTOS E A PRÁTICA DA ANÁLISE LINGÜÍSTICA 87
SEÇÃO 1 - Aprendendo a ler e a escrever com textos significativos 90
Atividade de estudo 01 91
Atividade de estudo 02 93
Atividade de estudo 03 97

SEÇÃO 2 - Uma pedagogia sensível à realidade dos alunos 102
Atividade de estudo 04 102

SEÇÃO 3 - Práticas de análise lingüística 109
Atividade de estudo 05 110
Atividade de estudo 06 112
Atividade de estudo 07 113
Atividade de estudo 08 117
Atividade de estudo 09 117

Leitura sugerida 119
Texto complementar 119
Bibliografia 124
Respostas das atividades de estudo 125
Investigação da prática 9 127
Sessão presencial coletiva 9 129

UNIDADE 7

Textos populares

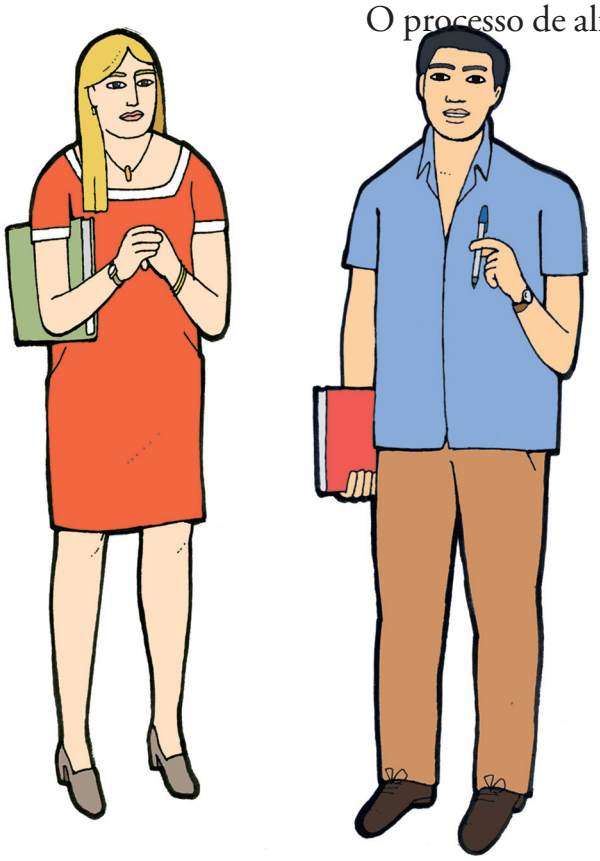
Rosineide Magalhães de Sousa

Textos populares

Iniciando a nossa conversa

Amigo(a) Professor(a)

Nesta unidade, vamos estudar diversos assuntos que poderão nos ajudar a planejar nossas práticas pedagógicas. Estas práticas são muito produtivas quando usamos os textos populares no processo de leitura e de produção escrita de nossos alunos.



O processo de alfabetização desenvolvido com a utilização de diversos tipos de textos torna nosso trabalho pedagógico mais rico, porque estamos proporcionando às crianças o conhecimento da diversidade cultural por meio dos textos escritos.

Já vimos em outras unidades textos narrativos, instrucionais, informativos, publicitários, literários e lúdicos.

Nosso interesse é promover a alfabetização em um contexto onde circula a diversidade textual, por isso, nesta unidade, vamos falar de textos populares, mostrando como podemos utilizá-los para alfabetizar e ampliar nossos conhecimentos.

Os textos populares que estaremos enfocando são quadrinhas, parlendas e cantigas de roda. Também vamos desenvolver atividades com outros tipos de textos: adivinhas, trava-línguas e poemas.

Nosso trabalho está organizado em três seções:

NA SEÇÃO 1, vamos relembrar as quadrinhas e trabalhar a repetição de letras, vogais e consoantes nas palavras.

NA SEÇÃO 2, vamos explorar o mundo da parlenda para, a partir desse tipo de texto, estudar, também, a relação entre letras e sons, além de desenvolver outras atividades de leitura e escrita.

NA SEÇÃO 3, vamos utilizar as cantigas de roda para trabalhar a formação de palavras e a criação de textos para desenvolvimento da linguagem oral e escrita.

Nas três seções, desenvolveremos muitas atividades que Você poderá utilizar como recursos pedagógicos em sua sala de aula.

Nosso horizonte

Com o trabalho desta unidade, nós vamos:

1. Desenvolver o tema da repetição de letras, vogais e consoantes utilizando as quadrinhas.

2. Identificar a parlenda como um excelente recurso pedagógico para ensinar aspectos da relação entre letras e sons e atividades de leitura e escrita.

3. Desenvolver atividades de interpretação e produção textual e formação de palavras a partir de temas das cantigas de roda.

SEÇÃO 1

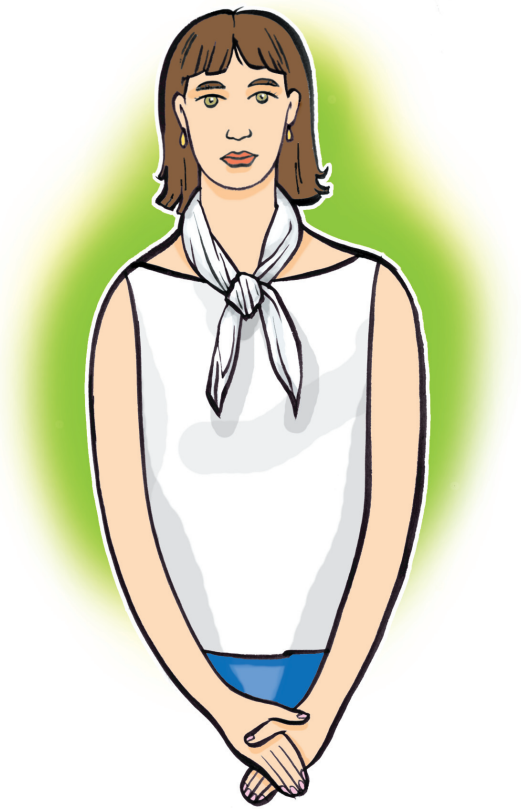
As quadrinhas e a repetição de letras

Objetivo: Desenvolver o tema da repetição de letras, vogais e consoantes utilizando as quadrinhas.

No processo de alfabetização, podemos contar com a diversidade textual para desenvolver a leitura e a escrita dos nossos alunos. Assim, utilizamos textos informativos, biográficos, instrucionais, poéticos e populares entre outros. A diversidade textual permitirá aos alunos a aquisição de um conhecimento amplo dos textos que circulam na sociedade, de seu funcionamento nas práticas sociais e, com certeza, terão facilidade de compreendê-los e produzi-los quando precisarem.

Nesta seção, vamos ampliar nosso trabalho de leitura e de escrita, utilizando a quadrinha. Quem não se lembra de uma quadrinha de infância? Esta é muito conhecida:

Mocinha de blusa branca
com lenço da mesma cor
mocinha diga a seu pai
que eu quero ser seu amor.



Lembrete

As quadrinhas são compostas de quatro versos rimados e têm temas líricos, amorosos, humorísticos, satíricos ou anedóticos.

Atividade de estudo-1

Você lembra de alguma quadrinha que recitava quando criança na sala de aula? Então vamos escrevê-la.

Quais são os recursos de linguagem da quadrinha que facilitam a memorização?

As quadrinhas, parlendas, cantigas de roda, adivinhas, trava-línguas, canções são expressões da cultura popular que foram passando de geração a geração por meio da tradição oral. Muitas destas expressões não têm autor, são de domínio público, por isso não sabemos quem as compôs. Mas grandes poetas como Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira também fizeram quadrinhas.

Usamos essas expressões para cantar, recitar e brincar. Porém, em muitos lugares do Brasil, principalmente nas metrópoles, tais manifestações culturais estão sendo esquecidas e substituídas por programas televisivos, jogos eletrônicos ou outros recursos tecnológicos.

Por isso, é importante resgatar, na escola, aquelas expressões culturais tão ricas. Sabemos que podemos fazer isso no processo de alfabetização, já que muitas estão registradas em livros e na memória das pessoas.

Falando em resgate, vamos fazer uma pesquisa?

Pesquisando Evidências 1

Converse com pessoas mais velhas de sua comunidade sobre expressões populares, ou seja, textos populares. Pergunte se elas conhecem algumas quadrinhas; faça a mesma pergunta às crianças. Depois registre aqui quais foram as respostas que Você obteve. Colecione as quadrinhas em um caderno para usar como material de leitura em sala de aula.

_____

_____

_____

_____

_____

_____

As quadrinhas são textos que podemos usar no processo de leitura e de escrita em toda a primeira fase do Ensino Fundamental, ou seja, no início de escolarização. E têm a finalidade de criar situações descontraídas, lúdicas, de aprendizagem na sala de aula. É importante contar às crianças o que são as quadrinhas e para que são usadas.

Como dissemos, a quadrinha é uma estrofe de quatro versos, ou seja, um quarteto. As rimas são simples, assim também como as palavras que fazem parte de seu texto.

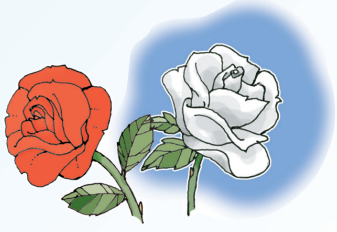
Para diversificar o contexto de aprendizagem, vale trabalhar semanalmente diferentes quadrinhas para que os alunos tenham contato freqüente com esse gênero; isso também vale para outros textos do mesmo gênero: cantigas de roda, parlendas etc.

Indo à Sala de Aula 1

Para que seus alunos tenham oportunidade de trabalhar com quadrinhas, desenvolva a seguinte atividade.

- Escreva no quadro a quadrinha a seguir e leia ou cante para as crianças.

A rosa vermelha
é meu bem querer
a rosa vermelha e branca
hei de amar até morrer.



- Leia com as crianças apontando as palavras.

- Para saber se as crianças conseguiram construir algum significado da quadrinha, pergunte a elas qual foi o tema central e converse a respeito de flores.

- Depois da leitura, peça as elas que desenhem duas rosas e pintem de cor vermelha e branca. Lembre-se que talvez as crianças não conheçam uma rosa. Mostre fotos e figuras.

Você pode aproveitar o momento e falar das diversas formas de afeto, falar de flores (tipos de flores, seu cheiro, beleza etc.) e também ensinar as cores.

Em relação ao tema "flor", informamos às crianças que a rosa é um tipo de flor e que há rosas de várias cores: branca, vermelha, rosa e amarela.

Se na sua região não há locais, jardins, praças, que tenham rosas, mostre às crianças outros tipos de flores nativas de sua região.

Quando falamos das cores das rosas, simultaneamente, estamos também nos referindo ao tema "cor". Podemos mostrar as cores, buscando as flores ou outros tipos de plantas que existem na escola ou próximo dela.

As quadrinhas são textos curtos, fáceis de memorizar e, como vimos, podemos aproveitar o tema da quadrinha para ensinar às crianças outros temas. Neste sentido, estaremos partindo de um texto para ensinar outros assuntos.

Atividade de estudo-2

Desenvolva uma atividade didática para a sala de aula. Inicialmente, investigue os nomes de flores ou outras plantas de sua região que os seus alunos conhecem. A partir dos nomes indicados pelas crianças, Você irá trabalhar a escrita das palavras. Poderá também explorar as cores nesse exercício.

Descreva a atividade a seguir.

Os textos utilizados para leitura e brincadeiras em sala de aula oferecem oportunidades de reflexão a respeito da língua escrita.

Já que usamos a quadrinha da rosa para estudar alguns temas: afeto, flores e cores, vamos explorar a parte da linguagem.

Antes de detalhar os temas anteriores, vamos fazer mais uma atividade.

Atividade de estudo–3

Exercite seu lado escritor. Crie uma quadrinha utilizando algumas palavras de *A Rosa Vermelha*. Outra sugestão para Você compor sua quadrinha: use nome de pessoas que conhece, assim, estará homenageando alguém especial. Lembre-se de usar as rimas.

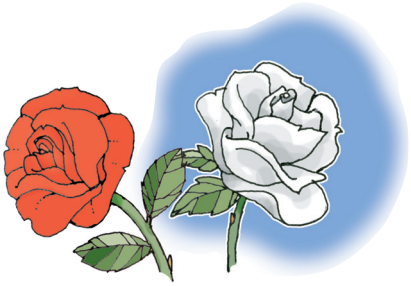
Você percebeu como foi interessante e divertido elaborar uma quadrinha com as palavras que selecionou? As crianças também irão gostar de fazer a mesma coisa com sua ajuda em sala de aula. Ou seja, as crianças podem criar várias quadrinhas. Você registrará o texto no quadro, lerá em voz alta palavra por palavra, para que elas façam a relação entre a escrita e os sons das letras da palavra. Posteriormente, elas copiarão no caderno. Este trabalho visa à produção espontânea das crianças e, conseqüentemente, ao aprendizado da escrita.

Avançando na Prática 1

Você conhece algum jogo oral que estimule o trabalho com as rimas? Pesquise com seus colegas em livros de atividades e registre aqui os procedimentos.

Agora vamos explorar a quadrinha da rosa, para termos um exemplo de como textos simples e curtos conduzem à leitura, à escrita e ao trabalho mais específico com a correspondência entre sons e escrita.

A rosa vermelha
é meu bem querer
a rosa vermelha e branca
hei de amar até morrer.



Para que os alunos percebam que repetimos as mesmas letras para escrever as palavras, podemos promover atividades que os levem a essa descoberta, por exemplo: circular as letras repetidas.

Podemos começar pelas vogais: **a e i o u**. Não precisamos trabalhar todas as vogais de uma vez só, fazemos aos poucos: primeiro trabalhamos uma vogal ou duas e depois as demais. O mesmo procedimento pode ser feito com as consoantes.

Na quadrinha sobre a rosa, o **e** aparece em várias palavras: vermelho, bem, meu querer, até. Perceba que dependendo da letra que está ao lado da vogal **e**, seu som muda. Em "bem", o som do **e** é nasalizado, ou seja, quando pronunciamos esta palavra o som sai pelo nariz. Por isso, é importante lermos as palavras para que os alunos percebam os sons das letras e que, às vezes, usamos a mesma letra para escrever diferentes palavras. E percebam também que seu som pode ser diferente, dependendo da letra que está ao seu lado, como vimos em unidades anteriores. Assim o som de **e** é diferente em **bem**, **vermelho**, **meu**, **até** e **querer**. Chamamos de fechado o som de "meu" e de aberto o som de "até".

Indo à Sala de Aula 2

Para que seus alunos tenham oportunidade de trabalhar com quadrinhas em ocasiões especiais, realize a atividade a seguir.

• Já que estamos falando de rosa, vamos trabalhar a seguinte quadrinha em sala de aula.

Mamãe é uma rosa
que papai escolheu
eu sou o botão
que a rosa deu.

• Esta quadrinha é uma boa sugestão para homenagear as mães em seu dia e trabalhar vários assuntos:

a O múltiplo significado das palavras

rosa
(flor; pessoa meiga, bonita e carinhosa)

botão
(de roupa; de rosa; de aparelho eletrônico)

b Você pode mostrar também que antes da rosa desabrochar, ela é um botão. Se na escola ou perto da escola tiver uma roseira, mostre às crianças um botão e uma rosa desabrochada.

c Trabalhar as relações familiares.

d Criar frases com as palavras da quadrinha.

e Recriar a quadrinha a partir de lacunas em que são inseridos nomes próprios do pai, da mãe e do filho.

f Circular a letra **e** das palavras e fazer um quadradinho na letra **o**, para que as crianças percebam a repetição dessas vogais nas palavras.

g Destacar do texto uma palavra com a letra **m**, uma com a letra **d**, outra com a letra **p** e outra palavra com a letra **q**, para que as crianças percebam a diferença de som destas consoantes.

Nesta última questão, os alunos destacarão da quadrinha palavras com as letras **p**, **q**, **d**, porque, como o desenho destas letras é muito parecido, com certeza alguns alunos, no início, terão dificuldade em diferenciá-los e fazer a relação entre som e letra.

Sobre este assunto, vamos ler um texto de Miriam Lemle, retirado do livro *Guia Teórico do Alfabetizador*, da Editora Ática, p.8, e desenvolver uma atividade.

"As letras do nosso alfabeto têm formas bastante semelhantes, e por isso a capacidade de distingui-las exige refinamento na percepção. Tomemos alguns exemplos. A letra **p** e a letra **b** diferem apenas na posição da barriguinha em relação à haste vertical, colocada abaixo da linha de apoio ou acima dela. O **b** e **d** diferem apenas na posição da barriguinha em relação à haste. O **p** e **q** diferem entre si por esse mesmo traço, isto é, a posição da barriguinha. Note que os objetos manipulados em nosso dia-a-dia não se transformam, ao mudarem de posição. Uma escova de dentes é sempre uma escova de dentes, esteja virada para cima ou para baixo. Um copo de cabeça para baixo, ainda é um copo. Mas um **b** com a haste para baixo vira um **p**, e um **p** virado para o outro lado vira **q**. Do mesmo modo, um **n** com uma corcova a mais vira **m**, um **e** alongado para cima passa a valer **l**, um **a** sem o seu cabinho passa a ser **o** e assim por diante. São sutis as diferenças que determinam a distinção entre as letras do alfabeto. A criança que não leva em conta conscientemente essas percepções visuais finas não aprende a ler."

Atividade de estudo-4

Depois que Você leu o texto de Miriam Lemle, resuma a idéia principal.

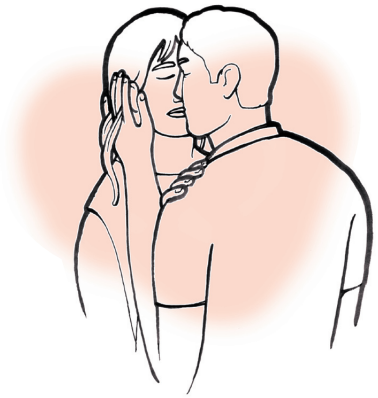
Agora que Você está com o seu resumo pronto, vamos realizar mais atividades.

Avançando na Prática 2

Você percebe que na sala de aula os alunos têm dificuldade em saber diferenciar as letras que a Miriam Lemle destacou no texto? Se tiverem, planeje um trabalho específico para que essas crianças superem essa dificuldade. Para isso, sugerimos duas quadrinhas que poderão entrar no seu planejamento de aula visando trabalhar palavras com as letras **p**, **q**, **b** e **d**

Amar e saber amar
são pontinhos delicados.
os que amam são sem conta,
os que sabem são contados.

Aqui tens meu coração,
mete a mão, tira-o com jeito;
Lá verás que amor tão grande
em palácio tão estreito.



Temos várias possibilidades de desenvolver atividades na sala de aula, utilizando as quadrinhas. Os poemas com mais estrofes também são outro recurso textual excelente para trabalhar a relação entre sons e letras, principalmente os que têm muitas rimas.

Indo à Sala de Aula 3

Para estimular o trabalho com rimas em versos de poemas maiores que as quadrinhas, adaptamos de Assmann, Juracy (org). *Literatura e Alfabetização*, Porto Alegre, Editora Artmed, 2001, p.186-88, para Você desenvolver em sala de aula as atividades seguintes:

A BAILARINA

Esta menina
tão pequenina
quer ser bailarina.

Não conhece nem dó nem ré
mas sabe ficar na ponta do pé.

Não conhece nem si nem fá
mas inclina o corpo para cá e para lá.

Não conhece nem lá nem si,
mas fecha os olhos e sorri.

Roda, roda, roda com os bracinhos no a
e não fica tonta nem sai do lugar.

Põe no cabelo uma estrela e um véu
e diz que caiu do céu.

Esta menina
tão pequenina
quer ser bailarina.

Mas depois esquece todas as danças,
e também quer dormir
como as outras crianças.

(A bailarina. *In: Ou isto ou Aquilo,* Cecília Meireles, Rio de Janeiro,Civilização Brasileira, 1979)

a Peça a cada um que represente por meio de um desenho a profissão que deseja seguir. Recolha os desenhos e organize um painel que pode ser chamado "Eu quero ser". Comente sobre as profissões que as crianças escolheram.

b Escreva no quadro ou em uma folha de papel pardo o poema *A Bailarina*. Omita de todo o texto a palavra **bailarina**, inclusive o título. Faça a leitura do poema sem a palavra bailarina.

c Depois da leitura pergunte às crianças o que a menina quer ser. Ao fazer a perguntar, chame a atenção dos alunos para as rimas do poema, dizendo-lhes que a palavra reveladora do desejo da personagem rima com **menina** e **pequenina**. Descoberta a palavra pela turma, as lacunas do texto são preenchidas com a palavra **bailarina**.

d Leia novamente o poema com as crianças. Peça que elas indiquem as palavras que rimam. Se as crianças estiverem escrevendo, peça a elas que copiem o poema no caderno e circulem as palavras que rimam e relacionem, por exemplo: **pequenina** rima com **bailarina** etc.

e A seguir, Você pode propor as seguintes questões e atividades:

- Quem vê a menina do poema?
- Onde está a menina do poema enquanto dança?
- Circule as estrofes do poema que apresentam os movimentos de uma bailarina.
- Ilustre a estrofe (parte) do poema de que mais gostou, utilizando lápis de cor ou de giz, ou mesmo o lápis de escrever, o lápis preto.

Os trabalhos podem ser expostos no quadro mural da sala juntamente com os realizados na atividade inicial sobre as profissões.

Resumindo

As quadrinhas são textos que surgiram da tradição cultural popular, que vão passando de geração a geração.

A repetição, a rima e o ritmo favorecem a memorização.

É muito importante trabalhar a leitura e a escrita de textos da tradição popular, porque estaremos resgatando uma manifestação cultural que vem sendo substituída por outras e pode desaparecer.

Podemos explorar diversos temas partindo das quadrinhas.

Destacar as letras das palavras é um modo de ensinar a relação entre desenho das letras e seus sons.

É necessário destacar a repetição de letras na escrita das palavras para que as crianças percebam que usamos as mesmas letras para escrever palavras diferentes.

Recriar quadrinhas favorece a formação da consciência da sílaba e da palavra.

SEÇÃO 2

Parlendas e a relação entre letras e sons

Objetivo: Identificar a parlenda como um excelente recurso pedagógico para ensinar aspectos da relação entre letras e sons e atividades de leitura e escrita.

Nesta seção, vamos continuar falando de textos populares. Na seção anterior, falamos das quadrinhas, um tipo de texto da tradição cultural popular, assim como a parlenda. As quadrinhas, as cantigas de roda, as parlendas são textos que as crianças gostam muito, por isso não podem ficar fora do nosso planejamento de ensino. Além do mais, ensinando-os para nossas crianças de forma criativa e divertida no processo de alfabetização, estamos revitalizando a nossa cultura.

Vamos voltar um pouco ao passado.

Mourão, mourão
tome teu dente podre
dá cá meu são.

Estas eram as palavras que o seu Pedro ensinava aos filhos quando as crianças estavam trocando a dentição de leite pela dentição definitiva. Toda vez que um dentinho de leite amolecia e ficava no ponto de ser extraído, seu Pedro amarrava um pedacinho de linha ao redor do dente mole do filho e puxava. Pronto! Era assim que era feita a extração do dente. Depois pedia ao filho que recitasse os versinhos e jogasse o dentinho em cima do telhado da casa.

Essa ação seu Pedro aprendeu com as pessoas mais velhas de sua cidade, São João do Piauí. A parlenda ele também aprendeu com os mais velhos. Contudo não sabia que esses versinhos são chamados de parlenda.

As parlendas são conjunto de palavras com organização rítmica em forma de verso, que podem rimar ou não.

Atividade de estudo–5

Você se lembra de alguma parlenda que seus pais lhe ensinaram quando era criança? Se Você se lembra de alguma, escreva-a e explique em que circunstância isso acontecia.

Veja que as parlendas são recitadas pelas pessoas, mesmo que elas não saibam quem as criou e se, de fato, têm este nome. Todos nós aprendemos parlendas na nossa infância. Qual é a criança que não conhece esta?

Uni duni tê
Salamê minguê
um sorvete coloré
o escolhido foi você

A parlenda é um texto que podemos usar no nosso planejamento com objetivo de exercitar a leitura e a escrita como também explorar temas do cotidiano das crianças.

Voltemos à parlenda **mourão, mourão/ tome teu dente podre/ dá cá meu são**. Partindo deste texto, podemos trabalhar um tema muito relevante e de significado para as crianças: o cuidado com os dentes. Assim, antes de trabalhar a parte da linguagem como leitura e escrita de algumas palavras, podemos falar às crianças da importância de cuidar dos dentes para mantê-los sãos, ou seja:

- ✔ escovar os dentes pelo menos três vezes ao dia;
- ✔ escovar os dentes pela manhã e depois das refeições;
- ✔ trocar a escova de dentes pelos menos de três em três meses.

Com estas explicações, as crianças vão entender o significado da palavra **são** (substantivo de gênero masculino) e **sã** (substantivo de gênero feminino) que é saudável, tem saúde, sadio. E que **podre** é o antônimo de **são** e **sã**, dependendo do contexto. Consideramos esses significados conforme o contexto, isto é, o texto em que a palavra está inserida e de acordo com o tema que está sendo abordado. No caso da parlenda **mourão, mourão** a troca de um dente podre por um são.

Na parte de interpretação da parlenda **tome teu dente podre/dá cá meu são**, explicamos às crianças sobre um acontecimento natural do ser humano, que é a troca de dentes de leite por dentes definitivos, e que muitas crianças na sala de aula estão passando por essa fase.

Já na parte do trabalho específico de linguagem podemos trabalhar com as crianças diversas questões:

- ✔ identificação das palavras dente, são, podre no texto,
- ✔ reconhecimento de antônimos de palavras partindo de exemplo de são e podre até chegar às outras palavras antônimas, tais como bom/mau, bem/mal, saudável/doente.

É importante ressaltar, aqui, que devemos estudar o significado das palavras conforme o sentido do texto em que está inserida e, claro, conforme o seu aspecto morfossintático. Vamos comparar a palavra **são** em dois contextos diferentes.

a “tome teu dente podre/dá cá meu **são**”.

b “Muitos animais **são** ferozes”.

No texto **A** a palavra **são** é um adjetivo e tem o significado de sadio.

No texto **B**, a palavra **são** é o verbo “ser” flexionado na terceira pessoa do plural do presente do modo indicativo.

Atividade de estudo-6

Procure no dicionário o significado da palavra **morfossintaxe** para que possa compreender melhor o significado de morfossintático. Escreva-o nas linha abaixo:

_____

_____

_____

_____

_____

_____

Em outra unidade, daremos continuidade ao tema significado das palavras.

Você percebeu que, a partir de um texto, como a parlenda *Mourão Mourão*, podemos desenvolver várias atividades de leitura e de escrita na sala de aula? Além disso, trabalhamos assuntos relevantes para a vida das crianças, como cuidado com a higiene dos dentes.

Para enriquecer sua aula, sempre procure ampliar os conhecimentos e as experiências das crianças em relação ao tema em foco. Por exemplo, quando Você for falar do tema higiene dos dentes, procure um posto de saúde em sua cidade e peça alguns folhetos sobre higiene bucal. Leve para a sala de aula e mostre às crianças como os especialistas da área de odontologia ensinam a cuidar dos dentes.

Para ampliar o conhecimento de parlendas, peça às crianças de sua turma que façam uma pesquisa com os pais e com as pessoas mais velhas para saber o seguinte:

- Se elas conhecem a parlenda *Mourão, Mourão*.
- Caso conheçam, com quem aprenderam.
- Como usavam e usam a parlenda.

Depois, peça que contem o que descobriram com a pesquisa na sala de aula.

Dessa forma, será criado um momento de socialização do que foi pesquisado pelas crianças.

Você também terá a oportunidade de verificar se as pessoas mais velhas, que foram entrevistadas, tinham o hábito de extrair os dentes dos filhos como fazia seu Pedro.

Você poderá esclarecer às crianças que hoje, como muitas sabem, são os dentistas que extraem os dentes de leite das crianças.

É muito bom registrar alguns fatos que acontecem no nosso contexto de sala de aula. Para isso, durante a atividade de apresentação das pesquisas, Você deve tabular a pesquisa das crianças preenchendo o quadro seguinte, até mesmo para valorizar o trabalho delas.

Número de pais que conhecem a parlenda **Mourão Mourão**	Em que ocasião utilizavam a parlenda	Com quem aprenderam

Essa atividade que Você acabou de fazer é um meio de conhecer um pouco da realidade cultural dos familiares de seus alunos.

Temos várias possibilidades de criar situações pedagógicas atraentes no processo de alfabetização na sala de aula utilizando as parlendas, já que muitas são conhecidas pelas crianças.

Para momentos lúdicos de aprendizagem, podemos organizar atividades que levem as crianças a movimentar o corpo e ao mesmo tempo aprender a ler um texto.

Assim, não precisamos ficar só na sala, podemos usar o pátio da escola ou outro lugar em que se pode desenhar no chão com a ajuda das crianças, que gostam de brincadeiras. Qual é a criança que não gosta de sair um pouco da rotina da sala de aula? Por isso, podemos planejar aulas também em outros lugares da escola.

Muitas parlendas não têm um significado claro, são brincadeiras com os sons das palavras e, portanto, muito interessantes para desenvolver as habilidades auditivas e de pronúncia dos sons, de forma lúdica. A parlenda seguinte é um exemplo de texto que podemos levar para fora da sala de aula.

Devemos ler a parlenda e desenvolver uma atividade de leitura e escrita na sala de aula, antes de desenvolvê-la fora da sala.

Vamos exemplificar como o trabalho com parlendas pode ser agradável, prazeroso e produtivo refletindo sobre as possibilidades de exploração de um texto popular muito conhecido.

Hoje é Domingo
pede cachimbo
cachimbo é de barro
dá no jarro
o jarro é fino
dá no sino
o sino é ouro

dá no touro
o touro é valente
dá na gente
a gente é fraco
cai no buraco
o buraco é fundo
acabou-se o mundo.

Esta parlenda tem várias rimas, ou seja, repetição de sons em várias posições dos versos: domingo/cachimbo; é/pé; barro/jarro; fino/sino; ouro/touro; valente/gente; fraco/buraco; fundo/mundo.

Com a leitura em voz alta da parlenda escrita no quadro, as crianças vão perceber que há palavras que rimam, mas que por causa de uma letra, ou mais letras, são diferentes, veja o caso de:

- sino/**f**ino
- **b**arro/**j**arro
- fundo/**m**undo
- ouro/**t**ouro

É essencial explicar que algumas palavras são parecidas e por causa de uma letra (na escrita) e de um som (na fala) elas se modificam e também mudam de significado.

Para exercitar a identificação de palavras parecidas, podemos pedir às crianças que apontem, no quadro, palavras parecidas, mas que tenham letras diferentes. Daí vamos relê-las e perguntar o significado de cada uma às crianças.

Embora a parlenda não permita uma interpretação única e indiscutível, explique o significado das palavras que as crianças não conhecem. Dê exemplos formulando um texto oral com a palavra e, depois, escreva-o no quadro.

Por exemplo:

"O **jarro** de flores que fica em cima da mesa da sala da casa de dona Júlia é de barro e está pintado de verde. Ela não gosta que as crianças peguem no seu jarro, pois tem medo que ele caia no chão e se quebre."

Quando Você dá um exemplo, como o do texto anterior, a criança pode entender melhor o que significa a palavra **jarro**.

Para que as crianças tenham oportunidade de explorar a leitura a partir da parlenda **Hoje é Domingo**.

Hoje é Domingo
pede cachimbo
cachimbo é de barro
dá no jarro
o jarro é fino
dá no sino
o sino é ouro
dá no touro
o touro é valente
dá na gente
a gente é fraco
cai no buraco
o buraco é fundo
acabou-se o mundo.

Depois de explorar a parlenda em sala de aula, leve as crianças para o pátio da escola ou para outro local em que Você possa desenhar e escrever no chão, usando o giz. Vamos desenvolver um joguinho de memória, seguindo estes procedimentos:

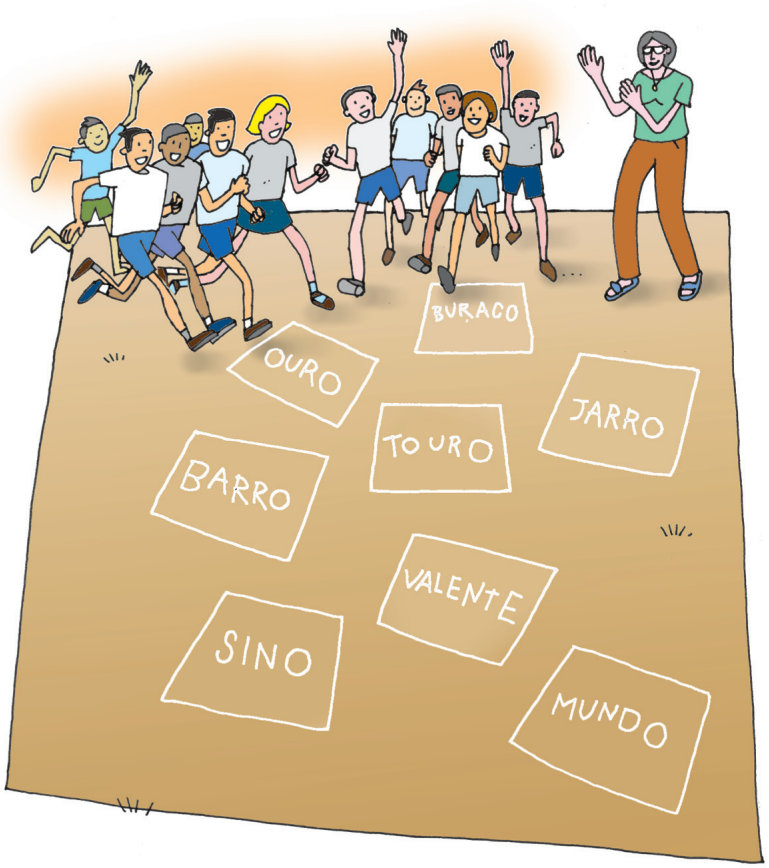
- Divida a turma em grupos.
- Desenhe vários quadrados no chão, mais ou menos oito.
- Escreva uma palavra em cada quadrado: sugerimos as palavras parecidas que rimam: jarro, barro, fino, sino, ouro, touro, valente, gente.
- Conte até três e fale uma palavra, por exemplo: **valente**, o grupo que chegar primeiro à palavra certa e elaborar oralmente uma frase usando a palavra, marca um ponto.
- Repita o procedimento anterior com todas as palavras.
- O grupo que acertar mais palavras e elaborar boas frases ganhará o jogo.

O joguinho no pátio tem como objetivo o aprendizado de palavras parecidas e que rimam. Além disso podemos, verificar se as crianças aprenderam a diferenciar os significados dessas palavras, elaborando oralmente frases que tenham sentido.

De volta à sala de aula, elas poderão escrever as frases ou pequenos textos com as palavras do joguinho.

Todos os textos oferecem oportunidades de focalização de um tópico da língua escrita.

Como exemplo, observamos que na parlenda *Hoje é Domingo*, vamos encontrar palavras grafadas com dois **rr**: **barro** e **jarro** e também com um **r** no meio de palavras: **buraco** e **ouro**. Podemos aproveitar em outra aula e escrever novamente a parlenda no quadro para ensinar a diferença de som do dígrafo **rr** e do som de **r,** se Você achar que é o momento, pois possivelmente as crianças irão perguntar por que algumas palavras são escritas com um **r** e outras com dois **rr.**



Para não ficar complicado no início, podemos dizer que:

Dois **r** (**rr**) tem o som de **r** de **r**ato e um **r** no meio de palavra tem o som do **r** de ca**r**o.

Atividade de estudo–7

Vamos selecionar palavras entre as que as crianças usam com mais freqüência para trabalhar em sala de aula os sons de **r** e **rr.** Escreva no quadro aquelas com um **r** e som de **r** de caro e as com dois **rr,** conforme o indicado.

Palavras com um r e som de r	Palavras com dois rr

É fundamental explicar para as crianças, no processo de alfabetização, que não escrevemos palavras iniciadas com dois rr. É importante chamar a atenção para a separação de sílabas no fim de linha quando há letras repetidas: ss e rr. A primeira letra fica numa sílaba e a segunda, na outra.

Para que as crianças memorizem esses fatos da língua, Você deve reforçá-los com cartazes e com exercícios.

Para exercitar algumas palavras que trabalhamos no texto *Hoje é Domingo*, vamos desenvolver atividades de adivinha com as crianças.

Procure as respostas abaixo.

1) É amarelado, mas não brilha como o sol e rima com touro
2) É feito de barro ou porcelana e mamãe coloca flores
3) Rima com ouro e é muito forte
4) Contrário de forte
5) Tem na parede e no chão, pode ser raso ou fundo
6) Badala na torre da igreja

touro/ fraco/ buraco/ jarro/ ouro/ sino

Conforme o texto que está sendo trabalhado em sala de aula, crie adivinhas como as anteriores para que as crianças relacionem as palavras com o significado. Para exercitar, vamos criar algumas adivinhas para a parlenda seguinte, pois Você poderá usá-la na sala de aula.

CADÊ O TOUCINHO QUE ESTAVA AQUI?

o gato comeu
cadê o gato?
foi pro mato
cadê o mato?
o fogo queimou
cadê o fogo?
a água apagou
cadê a água?
o boi bebeu

cadê o boi?
foi carregar trigo
cadê o trigo?
a galinha espalhou
cadê a galinha?
foi botar ovo
cadê ovo?
o frade bebeu
cadê o frade?
tá no convento.

Escreva as adivinhas que você criou e discuta com os colegas e em sua sala de aula.

Como vimos, o trabalho com parlendas é prazeroso e contribui para que a criança vá consolidando a consciência dos limites da palavra, conheça os seus diversos significados e aprofunde seu conhecimento da representação gráfica dos sons.

Resumindo

Nesta seção, falamos de vários assuntos e desenvolvemos atividades que, com certeza, o ajudarão no seu fazer pedagógico. É importante lembrar que:

A parlenda é um texto da tradição cultural popular que pode servir de contexto para o ensino da leitura e da escrita.

A partir da parlenda, podemos desenvolver outros temas que contribuem para a educação da criança, como cuidar da higiene bucal.

A mudança de um som/letra de uma palavra altera seu significado, por exemplo: sino/fino; fundo/mundo.

Não usamos dois **rr** no início de palavras.

Podemos criar adivinhas, utilizando as parlendas como fizemos em algumas atividades, para tornar as aulas mais divertidas.

SEÇÃO 3

Cantigas de roda e a relação entre letras e sons

Objetivo: Desenvolver atividades de interpretação, produção textual e formação de palavras a partir de temas das cantigas de roda.

Nesta seção, vamos continuar trabalhando com os textos populares. Desta vez, relembraremos as cantigas de roda, tão marcantes da nossa infância e que até hoje fascinam as crianças. Assim, trabalhamos a diversidade cultural por meio de gêneros textuais diversos.

Além de contribuir para manter nossas tradições culturais, levando as cantigas de roda para a sala de aula, elas servirão como contexto para o aprendizado da leitura e da escrita. Também, como fizemos nas outras seções, desenvolveremos temas significativos a partir das cantigas.

Além do mais, o trabalho pedagógico com as cantigas de roda proporciona aulas interativas, divertidas e prazerosas.

Em muitas cidades do Brasil, devido à violência, muitas crianças não têm mais a oportunidade de brincar de roda na rua. A única opção de lazer, às vezes, é assistir televisão. Dessa forma, deixam de conhecer uma tradição cultural popular que já foi tão viva em outros tempos.

Se Você tem alunos que não brincam de cantiga de roda na rua, pode resgatar o costume e criar essa oportunidade na escola.

Pesquisando Evidências 2

Vamos fazer uma pesquisa na sala de aula? Pergunte às crianças se elas têm costume de brincar de roda no bairro onde moram e quais cantigas conhecem? Escreva o resultado da pesquisa no quadro a seguir.

Número de crianças que brincam de roda no bairro	Cantigas de roda que as crianças conhecem

Conforme o resultado da pesquisa, Você verá se a tradição de brincar de roda é um tipo de atividade que faz parte do lazer das crianças ou não.

Você tem alguma fita ou CD de cantigas de roda?

Se ainda não tem, seria oportuno fazer uma campanha na comunidade para adquirir.

Se conversar com os colegas, Vocês podem planejar uma forma de conseguir os recursos financeiros necessários para comprar toca CDs ou gravadores. Vocês podem fazer rifas, sorteios, bingos, feiras, festas, pedágio.

A escola poderá, então, revitalizar as cantigas de roda, tornando a rotina e os horários de recreio mais alegres.

O resgate das tradições culturais da comunidade é uma tarefa importante da escola. Essa retomada dos costumes e dos saberes populares eleva a auto-estima e fortalece os laços entre as pessoas da família, entre as gerações e os diversos segmentos sociais do grupo. A identidade cultural depende desse esforço de valorização dos bens simbólicos.

Indo à Sala de Aula 6

Para que as crianças também se envolvam nas atividades de pesquisa e conheçam um pouco da história das pessoas mais velhas do bairro onde moram, realize esta atividade.

- Peça a elas que perguntem aos vizinhos mais velhos se eles brincavam de roda e quais as cantigas que eles conhecem.
- Com o resultado da pesquisa, as crianças vão perceber se as pessoas mais velhas tinham a brincadeira de roda como uma atividade de lazer.
- Relatar sua experiência é um modo de exercitar o texto oral.
- Peça às crianças que relatem como foi a pesquisa.
- As crianças também podem relatar a experiência em um texto escrito, pois é uma forma de Você acompanhar o desenvolvimento da sua escrita.

Agora, vamos exemplificar como Você pode desenvolver algumas atividades de leitura e de escrita, utilizando as cantigas de roda na sala de aula.

Vamos começar com uma das cantigas de roda mais conhecidas: *Se Esta Rua Fosse Minha.*

Se esta rua, se esta rua
fosse minha
eu mandava,
eu mandava ladrilhar
com pedrinhas,
com pedrinhas de brilhantes
para o meu,
para o meu amor passar.
Nesta rua,
nesta rua tem um bosque
que se chama,
que se chama solidão
dentro dele,
dentro dele mora um anjo
que roubou,
que roubou meu coração.
Se eu roubei,
se eu roubei teu coração
tu roubaste,
tu roubaste o meu também
se eu roubei,
se eu roubei teu coração
é porque,
é porque te quero bem.

Essa cantiga de roda é riquíssima de temas que podemos desenvolver em nossa sala de aula. Inicialmente é interessante organizar o ambiente para que as crianças possam unir as mãos e movimentar o corpo, cantando esta cantiga. Isso pode ser feito em sala, no momento da aula, utilizando o texto para introduzir temas a serem estudados, ou pode ser feito como momento de lazer e recreação.

Com essa atividade, as crianças vão desenvolver algumas habilidades que Você indicará na atividade a seguir.

Atividade de estudo-8

Quando as crianças estão brincando de cantiga de roda, exercitam algumas habilidades. Marque um X nas habilidades que elas podem exercitar nesta atividade:

a) Falar
b) Ouvir
c) Pronunciar palavras
d) Escrever
e) Movimentar o corpo
f) Cantar
g) Fazer mímica
h) Reconhecer rimas

Agora que Você fez suas escolhas, justifique-as.

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

Você percebeu que, quando trabalhamos a cantiga de roda, podemos também exercitar certas habilidades de nossos alunos. Podemos também explorar vários temas na sala de aula e trazer o tema da cantiga para a nossa realidade.

Indo à Sala de Aula 7

Utilize a cantiga de roda *Se Esta Rua Fosse Minha* para desenvolver as atividades a seguir. Você pode desenvolvê-las em várias aulas.

- Brincar de roda (alunos e professor), cantando a cantiga.
- Desenhar uma rua ladrilhada, conforme a imaginação delas.

Para instigar mais um pouco as crianças, podemos levá-las a pensar em um lugar mágico ladrilhado de brilhantes e onde seria esse lugar. O desenho é uma forma de expressar a imaginação, assim, com certeza as crianças vão representá-la, construindo seus desenhos.

- Escrever o texto *Se Esta Rua Fosse Minha* no quadro e ler em voz alta com as crianças. Se as crianças já conseguem ler, podem ler sozinhas sem a sua ajuda.

É importante escrever o texto no quadro e lê-lo, mostrando palavra por palavra para que as crianças aprendam desde cedo a escrever as palavras de modo ortográfico. Porém, sabemos que, até elas conseguirem isso, vão escrever de várias formas tentando imitar a fala.

- Trabalhar a interpretação da cantiga de roda, fazendo perguntas às crianças, com o objetivo de levá-las a construir uma significação do texto.

Sugestões de perguntas:

-De que fala essa cantiga de roda?

-Podemos imaginar uma rua ladrilhada de pedras preciosas?

-Para quem seria essa rua tão bonita?

-Quais as situações reais em que enfeitamos a rua, a casa, a escola, a igreja?

-O que utilizamos como enfeite?

- Explorar o vocabulário, pois as crianças talvez desconheçam algumas palavras, por exemplo:

Ladrilhar: cobrir ou revestir com ladrilhos. Ladrilhos são tijolos para forrar o chão ou revestimento de cerâmica para revestir paredes.

Bosque: mata, floresta, selva.

Vamos estudar as palavras do texto com outra atividade?

O objetivo aqui é perceber se os alunos lêem palavras do texto misturadas a outras palavras parecidas.

- Escreva as palavras abaixo no quadro e peça que os alunos apontem aquelas que aparecem no texto *Se Esta Rua Fosse Minha*.

lua nua rua sua
meu seu véu céu
bem cem vem

- Formar palavras.

Peça aos alunos que descubram, com a sua ajuda, as palavras

cor + ação é igual a_____
nua – n + l é a _____
meu sem m sou _____
cesta – c + n é _____

• Trabalhar a escrita.

Se os alunos já estão escrevendo, peça que elaborem uma história sobre uma rua enfeitada e com um bosque, depois escolha um ou mais textos, escreva-os no quadro e leia-os com todas as crianças. Faça a correção dos textos no quadro, mostrando às crianças como se escreve, conforme está no dicionário, algumas palavras que estão com a escrita incorreta.

• Trabalhar a contextualização, enfatizando a realidade das crianças.

Peça às crianças que descrevam a rua onde moram.

Pergunte se a rua onde moram é calçada, asfaltada ou sem asfalto.

Elabore um texto coletivo no quadro descrevendo a rua de um dos alunos. Depois peça que cada um escreva um pequeno texto descrevendo a rua onde mora.

Desenvolvendo a nossa criatividade, podemos planejar várias atividades pedagógicas a partir de um único texto e ensinar vários assuntos. Anteriormente mostramos algumas possibilidades, temas que podem ser trabalhados na sala de aula, por exemplo: interpretação, vocabulário entre outros.

Atividade de estudo-9

Vamos tentar trazer o tema da cantiga de roda para a nossa realidade imediata. Observe a rua da escola onde Você trabalha (pontos positivos e negativos). Depois faça uma descrição de como é a rua de sua escola e o que Você faria para que ela ficasse melhor.

Para dar continuidade ao texto que Você produziu na atividade anterior, no qual registrou as belezas e os problemas da rua de sua escola, vamos completar a temática, desenvolvendo a atividade a seguir:

Atividade de estudo-10

Agora que já se sabe como é a rua onde alguns alunos moram e Você descreveu como é a rua da escola em que trabalha, liste no quadro a seguir palavras que estão relacionadas aos problemas das ruas descritas e as que indicam soluções. Veja o exemplo.

Problemas	Soluções
lixo	coleta

Atividades que resumem conversas, observações e debates são muito produtivas para organizar as idéias. Esta é uma habilidade necessária em várias situações da vida.

Já que Você exercitou a escrita elaborando um texto descritivo, vamos desenvolver uma atividade sobre o tema intertextualidade, para que se possa comparar dois textos parecidos.

Atividade de estudo-11

Leia o seguinte poema e compare com a cantiga de roda *Se Esta Rua Fosse Minha*.

PARAÍSO

Se essa rua fosse minha,
eu mandava ladrilhar
não para automóvel matar gente
mas para criança brincar.

Se essa mata fosse minha,
eu não deixava derrubar.
Se cortarem todas as árvores,
onde é que os pássaros vão morar?

Se esse rio fosse meu,
eu não deixava poluir.
Joguem esgoto em outra parte
que os bichos moram aqui.

Se esse mundo fosse meu,
eu fazia tantas mudanças
que ele seria um paraíso
de bichos, plantas e crianças.

(*Poemas Para Brincar*, 16ª ed., José Paulo Paes, São Paulo, Editora Ática, 2002)

Para Você responder às questões, primeiro vamos falar sobre intertextualidade.

Muitos escritores modernos fazem seus textos usando idéias e modelos que vêm da tradição popular. Quando um texto usa partes de outro, baseia-se em outro ou faz lembrar estruturas de outro texto, podemos dizer que existe intertextualidade. Isso não significa imitação ilegal, ou seja, plágio. O autor usa deliberadamente esse recurso de criatividade.

Agora responda as perguntas abaixo:

a Quais são as evidências de intertextualidade entre os dois textos?

b Qual é o tema que pode ser explorado a partir desse poema?

c Justifique a escolha do título.

Antes de terminar o estudo desta Unidade, verifique a sua compreensão dessa atividade na parte de respostas.

Resumindo

Trabalhando o texto das cantigas de roda em sala de aula, podemos:

Criar momentos de lazer e aprendizado ao mesmo tempo.

Trabalhar a interpretação textual, explorando o significado das cantigas.

Produzir textos a partir de temas dessas cantigas.

Extrair palavras e substituir letras/sons para escrever palavras conhecidas da nossa língua.

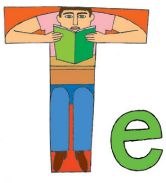
Compreender que um texto pode lembrar outro por meio do recurso da intertextualidade.

Desenvolver várias atividades de aprendizagem de leitura e escrita, utilizando a cantiga de roda.

Leitura sugerida

AZEVEDO, Ricardo. *Armazém do folclore.* São Paulo: Ática, 2000.

Este livro traz uma coletânea de textos populares: quadrinhas, frases feitas, trava-línguas, advinhas, lendas, ditados populares entre outros textos. É um recurso didático essencial para o professor utilizar no processo de leitura e escrita na alfabetização das crianças, na abordagem e resgate da tradição de textos populares.



Texto Complementar

Vamos saber mais sobre textos populares lendo o texto a seguir.

"O que são poemas, canções, cantigas de roda, adivinhas, trava-línguas, parlendas e quadrinhas?

As adivinhas, as cantigas de roda, as parlendas, as quadrinhas e os trava-línguas são antigas manifestações da cultura popular, universalmente conhecidas e mantidas vivas através da tradição oral.

São textos que pertencem a uma longa tradição de uso da linguagem para cantar, recitar e brincar. A maioria deles é de domínio público, ou seja, não se sabe quem os inventou: foram simplesmente passados de boca a boca, das pessoas mais velhas para as pessoas mais novas.

Os poemas servem para divertir, emocionar, fazer pensar. Geralmente têm rimas e apresentam diferentes diagramações. São textos com autoria, isto é, geralmente sabemos quem os fez.

Convite
Poesia
É brincar com palavras
como se brinca com bola, papagaio, pião
só que
bola, papagaio, pião
de tanto brincar
se gastam

(poema de José Paulo Paes)

Todos nós conhecemos poemas, pois são textos de conhecimento popular. São parecidos com as canções, só que não são musicados. Alguns são feitos especialmente para crianças. Os poemas, assim como as quadrinhas e os trava-línguas, "brincam" com os sons das palavras e com o seu significado.

Tenho sede
Traga-me um copo d'água
Tenho sede
E esta sede pode me matar
Minha garganta pede
Um pouco d'água
E os meus olhos pedem
Teu olhar
A planta pede chuva
Quando quer brotar
O céu logo escurece
Quando vai chover
Meu coração só pede
Teu amor
Se não deres
Posso até morrer.

(Canção de Dominguinhos e Anastácia)

As cantigas de roda são textos que servem para brincar e divertir. Com bastante freqüência se encontram associadas a movimentações corporais em brincadeiras infantis.

Cai Cai Balão
cai, cai balão
cai, cai balão
aqui na minha mão.
Não cai não, não cai não, não cai não
Cai na rua do sabão.

As adivinhas servem para divertir e provocar curiosidade. São textos curtos, geralmente encontrados na forma de perguntas: O que é, o que é? Quem sou eu? Qual é? Como? Qual a diferença?

O que é, o que é que cai em pé e corre deitado?
Resposta: A chuva

Os trava-línguas brincam com o som, a forma gráfica e o significado das palavras. A sonoridade, a cadência e o ritmo dessas composições encantam adultos e crianças. O grande desafio é recitá-los sem tropeços na pronúncia das palavras.

O rato roeu a roupa do rei de
Roma,
O rato roeu a roupa do rei da
Rússia,
O rato roeu a roupa do
Rodovalho...
O rato a roer roía.
E a rosa Rita Ramalho
Do rato a roer se ria.

As parlendas são conjuntos de palavras com arrumação rítmica em forma de verso, que podem rimar ou não. Geralmente envolvem alguma brincadeira, jogo, ou movimento corporal.

Boca de forno
Forno
Tira um bolo
Bolo
Se o mestre mandar!
Faremos todos!
E se não for?
Bolo!

As quadrinhas são estrofes de quatro versos, também chamadas de quartetos. As rimas são simples, assim como as palavras que fazem parte do seu texto.

Roseira, dá-me uma rosa;
Craveiro, dá-me um cravo;
Menina, dá-me um abraço,
que eu te dou meu coração.”

(texto retirado do livro *Alfabetização: livro do professor*. 2ª ed.,Ana Abreu *et al.*, Brasília, FUNDESCOLA/SEF/MEC, 2001, p.52-55)

A seguir, temos alguns textos populares que Você poderá utilizar em seu planejamento, para desenvolver algumas atividades com os alunos em sala de aula.

Quadrinhas

A rosa vermelha
é meu bem-querer
a rosa vermelha e branca
hei de amar até morrer

Eu não quero me casar
com homem que enviuvou
eu não quero criar filhos
que outra mulher gerou.

Parlendas

Ra re ri ro rua
perua
saia do meio da rua.
uni pandi
cirandi
deu picoti
deu pandi
picoté
ticotá
é pi
san vá

Dedo mindinho
seu vizinho
maior de todos
fura bolo
mata piolho.

O macaco foi à feira
não sabia o que comprar
comprou uma cadeira
para a comadre se sentar.

Cantiga de roda

Roda Pião

O pião entrou na roda, ô pião [bis]
roda pião, bambeia pião [bis]
sapateia no terreiro, ô pião [bis]
faça uma cortesia, ô pião [bis]

A GALINHA DO VIZINHO

A galinha do vizinho
bota ovo amarelinho
bota um, bota dois,
bota três, bota quatro,
bota cinco, bota seis,
bota sete, bota oito,
bota nove, bota dez.

PEIXE VIVO

Como pode um peixe vivo
Viver fora da água fria [bis]

Como poderei viver [bis]
sem a tua, sem a tua
sem a tua companhia. [bis].

Bibliografia

AZEVEDO, Ricardo. *Armazém do folclore.* São Paulo: Ática, 2000.

CAGLIARI, Luis Carlos. *Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu.* São Paulo: Ática, 1999.

MEIRELES, Cecília e CASTRO, Josué. *A festa das letras.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

REVERBAL, Olga. *Jogos teatrais na escola.* São Paulo: Scipione, 2002.

SARAIVA, Juracy Assmann (org). *Literatura e alfabetização.* Porto Alegre: Artmed, 2001.

Respostas das atividades de estudo

Atividade de estudo 1

a) Professor(a), quem não se lembra de uma quadrinha de infância? A resposta é pessoal, mas com certeza Você deve conhecer uma dessas quadrinhas a seguir:

Sete mais sete são catorze
Três vezes sete, vinte e um
Tenho sete namorados
Não me caso com nenhum.

Eu não vou em sua casa
Pra você não ir na minha
Você tem a boca grande
Vai comer minha galinha.

b) Os recursos de linguagem da quadrinha são a rima (como em cor/amor), coincidência de sons na mesma posição (fim de verso), repetição de palavras/ritmo: quantidade de sílabas em cada verso.

Atividade de estudo 2

Trabalhando os nomes de flores, plantas e cores.

1) Perguntar os nomes de flores e plantas que as crianças conhecem.

Escrever no quadro os nomes que elas vão falando, assim, por exemplo.

Rosa (desenhar rosas de várias cores)

Margarida (desenhar margaridas brancas e amarelas)

2) Ler em voz alta com as crianças, indicando as palavras no quadro. Perguntar às crianças qual é a palavra 'rosa' e qual é a palavra 'margarida'.

3) Solicitar que as crianças escrevam as palavras no caderno.

Acompanhar de perto a escrita que apresenta maior dificuldade.

4) Com esse tipo de trabalho, as crianças aprenderão os nomes de flores, plantas e de algumas cores.

Atividade de estudo 3

A resposta é pessoal e muito fácil, basta somente exercitar seu lado escritor. Para ficar mais fácil ainda, veja a sugestão seguinte.

Marina Cristina
é meu bem querer
Marina Cristina
hei de amar até morrer

Atividade de estudo 4

Veja o resumo que elaboramos. Lembre-se, no resumo, precisamos preservar a idéia principal do texto-base.

As letras do nosso alfabeto têm formas muito parecidas. É necessário refinamento na percepção para distingui-las. A criança que não leva em conta, conscientemente, a diferença entre o formato das letras, ou seja, não desenvolve a percepção visual fina, não aprende a ler.

Atividade de estudo 5

Essa atividade tem como objetivo verificar se Você conhece alguma parlenda que foi ensinada pelo seu pai ou pela sua mãe. Caso conheça, isso prova a força da tradição de um texto popular.

Atividade de estudo 6

O significado da palavra morfossintaxe segundo o dicionário é o estudo das categorias gramaticais a partir de critérios extraídos da morfologia e da sintaxe.

Atividade de estudo 7

Professor(a), a seguir vamos relacionar algumas palavras com r e rr que as crianças usam com freqüência.

Palavras com um r e som de r	Palavras com dois rr
cara	cachorro
coração	carro
hora	arroz
mora	terra
chorar	barriga

Atividade de estudo 8

a) Quando a criança brinca de cantiga de roda, exercita várias habilidades, tais como: ouvir, pronunciar palavras, movimentar o corpo e cantar.

b) Ao brincar de cantiga de roda, elas exercitam muitas habilidades ao mesmo tempo, que são:

Ouvir a sua própria voz e das outras crianças; quando cantam exercitam a pronúncia das palavras e, de mãos dadas, formam uma roda que se movimenta em sintonia com as expressões corporais.

Atividade de estudo 9

Demos um possível exemplo de um texto c om a descrição de ruas.

A rua da escola onde trabalho tem muitas casas. Outras estão sendo construídas. No asfalto tem muitos buracos. Quando chove, os buracos aumentam de tamanho. Há uma praça com jardim que precisa ser mais cuidada pela prefeitura e pelos moradores.

Para que ela fique melhor para os moradores, precisa de algumas obras: pavimentação asfáltica, colocação de meios-fios e de lixeiras públicas na praça.

Atividade de estudo 10

O objetivo dessa atividade é indicar com palavras um problema e uma possível solução. Veja alguns exemplos:

Problemas	Soluções
lixo	coleta
buraco	tapar
escuridão	iluminação
sujeira	limpeza
mato	capina

Atividade de estudo 11

a) Nessa seção, destacamos dois poemas que têm como tema S*e Essa Rua Fosse Minha*. A cantiga de roda de criação popular e o poema de José Paulo Paes *Paraíso*. Nesse poema há intertextualidade, porque o autor usa partes da cantiga de roda "Se essa rua fosse minha", como mostra o exemplo: Se essa mata fosse minha/ eu não deixava derrubar.

Portanto, as evidências de intertextualidade entre os dois textos são a frase "se essa rua fosse minha" / eu mandava ladrilhar... E também a estrutura do poema.

b) Temos várias possibilidades de temas a serem explorados a partir do poema *Paraíso*, destacamos entre eles a preservação da natureza.

c) O título do poema *Paraíso* pode ser justificado pela última estrofe:

Se esse mundo fosse meu,
eu fazia tantas mudanças
que ele seria um paraíso
de bichos, plantas e crianças.

nvestigação da prática-7

A seguir, Você tem alguns textos populares (quadrinha, parlenda e uma cantiga de roda). Escolha um deles e crie algumas atividades, conforme o que foi desenvolvido nesta unidade, para que Você utilize no planejamento de aula, de acordo com a experiência de leitura e escrita dos seus alunos.

Quadrinha

Tenho fome, tenho sede,
mas não é de pão nem vinho;
tenho fome de um abraço,
tenho sede de um beijinho.

Parlenda

Lá atrás da minha casa
tem uma vaca chocadeira
quem rir ou falar primeiro
corre o bicho e a bicheira.

Cantiga de roda

Sai, sai, sai
ó piaba,
saia da lagoa.
bota a mão na cabeça
outra na cintura
dá uma umbigada
na outra.

Sessão Presencial Coletiva 7

O objetivo desta oficina é aprofundar o tema da unidade 7: textos populares. Nesta unidade, não trabalhamos todos os tipos de textos populares, mas aqui, na oficina, os professores terão a oportunidade de saber mais sobre esses textos.

Etapa 1

Reler o texto **O que são poemas, canções, cantigas de roda, adivinhas, trava-línguas, parlendas e quadrinhas?**

Sugerimos que cada um leia um parágrafo.

Etapa 2

Em subgrupos, discutir as questões norteadoras a seguir e tomar nota das principais conclusões.

1) Os textos populares, segundo sua experiência, ainda são utilizados pelas crianças nas brincadeiras? Explique por quê.

2) Na sua comunidade, a televisão tomou o lugar das brincadeiras de roda? Explique por quê.

3) Trabalhar os textos populares na alfabetização é uma forma de resgatar a tradição cultural popular? Explique por quê.

Etapa 3

Reunir todos os grupos numa plenária e apresentar as conclusões parciais.

Depois da discussão, a turma de professores deverá ser dividida em grupos. Cada grupo escreverá um pequeno texto (mínimo de 10 linhas) em uma folha de papel pardo sobre o seguinte tema: **A importância de se ensinar textos populares na alfabetização.**

Etapa 4

Fechamento da oficina: cada grupo afixará seu cartaz no quadro ou na parede e lerá o que foi escrito sobre o tema proposto. Ao final das apresentações, o formador fará uma síntese das principais idéias desenvolvidas na sessão.

UNIDADE 8

Produção coletiva de textos

Stella Maris Bortoni-Ricardo

Produção coletiva de textos

Iniciando a nossa conversa

Amigo(a) Professor(a)

Ao longo de nosso trabalho, temos falado muito sobre diversos gêneros de texto. Nesta unidade vamos cuidar especialmente da produção coletiva de textos. Há muitas coisas que fazemos em grupo, como praticar esportes, dançar, cantar, conversar. Essas atividades coletivas sempre nos trazem satisfação. Produzir um texto coletivamente pode também ser muito divertido e é uma maneira eficiente de ajudarmos uns aos outros. No nosso cotidiano, muitas vezes, precisamos escrever junto com outras pessoas: trabalhos em grupo, cartas coletivas, petições, convites, relatórios e outros textos. Quando duas ou mais pessoas trabalham juntas, sempre surge oportunidade de partilharem informações e de se ajudarem mutuamente. Quando as crianças começam a produzir textos, além dos espontâneos, em que escrevem livremente, a escrita coletiva é uma oportunidade de exercício do processo como um todo, desde a organização das idéias até a revisão final. Nesta unidade, teremos condição de discutir o trabalho coletivo, sugerindo idéias que podem ser desenvolvidas por Você para enriquecer sua própria experiência e seu trabalho pedagógico.

Nosso trabalho está organizado em três seções:

NA SEÇÃO 1,
vamos exercitar a produção de diálogos como são encontrados nas histórias em quadrinho. Buscaremos inspiração em uma ou mais obras de arte para a produção de nossos textos conjuntos.

NA SEÇÃO 2,
trabalharemos com histórias, especialmente fábulas e contos populares.

NA SEÇÃO 3,
vamos enfatizar as habilidades de produzir coletivamente textos reais e de transformar textos promovendo a reflexão lingüística.

Nosso horizonte

Com o trabalho desta unidade, nós vamos:

1. Reconhecer que a produção de diálogos de histórias em quadrinhos é uma atividade produtiva para a sala de aula.

2. Identificar estratégias de produção coletiva de textos a partir de fábulas e outros contos populares infantis.

3. Construir estratégias de produção coletiva de textos reais e de análise

SEÇÃO 1

Produzindo diálogos dinâmicos e representativos

Objetivo: Reconhecer que a produção de diálogos de histórias em quadrinhos é uma atividade produtiva para a sala de aula.

Nesta seção vamos exercitar a produção de diálogos como são encontrados nas histórias em quadrinho (HQ). Vamos também buscar inspiração em uma ou mais obras de arte para a produção de nossos textos conjuntos.

Produzir diálogos é uma habilidade muito especial porque, ao escrevê-los, temos de ser fiéis às características do personagem. Um homem adulto fala diferente de um menino e ambos, por sua vez, falam diferente de uma mulher adulta ou de uma menina. Além disso, cada personagem se expressa de acordo com o seu papel social e a ação que está desempenhando naquele momento: de professora, de namorado, de médico, de crianças brincando etc.

As HQ incorporam muito dessa dinâmica das interações da vida real. Por isso é um bom exercício trabalharmos, sempre em grupo, diálogos que poderão preencher os balõezinhos de uma HQ.

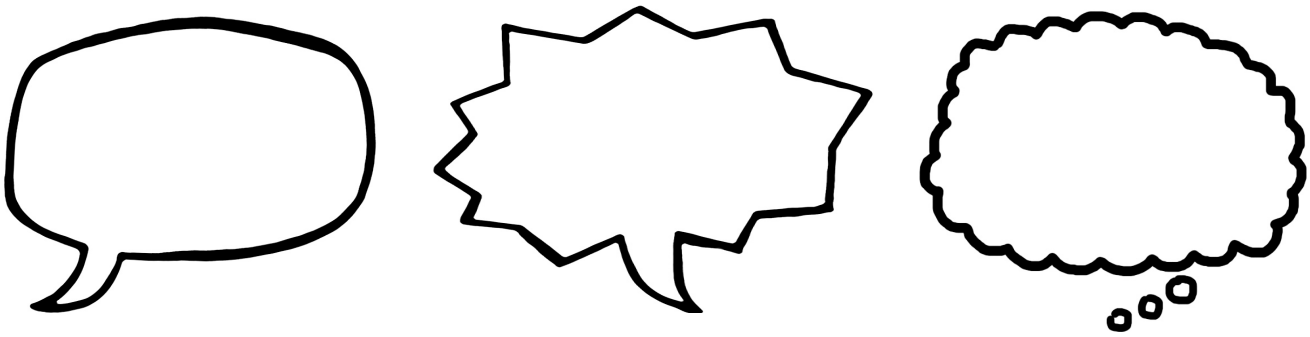
Você tem o hábito de ler histórias em quadrinho? Já teve oportunidade de levá-las à sua sala de aula? Se seus alunos não estão familiarizados com esse gênero, sugerimos que dedique algumas aulas a explorar as suas características, como, por exemplo, a sucessão das ações representadas na forma como os quadrinhos se apresentam; balões que representam diálogos e balões que representam pensamentos; histórias que são obras abertas, isto é, que permitem mais de uma interpretação ao final.

Atividade de estudo-1

Antes de levar histórias em quadrinho para a sala de aula, exercite Você mesmo(a) a sua criatividade na criação de diálogos nesse tipo de histórias. Observe a historinha que reproduzimos. Veja como ela somente pode ser compreendida quando lemos as falas finais. Dê um título à história e crie falas para as personagens nos 5 primeiros quadrinhos, mantendo o espírito da história.

A criação dos diálogos nos ajuda a entender melhor o enredo.

Os diálogos que Você criar poderão ser reproduzidos em balõezinhos, assim:



O último balão da direita é empregado para indicar o pensamento da personagem.

Você elaborou sozinho(a) os diálogos da historinha do lenhador. Mas essa é uma atividade que pode ser desenvolvida em conjunto. Este trabalho em grupo é muito enriquecedor porque a troca de idéias permite que um leitor ajude o outro a compreender a história e a selecionar melhor as palavras. Quando temos que formular os diálogos, pensamos na seleção das palavras, na organização das frases, na pontuação e em muitos outros aspectos da fala e da escrita.

Para que seus alunos exercitem a criação de diálogos coletivamente, desenvolva a seguinte atividade.

Se Você puder, amplie uma historinha curta, colocando balões nos lugares onde deve ser escrita a fala da personagem. Se não puder, leve uma cópia para cada aluno.

Incentive seus alunos a discutirem o enredo da historinha. Nas discussões, eles poderão propor enredos diferentes, mas é importante tentar acompanhar o que a historinha sugere pelos desenhos.

Os alunos podem sugerir um título.

Cada frase que reproduz uma fala ou um pensamento deve ser apresentada por qualquer aluno que deseje fazê-lo e depois discutida e reformulada. Você pode sugerir alterações.

Enquanto escreve no quadro, Você vai chamando a atenção dos alunos para detalhes da escrita: desenho das letras, uso de maiúsculas, acentos, grafia das sílabas, pontuação... Releia cada frase, reavaliando-as para que as crianças compreendam que lemos muitas vezes enquanto escrevemos.

Durante todo esse processo, é muito importante que os alunos aprendam a dar e a acatar sugestões e críticas e, principalmente, se familiarizem com a dinâmica da produção conjunta de texto: um aluno fala de cada vez, pedindo licença com o braço levantado.

Os alunos podem, copiar as frases escritas pelo professor no balão da sua folha.

Além de escrever os textos do diálogo dentro dos balões, ou seja, o discurso direto das personagens, um exercício muito produtivo é a narração da história em outras palavras, elaborando um texto independente da imagem. Assim, depois de uma atividade oral de interpretação e compreensão dos episódios de uma história em quadrinho, o professor pode levar os alunos a produzirem coletivamente um texto narrativo recontando a história. Nesse caso, há duas possibilidades de inserir o diálogo:

- ✔ mantendo o discurso direto pelo uso de travessão no início de cada fala;
- ✔ indicando de forma indireta quem vai falar e o que vai falar pelo uso de verbos como: disse, falou, retrucou, respondeu, afirmou...

Avançando na Prática 1

A seguir, Você encontra duas historinhas com o Cebolinha. Na primeira, ele dá banho em seu cachorro Floquinho. Na segunda, Cebolinha está tentando fazer uma escultura.

São duas situações engraçadas de que seus alunos vão gostar.

Reflita sobre os pensamentos dos personagens.

Guarde uma cópia da historinha sem os balões e faça outras com sugestões de balões, para seu futuro trabalho em sala de aula.

Elas lhe vão ser úteis para que seus alunos vejam a história com o mesmo enredo, mas com variações.

A composição coletiva de textos, mesmo quando as crianças ainda não sabem escrever, é um exercício que favorece a construção de diversas habilidades necessárias para a produção de textos orais e escritos. Pelo trabalho coletivo, as crianças acompanham as diversas etapas do processo:

- ✔ estabelecer objetivos para o texto;
- ✔ associar o texto a uma prática social (se for um convite, por exemplo);
- ✔ estudar o tema;
- ✔ decidir o gênero de texto;
- ✔ conhecer a organização do texto no espaço;
- ✔ selecionar e organizar as idéias;
- ✔ decidir a ordem em que serão escritas;
- ✔ selecionar o vocabulário;
- ✔ formular as frases;
- ✔ grafar as palavras corretamente,
- ✔ pontuar;
- ✔ reler para avaliar;
- ✔ reformular quando necessário;
- ✔ avaliar a coerência textual;
- ✔ avaliar se os objetivos foram alcançados.

Pesquisando Evidências 1

Na nossa vida diária, estamos sempre lidando com textos.

Durante a última semana, com que textos Você lidou?

Procure se lembrar e consulte também as pessoas de sua convivência. Faça um levantamento de textos que estão normalmente presentes no seu meio social. Podem ser textos manuscritos; impressos; textos eletrônicos, como os que Você obtém nos caixas eletrônicos dos bancos; propagandas de supermercado etc.

Pense, especialmente, nos textos que Você produziu.

A seguir, vamos conversar mais sobre sua produção de textos para dar-lhe mais subsídios.

Já vimos que a produção de texto individual ou coletiva passa por diversas etapas. Precisamos ter sempre em mente algumas estratégias de produção. Devemos analisar todas as etapas já mencionadas, observando quais delas realizamos conscientemente.

Nesse processo, identificamos também os procedimentos que ainda precisamos incorporar na nossa prática para melhorar nossa produção.

Lembre-se que, pela vida toda, estamos sempre procurando melhorar nossa produção de textos. Nunca chegamos a um ponto satisfatório. Enquanto estamos vivos podemos melhorar.

Todas as oportunidades que surgirem de produção coletiva devem ser aproveitadas de forma que Você vá mostrando a seus alunos quais são os procedimentos reais de elaboração de textos. Podem ser utilizados na sala de aula para a produção coletiva: convites, avisos, bilhetes, cartas, requerimentos, relatórios, planejamentos, receitas, instruções, entre outros inúmeros gêneros de texto. Quando escrevemos na vida real, planejamos, rascunhamos, reelaboramos, revisamos, até que o texto esteja satisfatório. Esses procedimentos devem ser construídos pouco a pouco, enquanto a criança escreve espontaneamente e participa de atividades de produção coletiva.

Uma atividade que pode ser muito produtiva na criação de textos coletivos é a formulação de uma história a partir de uma figura, uma foto ou um quadro. A análise da imagem já é em si uma atividade que desenvolve a criatividade, a imaginação, a observação e a habilidade de descrição. A apreciação da arte, especialmente, é um exercício estimulante

e enriquecedor para as crianças. Sempre que possível, Você deve incentivar seus alunos a focalizarem a atenção em uma imagem e a interpretarem as mensagens subentendidas que pode trazer. A formulação de texto a partir da imagem, coletivamente, desenvolve também todos aqueles procedimentos componentes do processo da escrita citados anteriormente.

Indo à Sala de Aula 2

Para a apreciação da arte e produção conjunta de textos.

Leve à sala de aula a reprodução da pintura *As Gêmeas* de Albert Da Veiga Guignard.

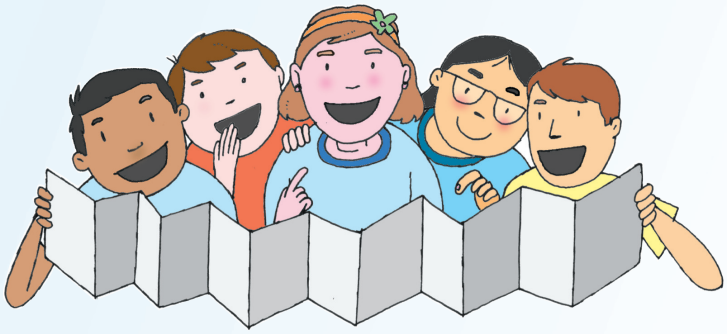
Guignard nasceu no estado do Rio de Janeiro em 1896 e faleceu em Belo Horizonte em 1962. Estudou na Alemanha, na Suíça, na Itália e na França. Ele é um dos grandes mestres da moderna pintura brasileira.

- Comente com seus alunos que este quadro foi pintado em 1945. A roupa que as moças estão usando revela a moda da época. Analise as cores, as linhas, o estilo do traço, compare com outros desenhos conhecidos das crianças.
- Consulte a nossa Unidade 2, que trata de narrativa.
- Incentive seus alunos a imaginarem informações a respeito das gêmeas: quais os nomes? onde moravam? o que gostavam de fazer?
- Comece com ERA UMA VEZ duas gêmeas...
- Imaginem, em conjunto, uma história curta para as gêmeas que tenha um acontecimento engraçado.
- Vá escrevendo no quadro as frases selecionadas pelos alunos.
- No final, Você pode afixar o quadro na sala e embaixo o texto produzido coletivamente para que as crianças tenham oportunidade de ler várias vezes.
- Escolha outros quadros ou obras de arte para fazer a mesma tarefa, dando oportunidade para que seus alunos conheçam os artistas brasileiros.

Quando produzimos textos, coletivamente, os alunos vão compreendendo os mecanismos que constituem a coesão textual, isto é, como uma idéia está ligada às outras. Um texto não é um amontoado de frases desconexas ou colocadas de qualquer jeito umas depois das outras. Elas obedecem a uma ordenação e a uma progressividade que constituem uma certa lógica. Essa ordem pode ser baseada na sucessão temporal dos acontecimentos, quando se trata de narrativa, mas pode ser baseada numa ordem das idéias.

Indo à Sala de Aula 3

Para que seus alunos brinquem com a falta de lógica de uma história, desenvolva a atividade de produção coletiva de textos com narrativa sanfonada.



- Se eles já escrevem de forma independente, Você deixa que trabalhem sozinhos, mas se ainda não escrevem, podem ditar para que você escreva.
- Escolha uma figura para a produção de texto.
- Decidam em conjunto um título para ele.
- Dobre uma folha em tiras em forma de sanfona.
- Escolha um voluntário.
- Entregue o papel para que escreva a primeira frase da história.
- Esconda a frase escrita, dobrando-a e passe para outro aluno. Assim sucessivamente.
- Desmanche as dobras e leia como o texto ficou. O resultado deverá ser engraçado.
- Aproveite para mostrar que, nesse tipo de produção, quando não sabemos o que vem antes no texto, não podemos construir um texto que seja coerente e que tenha coesão.

Ao se trabalhar a narrativa sanfonada, o resultado final foi um texto sem coerência e sem coesão se comparado às narrativas orais coesas que os alunos produziram, motivados por fotografias ou outras reproduções. Para produzir um texto coeso, o autor, que está escrevendo, vai sempre relendo e conferindo o que vem anteriormente. Assim, à medida que o texto progride, vão sendo feitas referências explícitas ou implícitas ao que foi dito ou escrito anteriormente. *Por exemplo:*

Esta é a figura de duas moças. **Elas estão** usando vestidos estampados. **Ambas** têm cabelos negros e **são** muito parecidas. Não é à toa que o quadro se chama **As Gêmeas**.

Nesse texto, as palavras destacadas se referem a "duas moças" que vem antes. São mecanismos como esses que dão coesão a um texto tornando-o um verdadeiro texto e não um simples amontoado de palavras e frases.

Vimos nesta seção que a produção coletiva de diálogos, histórias e outros tipos de texto é um procedimento que oferece oportunidade para que as crianças aprendam muito sobre a estrutura dos textos e o funcionamento da escrita. Mas lembre-se que Você deve alternar as atividades individuais e coletivas de forma que as crianças se sintam motivadas a participar.

Resumindo

Quando o professor escreve um texto formulado coletivamente, as crianças compreendem que o processo de produção vai desde a organização das idéias até a revisão.

Os diálogos de histórias em quadrinho são bem representativos das interações reais e dos papéis sociais que as pessoas desempenham.

Quando produzimos diálogos, temos de ser fiéis às características sociais e psicológicas dos personagens.

Reproduções de obras de arte levadas à sala de aula podem ser fonte de inspiração na produção de textos orais e escritos.

Na produção conjunta de textos, quando produzimos um trecho sem nos apoiarmos no contexto anterior, isto é, no que já foi escrito, o resultado é uma composição textual sem lógica e sem coesão.

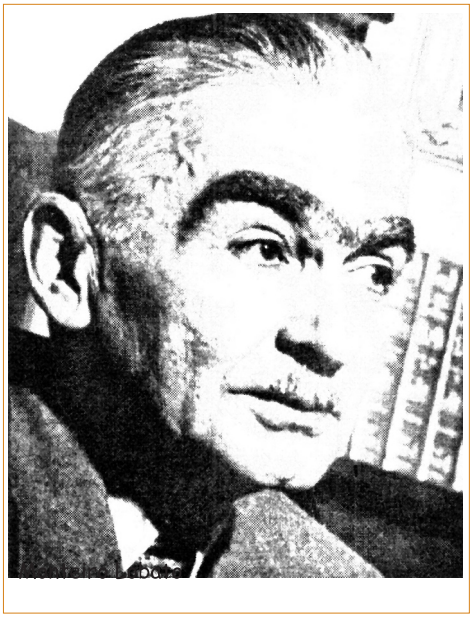
SEÇÃO 2

Produzindo textos a partir de outros textos

Objetivo: Identificar estratégias de produção coletiva de textos a partir de fábulas e outros contos populares infantis.

Na nossa prática pedagógica de produção coletiva de textos, podemos partir de textos já existentes, para que as crianças se sintam estimuladas a completá-los ou reordená-los tornando-se co-autores.

Entre esses textos está a fábula, que, por ser um gênero tradicional, já deve fazer parte do acervo de histórias conhecidas pelas crianças. Se ainda não faz, é uma boa oportunidade de enriquecer a experiência com histórias trabalhando com fábulas.



A fábula pode ser definida como uma narrativa curta, cujos personagens são objetos, animais, vegetais ou seres humanos e que tem por objetivo divertir e instruir.

Geralmente, as fábulas terminam com uma lição de moral. Nesta seção, vamos trabalhar com fábulas, mas Você e seus alunos deverão sentir-se muito livres para dar à história diferentes finais, incluindo ou não uma lição de moral.

Antes de começar a trabalhar as fábulas com seus alunos, procure ler algumas. A nossa cultura preserva várias delas, principalmente as escritas por Esopo e La Fontaine. O primeiro viveu na Grécia no século IV A.C. No século XVII, La Fontaine, escritor francês, inspirou-se em Esopo e em Fedro, fabulista latino que viveu em Roma no primeiro século da era Cristã, e reescreveu fábulas antigas e criou outras novas. O grande escritor brasileiro Monteiro Lobato dedicou um de seus livros infantis a uma coletânea de fábulas. É em seu livro *Fábulas* que fomos encontrar as que vamos adaptar nesta unidade para seu uso em sala de aula. Para conhecer a íntegra das fábulas selecionadas, procure esse livro de Monteiro Lobato.

Observe que, ao reproduzir as fábulas, ele permitiu que os moradores do *Sítio do Pica-Pau Amarelo* discutissem os seus finais, muitas vezes sugerindo outros desfechos. Principalmente a boneca Emília é muito criativa ao criticar a moral das fábulas e propor outros finais.

Atividade de estudo-2

Leia a fábula seguinte adaptada por Monteiro Lobato para Você familiarizar-se melhor com esse gênero.

A FÁBULA DA RÃ E DO BOI

Tomavam sol à beira de um brejo uma rã e uma saracura. Nisso chegou um boi que vinha para beber água.

– Quer ver, disse a rã, como fico do tamanho deste animal?

– Impossível rãzinha, ponderou a saracura. Cada qual como Deus o fez.

–Pois olhe lá, respondeu a rã estufando-se toda. Não estou quase igual a ele?

– Não, falta muito amiga.

A rã estufou-se mais um bocado.

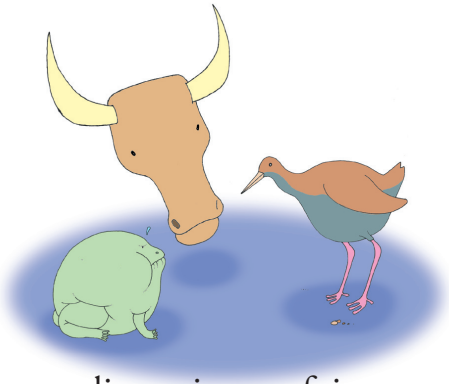
– E agora?

– Ainda está longe.

A rã fez novo esforço.

– E agora?

– Que nada.



A rã, concentrando todas as forças, engoliu mais ar e foi-se estufando, estufando, até que, plaf! rebentou como um balãozinho de elástico.

O boi, que tinha acabado de beber, lançou um olhar de filósofo sobre a rã moribunda e disse:

– Quem nasce para dez réis não chega a vintém.

Analise o texto e indique quais são as características que fazem dele uma fábula. Reflita sobre a moral que a fábula encerra:

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

Indo à Sala de Aula 4

Para desenvolver uma atividade de produção coletiva.

Leve para a sala de aula (em um cartaz) e leia a fábula a seguir:

A FÁBULA DO PASTOR E A ONÇA

Um pastorzinho, notando certa manhã a falta de várias ovelhas, enfureceu-se, pegou uma espingarda e saiu para a floresta.

– Eu não me chamo Nestor se não trouxer, vivo ou morto, o miserável ladrão das minhas ovelhas! Hei de procurar dia e noite, hei de encontrá-lo, hei de arrancar-lhe o couro.

E assim, furioso, a resmungar as maiores pragas, continuou em busca do ladrão. A certa altura, já cansado, lembrou-se de pedir ajuda aos céus.

– Valei-me, meu Deus! Prometo-vos vinte reses se me fizerdes dar de cara com o infame ladrão.

Por uma coincidência, assim que o pastorzinho disse aquilo, apareceu diante dele uma enorme onça de dentes arreganhados.

Depois de ler e comentar com seus alunos o início da fábula, Você vai propor a eles dois finais para a fábula:

Final A: O pastorzinho fica com medo da onça.

Final B: O pastorzinho pega um pedaço de pau e afugenta a onça.

Seus alunos poderão escolher livremente o final A ou o final B, formando dois grupos na sala conforme o final escolhido. Em cada grupo deverão discutir o desfecho escolhido e responder às seguintes perguntas, que decorrem dessa opção.

Final A: perguntas:

- Que faz o pastorzinho quando fica amedrontado?
- O que faz a onça?
- O que acontece com as ovelhas?

Final B: perguntas:

- Como o pastorzinho enfrenta a onça?
- O que faz a onça?
- O que acontece com o rebanho?

As respostas às perguntas deverão ser bem discutidas.

Em seguida, o professor vai ao quadro e escreve as respostas completando a fábula.

Apresente então aos seus alunos a moral da fábula em sua versão original. Eles devem discuti-la e decidir se essa moral se adapta melhor ao final A ou ao final B. Pode ser até que eles decidam que a moral se encaixa em ambos os finais.

Moral da fábula *O Pastor e a Onça*:

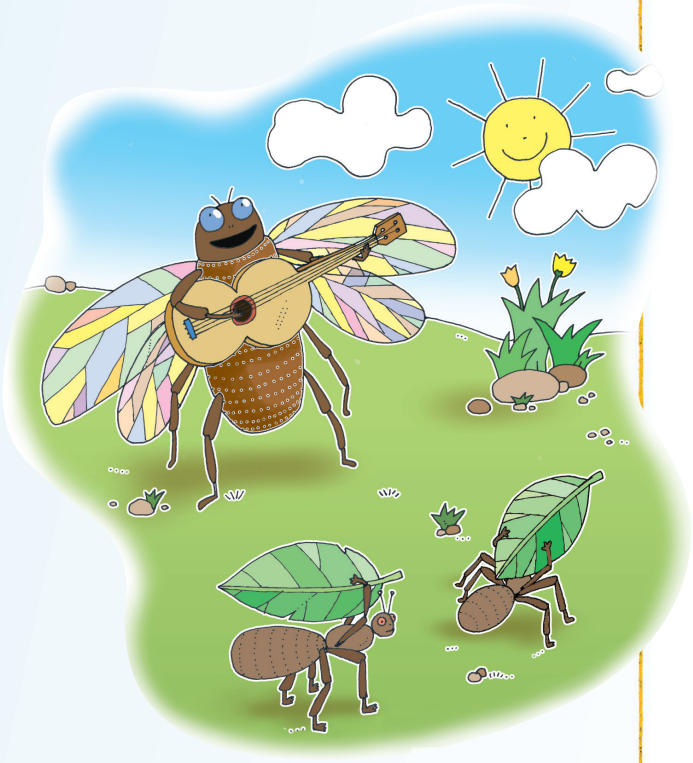
No momento do perigo é que se conhecem os heróis.

Vamos apresentar outra fábula para que Você faça uma atividade de produção coletiva:

A FÁBULA DA CIGARRA E A FORMIGA

Era uma vez uma jovem cigarra que tinha o costume de cantar o dia inteiro ao lado de um formigueiro. Seu divertimento era observar as formigas no eterno trabalho de encher seus depósitos de alimentos. Mas passou o tempo e veio a estação da chuva e do frio. Sem ter o que comer, a cigarra resolveu bater à porta da formiga.

TIC, TIC, TIC.



Final A: A formiga não recebe a cigarra e bate com a porta na cara dela.

Perguntas:
- O que diz a formiga quando manda a cigarra embora?
- O que diz a cigarra ao ver que a formiga não quer ajudá-la?
- O que acontece com a cigarra?

Final B: A formiga acolhe a cigarra em sua casa quentinha e lhe dá comida.

Perguntas:
- O que diz a formiga quando acolhe a cigarra?
- O que diz a cigarra ao ser bem recebida?
- O que acontece com as duas novas amigas?

Moral da fábula *A Cigarra e a Formiga:*
Quem não provê o seu futuro morre de fome e privações.

Você pode trabalhar com outras fábulas. As crianças podem ser orientadas a descobrir a moral da história e redigir coletivamente apenas uma frase que resuma essa mensagem.

Com essas estratégias de trabalho, levamos os alunos a compreenderem que a escrita está muito relacionada com a leitura, e que é preciso reler o texto para pensar como ele deve continuar. A produção de textos depende de uma seqüência lógica de idéias que se complementam em direção a uma determinada conclusão.

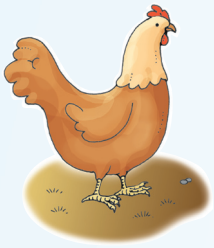
Indo à Sala de Aula 5

Para produzirmos textos coletivamente podemos partir de músicas que as crianças já conhecem.

Vamos trabalhar na sala de aula com a música *Bicharia* de Enriquez-Bardotti, na versão de Chico Buarque. Se você tem o disco, trabalhe de forma que as crianças conheçam bastante a letra da música e saibam cantá-la.

BICHARIA

Au, au, au. Hi-ho hi-ho.
Miau, miau, miau. Cocorocó.
O animal é tão bacana
Mas também não é nenhum banana.
Au, au, au. Hi-ho hi-ho.
Miau, miau, miau. Cocorocó.
Quando a porca torce o rabo
Pode ser o diabo
E ora vejam só.
Au, au, au. Cocorocó
Era uma vez
(e é ainda)
Certo país
(E é ainda)
Onde os animais
Eram tratados como bestas
(São ainda, são ainda)
Tinha um barão
(Tem ainda)
Nunca trabalhava
E então achava a vida linda
(E acha ainda, e acha ainda)
Au, au, au. Hi-ho hi-ho.
Miau, miau, miau. Cocorocó.



O animal é paciente
Mas também não é nenhum demente.
Au, au, au. Hi-ho hi-ho.
Miau, miau, miau. Cocorocó.
Quando o homem exagera
Bicho vira fera
E ora vejam só.
Au, au, au, Cocorocó.
Puxa, jumento
(Só puxava)
Choca galinha
(Só chocava)
Rápido, cachorro
Guarda a casa, corre e volta
(só corria, só voltava)
Mas chega um dia
(Chega um dia)
Que o bicho chia
(Bicho chia)
Bota pra quebrar
E eu quero ver quem paga o pato
Pois vai ser um saco de gatos
Au, au, au. Hi-ho hi-ho.
Miau, miau, miau. Cocorocó.

- Leve o texto para a sala de aula copiado para todos os alunos.
- Peça que identifiquem todos os nomes de animais que são personagens.
- Escreva no quadro as palavras que eles identificaram.
- Os alunos devem criar em conjunto uma história em que entrem todos esses animais.
- Sugira que eles dêem um nome a cada um dos bichos.
- Cada bicho poderá estar associado a uma qualidade ou característica:

– o gato era arisco; a galinha era vaidosa; o jumento era pensativo; o cachorro era bravo; o porco era comilão etc. A associação de qualidades aos respectivos bichos vai ajudar seus alunos a começarem a perceber como usamos adjetivos para atribuir qualidades a pessoas e seres.

- Vá escrevendo o texto no quadro e relendo para conferir com os alunos se está formando sentido.
- Quando estiver pronto, revise, relendo e comentando as qualidades do texto narrativo.

Durante o processo de produção coletiva, as crianças vão compreendendo que um texto deve ter uma organização. A ordem de idéias pode surgir mais facilmente no texto oral. Por isso é importante que, antes de escrever, haja sempre uma oportunidade de falar a respeito das idéias que serão utilizadas, por meio de debates, conversas, comentários. Quando contamos oralmente uma história ou um acontecimento real, somos impelidos pelos objetivos do momento a dar uma certa progressão nas idéias para que o nosso ouvinte acompanhe com interesse. Isso deve ser aproveitado na produção do texto escrito.

Há muitos exercícios que podem levar a criança a compreender essa ordenação do texto. As histórias sem texto, com as quais Você trabalhou, podem servir para composição de textos orais que servirão de base para textos escritos.

Uma outra atividade que estimula de forma lúdica a habilidade de ordenar as idéias é aquela em que as partes do texto ou das frases estão fora de ordem e trabalha-se com a descoberta da ordenação correta. Você pode criar muitos exercícios dessa natureza com textos conhecidos dos alunos.

Leia e brinque com o texto *O Roque do Ratinho* até que as crianças estejam bem familiarizadas com ele.

Em todas as linhas desse texto as palavras estão fora de ordem. Os alunos devem reescrevê-las formando sentenças coesas, isto é, colocando as palavras na ordem correta.

Cada aluno pode ir ao quadro e resolver uma das frases com o auxílio da turma e o apoio do professor.

vez uma Era	
ratinho pequenino Um	
que ratinha uma pequenina namorava	
dois os e dia todo encontravam se	
esquina na buraquinho num ralo de um	
Roque, roque, roque, roque, roque	**Roque, roque, roque, roque, roque**
namorando o rato a ratinha e É	
Roque, roque, roque, roque, roque	**Roque, roque, roque, roque, roque**
beijando e ratinha se a o rato É	
dia lhe todo trazia ratinho O	
defumado, toucinho de pedaço um	
farinha de pouquinho um queijinho um e	
bocadinho manteiga de e um focinho no	
Roque, roque, roque, roque, roque	**Roque, roque, roque, roque, roque**
badalando, igreja sino o igreja da É	
Roque, roque, roque, roque, roque	**Roque, roque, roque, roque, roque**

Depois de pronto, o poema vai ficar assim:

Era uma vez
Um ratinho pequenino
que namorava uma ratinha pequenina
e os dois se encontravam todo dia
num buraquinho de um ralo na esquina
Roque, roque, roque, roque, roque
É o rato e a ratinha namorando,
Roque, roque, roque, roque, roque
É o rato e a ratinha se beijando
O ratinho lhe trazia todo o dia
Um pedaço de toucinho defumado,
E um pouquinho de farinha e um queijinho
E um bocadinho de manteiga no focinho
Roque, roque, roque, roque, roque
É o sino da igreja badalando,
Roque, roque, roque, roque, roque
É o rato e a ratinha se casando

Essa atividade pode ser feita com as frases inteiras misturadas, para serem colocadas no quadro de pregas na ordem correta.

Resumindo

A fábula pode ser definida como uma narrativa curta, cujos personagens são objetos, animais, vegetais ou seres humanos e que tem por objetivo divertir e instruir.

Existem fábulas bem conhecidas que podem ser trabalhadas em sala de aula.

As fábulas tradicionais sempre se concluíam com uma lição de moral, mas autores modernos têm reescrito fábulas dando outros finais que nem sempre preservam a lição de moral anterior.

Uma forma de trabalhar fábulas em sala de aula é propor que os alunos criem um final para elas.

Podemos dar relevo às personagens de uma narrativa associando-lhes atributos que virão sob a forma de adjetivos.

Pode-se desenvolver a coesão textual apresentando as palavras de uma frase fora de ordem e pedindo aos alunos que formem com elas frases coesas.

SEÇÃO 3

Os textos da vida real e a reflexão lingüística

Objetivo: Construir estratégias de produção coletiva de textos reais e de análise lingüística.

Como já vimos na seção anterior, Você deve aproveitar todas as oportunidades reais da escola para escrever em conjunto com os seus alunos. Vamos ampliar um pouco mais esse tema, refletindo sobre as características do processo de produção de um texto.

Quando produzimos textos na vida real, estamos participando de práticas sociais. Temos um objetivo claro e de acordo com esse objetivo tomamos muitas decisões antes e durante o trabalho. Podemos traduzir algumas das decisões preliminares em perguntas que são de várias ordens:

- ✔ textuais: Qual é o nosso objetivo ? Que gênero de texto vamos produzir? Qual é o mais adequado aos nossos objetivos?
- ✔ lingüísticas: Qual a linguagem que vamos utilizar: coloquial ou formal? Que vocabulário vamos selecionar? Como vamos organizar as frases?
- ✔ interpessoais: A quem se dirige o texto? Quem vai ler? O que espera de nosso texto? Como vamos tratar o nosso leitor?
- ✔ informacionais: Que informações vamos fornecer?

Assim, quando realizamos uma atividade de produção coletiva, mesmo no processo inicial de alfabetização, já estamos levando nossos alunos a construírem essas estratégias comunicativas necessárias à produção de textos em qualquer situação real. A escrita não se restringe à grafia das palavras e à organização das frases; ela é uma forma de comunicação que envolve aspectos mais amplos que devem ser considerados desde o início da aprendizagem.

Atividade de estudo-3

Preencha a segunda coluna com o objetivo mais evidente para os gêneros da primeira coluna:

Gêneros	Objetivos
Propaganda de cigarro	
Bula de remédio	
Conta de luz	
Reportagem jornalística	
Edital de concurso	
Requerimento ao prefeito	
Letra de música	
Cartão de natal	

Como não existe texto sem objetivo, é necessário que os alunos compreendam que cada um tem uma função e um contexto na sociedade. Quando começamos uma atividade de produção coletiva de textos, devemos refletir a respeito da natureza do texto, para quem ele é escrito e o que queremos dizer.

Para que seus alunos tenham a oportunidade de refletir a respeito do objetivo do texto, organize uma atividade com o aniversariante do mês na escola (pode ser o diretor, outro professor ou um funcionário).

Converse com os alunos sobre a data e a pessoa.

Motive as crianças a enviarem uma mensagem de afeto.

Sugira que escrevam uma cartinha.

Comece a escrever no quadro negro dentro do formato normal de carta, reforçando com as crianças essas convenções:

- Local, data
- Vocativo

Escreva as frases que as crianças forem ditando espontaneamente. Sugira reformulações se forem necessárias. Chame a atenção para a escrita das palavras, para o uso de maiúscula e a pontuação.

Releia várias vezes e aceite sugestões de modificação.

Copie ou peça a um aluno para copiar em um papel especial, colorido.

Peça que todos coloquem o próprio nome no lugar da assinatura, mesmo que precise de outra folha de papel.

Coloque o nome do destinatário no envelope.

Vá com a turma abraçar o aniversariante e entregar a carta pessoalmente. Se for possível, entregue-a junto com uma flor.

É muito importante que as produções feitas na escola não percam o sentido ou se transformem em exercícios completamente desligados da vida prática. Nem sempre é possível que o exercício de escrita tenha uma utilidade imediata e real. Mas sempre que possível o professor deve ligá-lo a um fim mais objetivo. Podemos usar os trabalhos para:

- ✔ fazer exposições;
- ✔ formar jornal mural;
- ✔ compor pequenos livros e deixar no cantinho da leitura para que os colegas leiam;
- ✔ organizar em um caderno de lembranças da escola para dar à família.

Pouco a pouco as crianças vão desenvolvendo a noção de autoria, isto é, vão construindo a noção de que podem emitir suas próprias idéias e que um texto não é a repetição de idéias prontas. Além disso, vão compreendendo que os autores se comprometem com o que escrevem e que a assinatura tem um valor social significativo.

Avançando na Prática 2

Vamos apresentar uma situação em que a produção coletiva de textos pode contribuir para desenvolver o sentido do comprometimento do autor com o texto que produz. Imaginemos que os alunos estão com vontade de ampliar o horário de recreio nas sextas-feiras (pode ser a respeito de uma outra reivindicação real da turma em relação à escola: uso do auditório; uso do pátio; licença para uma excursão etc.).

Proponha que façam um abaixo-assinado, ou seja, uma solicitação coletiva ao diretor da escola.

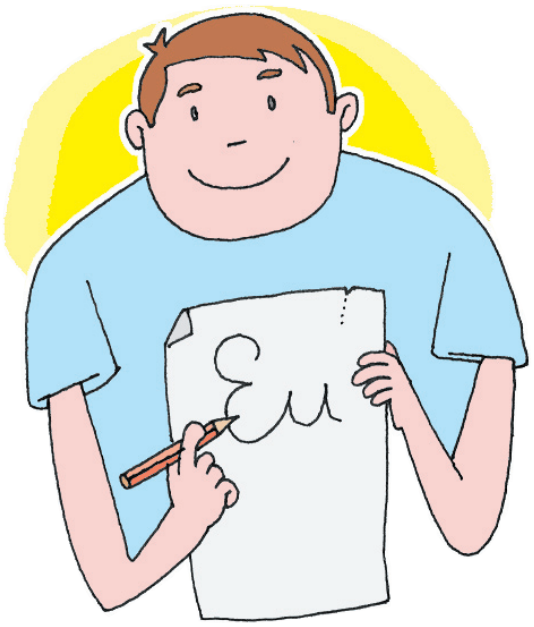
Use os procedimentos já detalhados de produção coletiva de textos.

Peça que os alunos incluam no texto o compromisso de obedecer os limites e as regras de disciplina que o diretor estabelecer.

Peça que todos assinem.

Encaminhe e peça a resposta por escrito ao diretor.

Crie outras situações de produção coletiva em que os alunos devem assinar se comprometendo a cumprir acordos.



Além desses objetivos, a produção coletiva de textos é uma oportunidade em que o professor estimula a reflexão a respeito dos gêneros, ou seja, os formatos de texto e suas características. Ao escrever no quadro, Você vai revelando em voz alta conceitos e conhecimentos que um redator mais maduro já apreendeu observando o funcionamento dos textos na sociedade. Quais são as estruturas mais adequadas, por que usamos linguagem formal ou informal, por que podemos ou não usar gíria, por que usamos certas formas de tratamento... são questões que vão surgindo no decorrer da escrita e que podem ser discutidas com os alunos.

Em relação às questões lingüísticas, é importante considerar que a criança vai sugerir palavras que domina na língua oral e ainda não sabe ler nem escrever. É uma excelente oportunidade de chamar a atenção para a grafia das palavras, principalmente daquelas que oferecem mais dificuldades e que o professor já identificou como problemáticas na produção individual do aluno.

Lembrete

Corrigir imediatamente no texto do aluno pode levá-lo a se inibir na produção, escrevendo só o que tem certeza de que está certo. Mais produtivo que corrigir no texto individual do aluno, sempre que ele tenta escrever o que ainda não sabe, é anotar esses casos e focalizá-los com mais insistência na hora da produção coletiva.

Assim, sem perder de vista que o objetivo principal é a formulação de texto com sentido e com objetivo determinado, Você também pode chamar bastante atenção para:

- ✔ espaços entre as palavras;
- ✔ acentos;
- ✔ maiúsculas;
- ✔ parágrafos;
- ✔ pontuação;
- ✔ vocabulário, sinônimos;
- ✔ diversas possibilidades de organizar a frase;
- ✔ elementos de coesão entre uma idéia e outra;
- ✔ comparação entre a pronúncia dialetal e a escrita;
- ✔ grafia de sílabas complexas;
- ✔ sons que têm várias formas de escrita;
- ✔ escrita que representa sons diferentes dependendo do contexto da palavra;
- ✔ questões gramaticais (concordância) e uso de palavras como preposições e conjunções.

Atividade de estudo–4

Analise o texto a seguir e selecione os aspectos que se poderiam explorar com seus alunos:

"RELATÓRIO

Ontem, dia 25 de abril, a nossa turma fez um passeio à margem do rio. Antes de tudo, brincamos muito de "maré", "esconde-esconde" e de "chicote queimado". Fizemos um concurso de canto e quem ganhou foi a Fabiana com a música **Coração de Estudante** do Milton Nascimento. Ela cantou melhor e sabia a letra toda da música. Seis alunos fizeram parte do júri, junto com a professora. Fizemos um lanche comunitário muito gostoso. Depois disso observamos a natureza em volta do rio e vimos que há muita devastação da mata e que isso é perigoso para a vida do rio."

A produção coletiva de textos é uma oportunidade para que Você leve os alunos a refletirem sobre as decisões que tomamos ao escrever um texto, já que a língua é muito flexível e oferece infinitas possibilidades de organização das frases.

Uma das decisões que temos que tomar diz respeito ao ponto de vista que adotamos ao escrever. Nesse texto do exemplo anterior, o autor se inclui na informação pelo uso do pronome no plural nossa.

Ontem, dia 25 de abril, a nossa turma fez um passeio à margem do rio.

Mas o autor poderia ter-se ausentado do texto e ficar apenas como observador:

Ontem, dia 25 de abril, a turma A fez um passeio à margem do rio.

Essa mudança provocaria outras transformações no texto:

Ontem, dia 25 de abril, **a turma A fez** um passeio à margem do rio. Antes de tudo **os alunos brincaram** muito de "maré", "esconde-esconde" e de "chicote queimado". **Fizeram** um concurso de canto e quem ganhou foi a Fabiana com a música **Coração de Estudante**, do Milton Nascimento. Ela cantou melhor e sabia a letra toda da música. Seis alunos fizeram parte do júri, junto com a professora. **Houve** um lanche comunitário muito gostoso. Depois disso **observaram** a natureza em volta do rio e **viram** que há muita devastação da mata e que isso é perigoso para a vida do rio.

A passagem da primeira pessoa do plural (**nós**) para a terceira pessoa do plural (**eles**) modifica o ponto de vista do texto, pois o autor se distancia. Esse exercício pode ser feito com diversos textos já prontos para serem reescritos, como também durante a produção coletiva, quando Você vai mostrando no quadro como as transformações modificam o texto.

Avançando na Prática 1

Vamos apresentar algumas brincadeiras que podem servir de motivo para a reescrita com outro ponto de vista:

1. O meu chapéu tem três pontas
tem três pontas o meu chapéu
se não tivesse três pontas
não seria o meu chapéu

Alterando o ponto de vista:
O seu chapéu tem três pontas
tem três pontas o seu chapéu
se não tivesse três pontas
não seria o seu chapéu

Se eu fosse um peixinho
e soubesse nadar
eu tirava o João
do fundo do mar

Reescrita com outro ponto de vista na segunda estrofe:

Se Mariana fosse um peixinho
e soubesse nadar
ela tirava o João
do fundo do mar

Encontre outros textos conhecidos das crianças para sugerir a mudança de ponto de vista.

Como vimos, na prática de produção coletiva de textos, Você dá oportunidade aos alunos para que eles reflitam a respeito de questões de construção textual mais ampla que a simples grafia das palavras.

Sempre que puder produzir em conjunto, seja uma frase, seja um texto maior, procure mostrar aos alunos como aquele texto funciona realmente na sociedade e quais as justificativas para que tenha essa forma e não outra. Muitas vezes o gênero determina quais são as estruturas próprias de cada texto.

Resumindo

Quando escrevemos textos, tomamos decisões relacionadas ao objetivo da mensagem que estamos escrevendo.

As decisões que tomamos estão relacionadas ao objetivo do texto e têm caráter textual, lingüístico, interpessoal e informacional.

Trabalhar com textos que tenham um objetivo real é mais produtivo e ensina a função do texto na sociedade.

A produção coletiva é uma oportunidade de estimular a reflexão acerca de questões lingüísticas.

Reescrever textos variando a estrutura é uma forma de compreender a flexibilidade da língua.

Ao escrever um texto podemos optar entre diversos pontos de vista.

Leitura sugerida

Para aprofundar a reflexão sobre os temas discutidos nesta Unidade, sugerimos a leitura do livro: Garcez, Lucília Helena do Carmo *Técnica de Redação: o que é preciso saber para escrever bem*, São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Nesse livro, a autora traça um roteiro detalhado para ajudar os leitores a ler e a escrever com mais desenvoltura e satisfação.

TEXTOS ESPONTÂNEOS NA 1ª SÉRIE

(evidências da utilização, pela criança, de sua percepção fonética da fala para representar e segmentar a escrita)

As crianças da primeira série normalmente não produzem textos espontâneos. A relação que elas estabelecem com a escrita é, via de regra, extremamente artificial, porque se pressupõe que, uma vez que ainda não dominam a convenção ortográfica, elas não são ainda capazes de desenvolver com a escrita atividades significativas. Seus exercícios costumam ser, assim, absolutamente controlados pela professora, que reproduz a orientação pedagógica vigente. A partir da introdução (geralmente fora do contexto de uma discussão prévia sobre escrita) das primeiras sílabas e famílias silábicas, começam os exercícios para escrita de palavras: cópias, ditados, e ditado mudo (sic); a partir de certo momento começa a produção de frases com palavras já socializadas pela classe. Todos conhecemos, como típicas dessa fase, frases como:

A bola é da Lalá.
A bola é bonita.
Lalá pega a bola.
A bola é bela.

em que as crianças reproduzem o vocabulário das cartilhas, sem entender muito bem o sentido de escrever conjuntos de frases semelhantes aos que elas são chamadas a ler na cartilha. Pode-se dizer, portanto, que, a partir do seu primeiro contato com a escrita, as crianças são submetidas de forma sistemática a uma série de exercícios que as distanciam progressivamente da noção de texto, para elas tão natural em termos de produção oral, quando ingressam na escola. As crianças passam a reproduzir mecanicamente, nas primeiras séries, os exercícios que os vários métodos impõem, de tal forma que, na terceira ou quarta série, quando se supõe que elas sejam capazes de produzir "redações" (que se esperaria que fossem textos), o resultado costuma ser desastroso. As crianças fazem o que aprenderam, isto é, suas redações se reduzem a conjuntos de frases sem as características básicas de um texto. Costuma-se concluir, então, que "as crianças escrevem mal". Parece evidente que as crianças acabam desenvolvendo uma relação tão artificial com a escrita, na escola, simplesmente porque sua produção escrita é controlada e censurada desde a primeira série. E as razões de tal controle, se por um lado são óbvias (as crianças não dominam ainda a ortografia), são também profundamente injustificadas. As crianças podem perfeitamente escrever, produzir

textos, antes de dominarem a convenção ortográfica. É, aliás, somente a partir de uma relação natural com a escrita que elas vão entender a sua convencionalidade e a necessidade, daí decorrente, de fixar a forma das palavras.

Nesta breve nota, em que não nos é possível discutir em profundidade todas as questões polêmicas sugeridas já nos parágrafos precedentes, pretendemos apenas mostrar que os textos espontâneos da primeira série são evidência de um elaborado processo de reflexão e construção de hipóteses sobre a escrita por parte das crianças, aprendizes da escrita.

Os dois textos seguintes foram produzidos espontaneamente por crianças de primeira série de escolas urbanas de periferia, de Aracaju e de Campinas, respectivamente. São textos típicos que exemplificam os casos que analisaremos mais adiante.

I

O sapo voador
o sapo vai a o ispaso lã ele
ve o sol e posa ni uni
praneta ch Amado marte
ele ve um mostro ele
fala socoro o vucao come
co a sai lava o motro ao
otoo o sapo o sapo foi para
o fogete quado ele OH egou
na terra ele foi ce um soldado

II

Era um vez uma bela ador mesida
que chamava Elizabéte apareseu
umbripi abechou tivagarinho e oseste
anâodimirarão é lalevãotou e falou
quei é voce eu sou abrlslpi um brisipe
obrisipi falou euquérocaza com vose
eu tabeiquéro cazar comvoce vivérão
fezes para sebre nacasté lo cazarão
parasebre

Examinaremos, em primeiro lugar, alguns casos em que as crianças fazem hipóteses sobre a forma escrita de palavras novas a partir do que já conhecem sobre a ortografia do português. Convém sempre lembrar que o aprendiz de escrita que aceita o desafio da própria escrita, que se propõe como objetivo a escrita de palavras que muitas vezes nunca viu escritas, cometerá muito mais "erros" de ortografia do que aquele que escrever menos e/ou escrever apenas palavras cuja forma já foi,

de alguma maneira, exercitada com ele. Vejamos, portanto, algumas hipóteses que fazem aprendizes mais "ousados", a quem a idéia de escrever um texto não assusta, não impede de aceitar o desafio da escrita de novas palavras:

1) **Hipótese Fonética:** a criança reflete sobre a própria pronúncia e a utiliza como referência para a escrita. Exemplos: íspaso, posa, ni (em), praneta, vucao (vulcão), comeco (começou), sai (sair), qual (quem).

2) **Hipótese Ortográfica:**

a) a criança utiliza letras que são admitidas pelo sistema ortográfico no contexto em questão, mas não na palavra a ser representada. Exemplos: ce (ser), cazar;

b) a criança utiliza letras que já viu a ortografia e escolheu para representar determinado som. Exemplos: ispaso, socoro, fogete, apareseu, vose, vivérão.

c) hipercorreção: a criança generaliza regras ortográficas a partir da constatação de casos de não correspondência som/letra. Exemplos: sootoo (a partir de hipóteses fonéticas como "patu" — corrigida para "pato" — a criança generaliza a representação com a letra "o" do que reconhece como som do [u] na palavra "soltou").

A segmentação de um enunciado para fins de escrita é também um problema que o aprendiz tem que resolver, uma vez que os critérios de segmentação de que se vale a ortografia (classes morfológicas) são desconhecidos da criança que, ao ingressar na escola, não está habituada à reflexão metalingüística que tal segmentação pressupõe. E justamente o aprendizado da escrita que vai estimular no falante nativo de determinada língua esse tipo de reflexão. Assim, ao entrar em contato com a escrita, a criança muitas vezes se utiliza de critérios diversos para resolver problemas de segmentação. Seu ponto de referência é, em muitos casos, a percepção fonética dos enunciados que quer registrar por escrito. Ela demonstra grande capacidade para perceber fatos fonéticos e fonológicos ocorrentes em juntura de palavras, que passam já despercebidos ao falante adulto alfabetizado, o qual, condicionado pelos critérios morfológicos de segmentação da escrita, "ouve" a própria fala através da forma ortográfica.

O critério para segmentação usado pela criança costuma ser, portanto, no início da produção de textos espontâneos, o grupo tonal ou subpartes do grupo tonal (entendendo-se grupo tonal como uma unidade de informação carreada, na fala, por um padrão ritmo/entoacional especifico). É freqüente, assim, que ela segmente menos do que a escrita exige. *Exemplos:* umbripi (um príncipe), abechou (a beijou), oseste (os sete), anãodimirarão (anões admiraram), euquérocaza (eu quero casar), tabeiquéro (também quero), comvoce, parasebre (para sempre).

As hipóteses do aprendiz da escrita não são, no entanto, e nem poderiam ser, categóricas. Desde que ele é exposto a textos escritos, percebe que há outros critérios em

jogo para segmentação dos enunciados, embora não perceba bem quais sejam. Faz, portanto, outras hipóteses de segmentação além da hipótese fonética. Assim é que, algumas vezes, segmenta mais do que a ortografia exige, a partir da atribuição de conteúdos semânticos específicos a subpartes de palavras. Exemplos: ador mesida (adormecida), é lalevãotou (ela levantou).

Convém registrar ainda que os textos espontâneos permitem constatar que a criança, em muitos casos, já faz muitas hipóteses que correspondem às expectativas da ortografia, tanto no caso da forma de palavras isoladas como no tocante à segmentação dos enunciados. A escola, obsessiva na correção dos "erros", não sabe como avaliar os muitos acertos...

Até aqui, a análise do lingüista, que os dados colhidos em textos espontâneos permitam fazer. Mas a análise em si não basta para que se compreenda o que acontece na escola no tocante ao ensino da escrita. Ela convida, sim, a que se façam alguns comentários, porque evidencia o grande descompasso que há entre a criança, aprendiz da escrita, seus pontos de referência e de partida (enunciados orais contextualizados), e o adulto, de há muito condicionado a pensar a língua através da própria escrita, e habituado, portanto, à reflexão metalingüística.

Seria importantíssimo que, para a prática didática eficaz, os professores fossem capazes de reconhecer os percursos das crianças e de entender, assim, as hipóteses que elas fazem a respeito da escrita. Na verdade, é só refletindo sobre as próprias hipóteses que a criança pode entender e aprender, sem grandes perplexidades, os critérios e convenções da escrita. A escola, infelizmente, não propicia tal aprendizagem. As crianças, de modo geral, estabelecem uma relação quase que traumática com a escrita porque a escola costuma reduzir seu ensino à correção ortográfica. Avalia-se a produção dos alunos segundo critérios categóricos de "certo" ou "errado", aplicados sempre ao produto, porque a escola não sabe (ou não quer) avaliar o processo de aquisição da escrita. Isso pressuporia entender todos os estágios pelos quais passa o aprendiz da escrita na direção da forma convencional, e acompanhar as hipóteses que faz a partir de todos os dados de escrita que estão ao seu dispor.

Cabe perguntar, à guisa de conclusão, se à escola, enquanto instituição, interessaria mudar seus critérios de avaliação, relativizar os conceitos de "certo"/ "errado", entender, enfim, os percursos diferentes dos alunos na aquisição da escrita, mas responder a essa pergunta exigiria o compromisso de narrar a verdadeira história do aprendiz da escrita e da representação que dele faz a escola.

(Recuperando a alegria de ler e escrever, Maria Bernadete M. Abaurre e Luiz Carlos Cagliari, São Paulo: Corez/Cedes, 1987, p.25-29, Cadernos CEDES, n.14)

Bibliografia

ABAURRE, M. B. M. FIAD, R. S. e MAYRINK-SABINSON. *Cenas de aquisição da escrita – o sujeito e o trabalho com o texto.* Campinas: ALB/Mercado de Letras,1997.

CALKINS, L. M. *A arte de ensinar a escrever – o desenvolvimento do discurso escrito*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FRANCHI, Eglê. *E as crianças eram difíceis... a redação na escola.* São Paulo: Martins Fontes, 1984.

KATO, M. *O aprendizado da leitura.* São Paulo: Martins Fontes,1985.

___. *No mundo da escrita*. São Paulo: Ática,1986.

Respostas das atividades de estudo

Atividade de estudo 1

Criação livre de diálogo.

Atividade de estudo 2

Características da fábula:

- É uma narrativa curta.
- Os personagens são três animais: a rã, o boi e a saracura.
- A história contém elementos de humor.
- A história traz uma lição de moral bastante tradicional e reacionária, que reproduz ideologias consagradas, relacionadas à dificuldade que as pessoas têm de mudar sua condição social ou psicológica.

Atividade de estudo 3

Gêneros	Objetivos
Propaganda de cigarro	Incentivar o consumo de cigarro.
Bula de remédio	Informar sobre as propriedades, indicações, contra-indicações e posologia do remédio.
Conta de luz	Informar o valor da energia consumida e o dia do vencimento.
Reportagem jornalística	Trazer informações factuais e, às vezes, opiniões sobre acontecimentos recentes.
Edital de concurso	Trazer todas as informações necessárias sobre o concurso.
Requerimento ao prefeito	Apresentar uma solicitação em caráter oficial.
Letra de música	Divulgar a letra da música.
Cartão de natal	Transmitir votos de boas festas.

Atividade de estudo 4

Aspectos a explorar junto com os alunos:

- Característica do texto informativo: forma-se por uma sucessão de fatos relatados.
- Detalhes que tornam o texto mais fidedigno: há riqueza de detalhes.
- Linguagem empregada: a linguagem é formal, mas o vocabulário é próprio do repertório de crianças.
- Temática: a temática varia desde aspectos triviais até questões mais sérias referentes à ecologia.

Investigação da prática-8

A partir do fragmento de texto a seguir, elabore o planejamento de uma atividade em que seus alunos participem de uma produção coletiva.

Você pode usar provérbios que tenham o mesmo sentido para enriquecer seu trabalho.

Defina os objetivos.

Enumere todas as etapas do trabalho.

Utilize os dois finais sugeridos se desejar.

A FÁBULA DA MENINA DO LEITE

Laurinha, no seu vestido novo de pintas vermelhas, sandálias de plástico, lá ia para o mercado, treque, treque, treque com uma lata de leite na cabeça. O primeiro leite de sua vaquinha mocha. Ia contente da vida, rindo e falando sozinha.

– Vendo o leite – dizia – e compro uma dúzia de ovos. Ponho os ovos para

chocar e antes de um mês já tenho uma dúzia de pintos. Morrem... dois, que sejam, e crescem dez – cinco frangos e cinco frangas. Vendo os frangos e crio as frangas, que crescem, viram ótimas botadeiras de duzentos ovos cada uma. Cinco mil ovos! Choco tudo e lá me vêm quinhentos galos e mais outro tanto de galinhas. Vendo os galos a vinte reais cada um. Vinte vezes quinhentos: dez mil reais. Posso então comprar 30 vacas. Estava a menina neste ponto quando tropeçou, perdeu o equilíbrio...

Final A: A menina consegue segurar a lata de leite.
Perguntas:
O que diz a menina?
O que ela faz com o leite?
O que acontece quando chega ao mercado?

Final B: A menina deixa a lata cair no chão e esparrama o leite.
Perguntas:
O que diz a menina?
Como ela se sente?
O que acontece a ela quando chega em casa sem o leite e sem dinheiro?

Moral da fabula *A Menina do Leite*:
Não devemos contar com uma coisa antes de a termos conseguido.

Vamos refletir mais sobre a produção escrita?

Etapa 1

A produção escrita, tanto individual quanto coletiva, representa sempre um desafio a superar.

Vamos ler e discutir depoimentos de professores sobre a escrita. Os depoimentos foram registrados pela professora Aricélia Ribeiro do Nascimento em sua Dissertação de Mestrado, *Formação Continuada em Serviço: o espaço da reflexão na ação* (Faculdade de Educação – Universidade de Brasília, 2002). Nesses textos, os professores falam da necessidade que têm de desenvolver o hábito da elaboração de diários reflexivos e depoimentos por escrito e registram as dificuldades envolvidas nesse processo.

"Sei que a escrita representa um grande passo na evolução de todo homem, principalmente o educador, pois é através dela que nos construímos enquanto indivíduos, porque ela, a língua, é que permite que todos vivamos em comunidade. Logo, aquilo que escrevemos tem sempre uma finalidade e um sentido, que se dá através do compartilhamento 'entre o que se escreve e para que se escreve"

"A resistência à escrita de textos é grande, por parte de um número significativo de colegas formadores. Quando chega na hora da conversa com seus saberes, eles ficam sempre se achando incompetentes ou perguntando se 'é necessário mesmo escrever'. O que eu mais acho interessante e conveniente registrar é que percebo o 'avanço' em suas indagações sobre o que fazer com os alunos na escola, ou seja, eles estão sempre à espera de 'grandes contribuições' para as suas aulas, mas, com relação a eles mesmos, há todo um bloqueio para exprimir suas conclusões, informações apreendidas, suas necessidades, conhecimentos de diferentes coisas e conteúdos. Essa construção gradativa do escrever, que na verdade só frui no ir e vir, na construção e reconstrução dos saberes, conhecimentos, só ocorrerá, na verdade, se os nossos formadores se empenharem a vencer suas barreiras".

"Outro ponto que merece destaque durante a discussão das competências foi o caderno de registro, pois os professores hoje têm muito mais preocupação em registrar e como registrar. As dúvidas em relação ao assunto ainda são muitas, apesar do uso do registro ser uma constante no trabalho do corpo docente. O registro está sendo usado como memória de nosso percurso de conhecimentos. No que enfatiza Clarice Lispector: 'escrevo porque à medida que escrevo vou me entendendo e entendendo o que quero dizer, entendendo o que posso fazer. Escrevo porque sinto necessidade de aprofundar as coisas, de vê-las como realmente são'".

"Todos os professores têm desenvolvido anotações no caderno de registros e partilhado as anotações... a princípio, as dificuldades eram muitas, poucos conseguiam fazer registros reflexivos, os apontamentos restringiam-se a descrições dos encontros ou à pauta do dia. Percebe-se um avanço nesta competência através do aprimoramento das anotações".

"De modo geral, os professores não apresentam dificuldades para ler. Porém, a dificuldade reside no entendimento do texto e muitas vezes emitem pareceres equivocados por conta da falta de entendimento. Isto tem contribuído para dificultar a criação do hábito de ler. Por isso o desafio é fazer com que os coordenadores possam

desencadear o interesse para a leitura, vista como uma prática social produtiva que remete a outros textos e outras leituras".

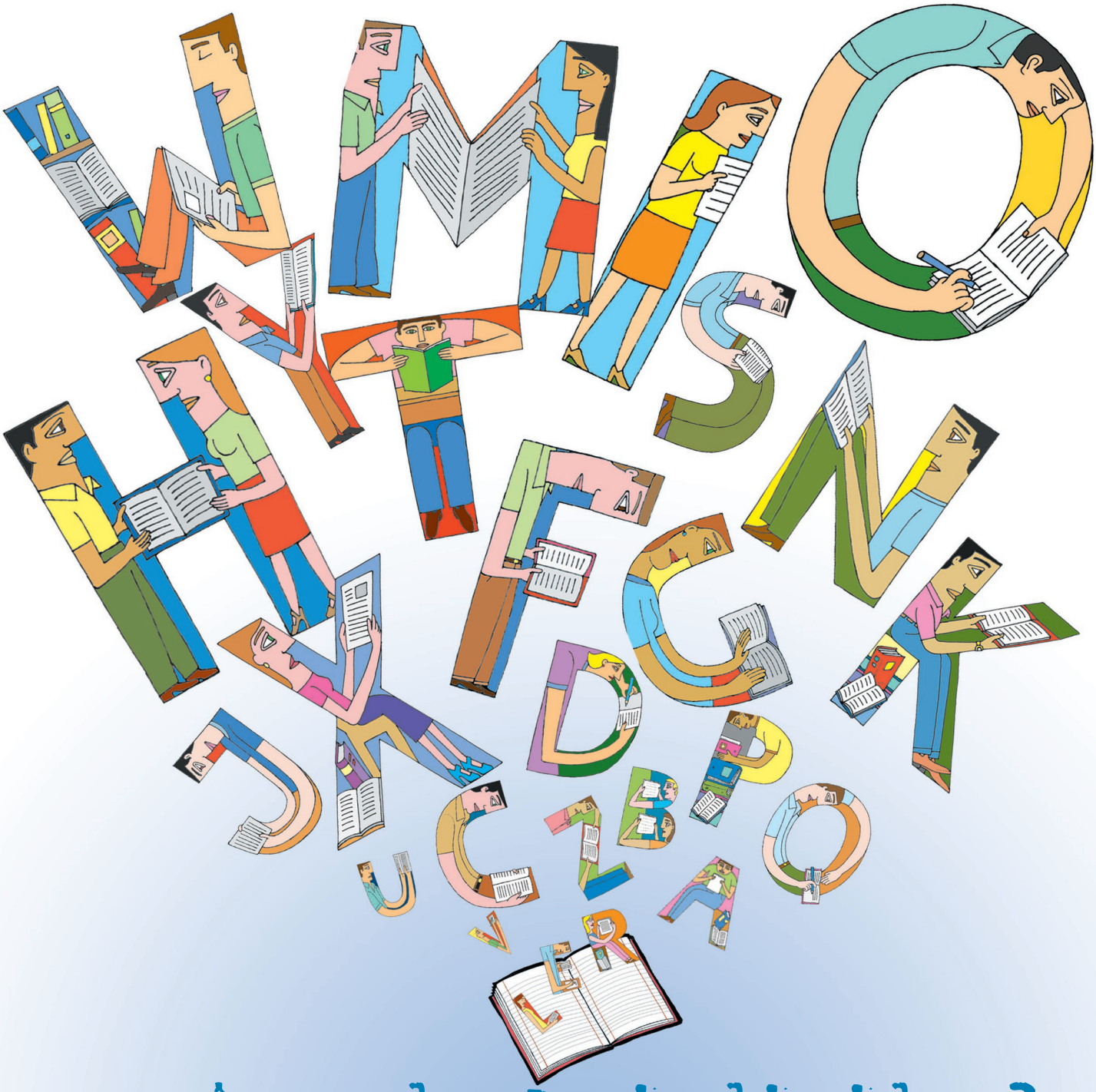
Etapa 2

Tendo lido os depoimentos de colegas, redijam, em grupos de 4 ou 5 professores, seu próprio depoimento sobre o processo de criação coletiva de textos em sala de aula. Para isso, podem começar discutindo estas questões:

- A posição que o professor adota em relação à sua própria produção textual influencia seu trabalho na produção de textos coletivos em sala de aula?
- Como o professor pode repassar para os alunos, no momento da produção coletiva de textos, suas próprias experiências de produção textual em grupo?

Ao final, apresentem o texto produzido a todos os colegas em plenária.

UNIDADE 9



A produção individual de textos e a prática da análise lingüística

Stella Maris Bortoni-Ricardo

A produção individual de textos e a prática da análise lingüística

Iniciando a nossa conversa

Amigo(a) Professor(a)

Desde o início de nosso trabalho conjunto, temos enfatizado a leitura e a produção de textos significativos. Nesta unidade, vamos retomar o tema da produção de texto. Na anterior, conversamos sobre a produção coletiva de textos. Agora vamos discutir a produção individual.

Nosso trabalho está organizado em três seções:

NA SEÇÃO 1,
nossa atenção vai-se focar no fato de que toda produção textual espontânea, oral ou escrita, é significativa para quem a produz e para quem a lê ou a escuta.

NA SEÇÃO 2,
nossa ênfase estará na necessidade de trazermos para a sala de aula o universo cultural de nossos alunos, de suas famílias e comunidades.

NA SEÇÃO 3,
enfocamos nosso duplo objetivo ao trabalhar com a leitura e escrita: a ênfase tanto no uso da língua quanto na reflexão sobre esse uso e sobre a estrutura lingüística.

Nosso horizonte

Com o trabalho desta unidade, nós vamos:

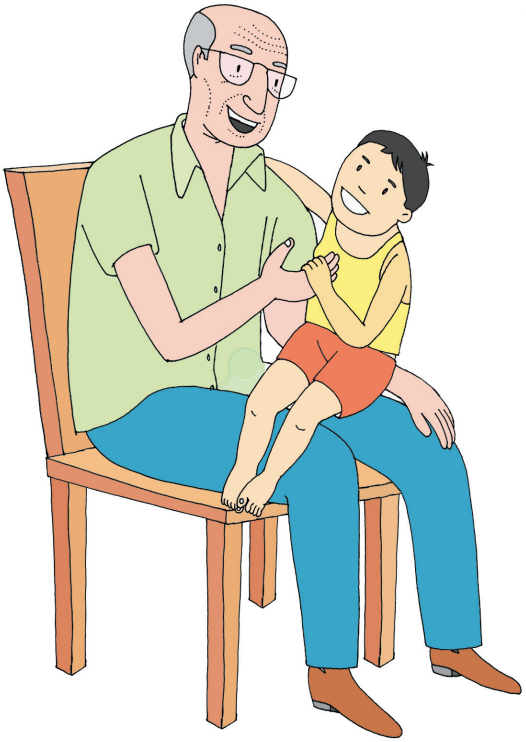
1. Reconhecer que a familiarização dos alunos com a língua escrita deve-se dar por meio da produção de textos significativos.
2. Reconhecer que, quando as crianças escrevem, mesmo que seja uma só palavra, elas estão produzindo textos.
3. Desenvolver recursos que enfatizem a reflexão analítica sobre a forma e os usos da língua.

SEÇÃO 1

Aprendendo a ler e a escrever com textos significativos

Objetivo: Reconhecer que a familiarização dos alunos com a língua escrita deve-se dar por meio da produção de textos significativos.

O grande estudioso norte-americano da linguagem humana, Dell Hymes, disse certa vez que a função da linguagem humana é a comunicação, assim como a função do coração é bombear sangue. Todo ser humano nasce com capacidade natural de desenvolver a linguagem. Trata-se, pois, de uma capacidade inata. Desde suas primeiras interações com as pessoas que a rodeiam, a criança, sempre usa a linguagem com objetivo comunicativo, mesmo que ainda seja com os primeiros balbucios.



A criança que chega à escola já traz consigo uma **competência comunicativa** bem desenvolvida, pois sabe interagir com os pais, irmãos, amigos, vizinhos, colegas etc. Nessa interação, suas falas sempre são coesas, coerentes e significativas. Dizemos que são coesas porque os elementos lingüísticos que as formam guardam uma relação de dependência entre si, como, por exemplo, na concordância entre sujeito e verbo. Afirmamos que são coerentes porque essas falas observam a lógica do estado de coisas como elas se apresentam no mundo. E finalmente, falamos que são significativas porque são parte do universo vivencial da criança.

Quando a criança começa o seu contato com a língua escrita, vai aproveitar muito de sua experiência com a língua oral. Por isso, tem de começar a ler e a escrever lendo e escrevendo textos que sejam coesos e significativos.

Antigamente acreditava-se que a melhor forma de introduzir o alfabetizando à língua escrita seria apresentando-lhe palavras isoladas, ou então, lições de cartilhas que davam mais ênfase à repetição de famílias de sílabas do que à relevância significativa do texto. São dessa época textos de cartilha, tais como **vovó viu a uva, o bebê baba na babá** etc. Essas frases são estranhas porque em nada se parecem com as falas espontâneas que as crianças produzem em suas interações.

Lembrete

Um texto não é apenas um amontoado de frases desligadas umas das outras. As propriedades de um texto se chamam textualidade.

A coesão é uma propriedade de textualidade e assegura a seqüencialização do texto, à medida que há relação entre seus elementos, como a concordância entre sujeito e predicado e a relação entre o nome e o pronome que a ele se refere.

A coerência também é uma propriedade de textualidade. Dizemos que um texto é coerente ou lógico quando está de acordo com o conhecimento que temos da normalidade do estado de coisas no mundo. Por exemplo, o enunciado "choveu muito este ano em nossa região e por isso a seca aqui foi muito forte", não é um enunciado lógico ou coerente porque não está de acordo com o conhecimento que temos de um mundo normal.

É mais fácil e mais natural aprender a ler e a escrever com textos que se assemelham aos produzidos espontaneamente na linguagem oral.

Vamos passar a uma atividade para fixarmos bem essas noções.

Atividade de estudo-1

Reflita e escreva sobre estas questões:

a Como os bebês que ainda não sabem falar conseguem comunicar-se e interagir de forma significativa?

b Mesmo antes de possuir bastante competência lingüística (morfológica e sintática) as crianças na faixa de 2 a 3 anos já desenvolveram competência pragmática, isto é, recursos que lhes permitem comunicar-se. Veja um exemplo: um menino de 2 anos abre os bracinhos imitando um avião e diz para a mãe: "vovó, mamãe". Sua mãe traduz assim seu enunciado: "Vamos de avião visitar a vovó, mamãe". Pense em episódios semelhantes em que crianças em fase pré-verbal já se comunicam de forma eficiente e lógica.

c Responda à questão: quais são os recursos de comunicação usados além da linguagem verbal?

Pesquisando Evidências 1

Observe e transcreva um diálogo entre duas crianças pré-escolares durante um jogo de futebol ou outra situação em que elas estejam bem à vontade. Observe a coerência (ou lógica) e a coesão (ou processos de seqüencialização) nas falas dessas crianças. Compare seu diálogo com o que apresentamos ao final desta unidade.

Dizemos que uma criança já possui competência pragmática quando é capaz de estabelecer uma interação significativa fazendo uso de outros recursos comunicativos além da linguagem oral que, em alguns casos, pode não estar bem desenvolvida ainda.

Para motivar a produção de textos significativos em sala de aula, um recurso que podemos usar é partir de textos tradicionais bem conhecidos na comunidade. As parlendas são textos dessa natureza. Vamos discutir um pouco o uso de parlendas em sala de aula, começando com uma **atividade de estudo.**

Atividade de estudo–2

Nós já trabalhamos com parlendas na unidade sete. Vamos aprofundar os nossos conhecimentos. Procure no dicionário a definição de "parlenda". Veja uma descrição de parlenda, obtida da Internet, no final desta unidade.

Parlenda:

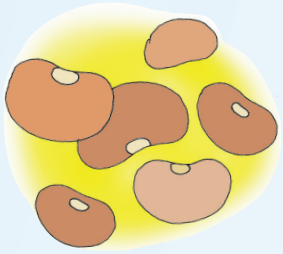
Fonte:

Uma característica da parlenda é que ela ensina alguma coisa, como nomes e números e enfatiza a capacidade de memorização.

Indo à Sala de Aula 1

Para trabalhar com parlendas e estimular a escrita.

- Leve para a sala algumas das parlendas que transcrevemos a seguir.



Um, dois, feijão com arroz
Três, quatro, feijão no prato
Cinco, seis, feijão pra nós três
Sete, oito, feijão com biscoito
Nove, dez, feijão com pastéis

Rei
Capitão
Soldado
Ladrão
Moça
Bonita
Do meu
Coração.
Moça bonita
Com quem quer casar
Loiro
Moreno
Negro
Sarará

Quem vai ao vento
Perde o assento
Quem vai na roça
Perde a carroça
Quem vai ao ar
Perde o lugar

Quem cochicha
o rabo espicha
quem se importa
O rabo entorta

- Transcreva-as no quadro de giz.
- Estimule a leitura e a memorização.
- Tire cópias para os alunos.
- Faça exercícios em que há lacunas no lugar de algumas palavras para que as crianças completem.

Para ampliar a tarefa, realize a seguinte atividade:

Transcreva a seguinte parlenda no quadro e dê uma cópia para que cada aluno cole no caderno.

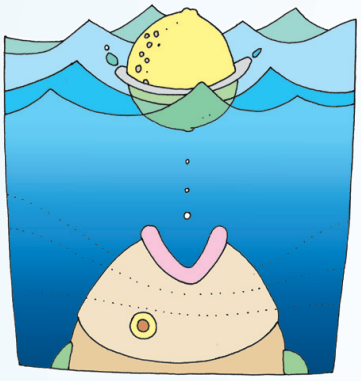
Joguei um limão n'água
De pesado foi ao fundo
Os peixinhos responderam:
_____

- Peça aos seus alunos que escrevam em seus cadernos a fala dos peixinhos.
- Cada um deve ler a sua finalização e as crianças escolherão uma delas que será transcrita no quadro de giz.

Como exemplo, transcrevemos a parlenda com dois finais, ambos já divulgados em discos e livros:

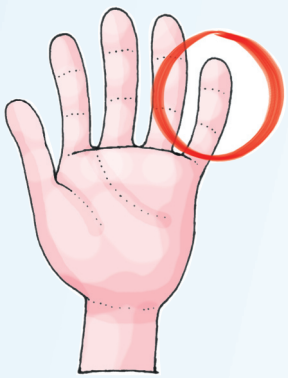
Joguei um limão n'água
De pesado foi ao fundo
Os peixinhos responderam ...
– O, vamos parar de jogar limão aqui!

Joguei um limão n'água
De pesado foi ao fundo
Os peixinhos responderam ...
– Viva Dom Pedro II.



Peça aos seus alunos que desenhem em seus cadernos uma mão com os dedos abertos. Repita com eles os nomes atribuídos a cada dedo: *dedo mindinho, seu vizinho, pai-de-todos, fura-bolos, mata-piolhos.*

- Peça que escrevam os nomes junto aos respectivos dedos.
- Reproduza no quadro o início das seguintes parlendas e peça que cada aluno complete cada uma delas livremente.



Dedo mindinho quer pão
Seu vizinho...

Esse diz que quer comer
Esse diz que não...

Seu mindinho tá com fome
Seu vizinho...

Esse dedo é fura-bolos
Esse dedo ...

Como já vimos, as cantigas de roda também são um gênero textual que muitas crianças conhecem. Podemos aproveitar esse conhecimento para incentivar as crianças a produzirem textos significativos, principalmente a partir daquelas que apresentam uma estrutura para ser completada.

Avançando na Prática 1

Selecione algumas cantigas de roda, pesquisando em livros, ou na Internet, nas unidades anteriores, ou consultando seus amigos ou pessoas mais velhas e leve-as à sua sala de aula para que os alunos as conheçam. Elabore um caderno com todas essas letras para ter uma coleção disponível. Para começar sua coleção, reproduzimos aqui duas canções bem conhecidas:

Pai Francisco entrou na roda
Tocando seu violão
Dararão, dão, dão !
Vem de lá seu delegado,
E pai Francisco
Vai para a prisão.
Como ele vem
Todo requebrado
Parece um boneco
Desengonçado!"

Atirei um pau no gato to
Mas o gato to
Não morreu reu reu
Dona Chica ca
Admirou-se se
Do berro, do berro
Que o gato deu
MIAU!

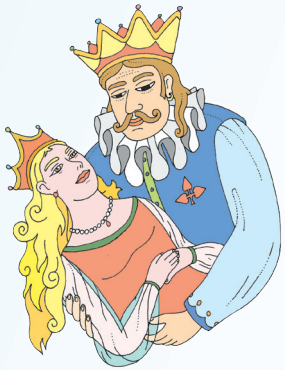
Temos agora mais uma cantiga de roda para Você levar à sala de aula.

Indo à Sala de Aula 2

Para trabalhar mais com cantigas de roda.

Leve à sala de aula, transcrita em uma folha de papel pardo, a canção de roda *A Linda Rosa Juvenil.*

A LINDA ROSA JUVENIL



A linda Rosa juvenil, juvenil, juvenil,
A linda Rosa juvenil, juvenil
Vivia alegre no seu lar, no seu lar, no seu lar
Vivia alegre no seu lar, no seu lar.

Mas uma feiticeira má, muito má, muito má
mas uma feiticeira muito má, muito má
Adormeceu a Rosa assim, bem assim, bem assim...

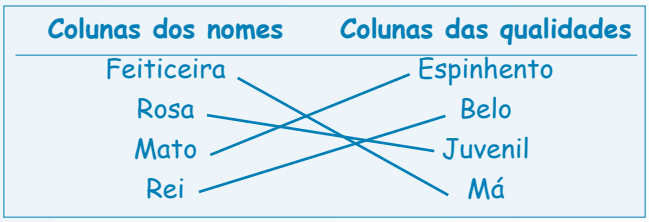
Adormeceu a Rosa assim, bem assim...
Não há de acordar jamais, nunca mais, nunca mais
Não há de acordar jamais, nunca mais.
O tempo passou a correr, a correr, a correr,
o tempo passou a correr, a correr
E o mato cresceu ao redor, ao redor, ao redor
E o mato cresceu ao redor, ao redor
Um dia veio um belo rei, belo rei, belo rei
Um dia veio um belo rei, belo rei
Que despertou a Rosa assim, bem assim, bem assim
Que despertou a Rosa assim, bem assim.

- Leia-a com seus alunos e, se souberem a música, cantem-na.
- Monte no quadro de giz duas colunas de palavras. A primeira será composta de: feiticeira, rosa, rei, mato. A segunda será composta de: belo, juvenil, má, espinhento.

Cada aluno deve ligar com um traço o nome (substantivo) à qualidade que o descreve (adjetivo). Veja a seguir como ficará o exercício.

Cada um dos alunos em seguida, deve recontar a história na forma de narrativa, sem as repetições do refrão e, em seguida, escrever a sua narrativa.

- Leia com cada um deles a narrativa escrita e ajude-os a localizar eventuais problemas de ortografia.



Quando as crianças estão começando a escrever, alguns sons representam mais dificuldades que outros. Um procedimento que pode ampliar o conhecimento e a segurança em relação à escrita é a apresentação de textos em que uma questão ortográfica possa ser focalizada e explorada.

Vamos continuar a trabalhar estratégias de construção de textos significativos e nos deter, em seguida, em um problema de natureza ortográfica. Começaremos, desta vez, com o poema *Enchente*, do livro *Ou Isto ou Aquilo*, de Cecília Meireles, poetisa que Você já conhece.

ENCHENTE

Chama o Alexandre!
Chama!

Olha a chuva que chega!
É a enchente.
Olha o chão que foge com a chuva...

Olha a chuva que encharca a gente.
Põe a chave na fechadura.
Fecha a porta por causa da chuva,
olha a rua como se enche!

Enquanto chove bota a chaleira
no fogo: olha a chama! olha a chispa!
Olha a chuva nos feixes de lenha!

Vamos tomar chá, pois a chuva
é tanta que nem de galocha
se pode andar na rua cheia!

Chama o Alexandre!
Chama!

Ou isto ou aquilo, Cecília Meireles, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.

Atividade de estudo–3

Cecília Meireles era muito sensível aos problemas educacionais e ao pensamento das crianças. Seus poemas infantis são ricos em questões que facilitam a alfabetização. Nesse poema, ela explora o primeiro som da palavra "chuva" que representa um problema potencial na alfabetização porque ele, em algumas palavras, é representado pelo dígrafo "ch" e em outras pela letra "x". Faça uma relação de palavras escritas com o dígrafo "ch" e outras com a letra "x". Confira depois sua relação com a que apresentamos no final desta unidade. Se tiver dúvidas quanto à grafia de alguma palavra, consulte um dicionário.

CH	X

Indo à Sala de Aula 3

Para trabalhar o dígrafo "ch" em textos significativos.

- Leve o poema *Enchente* para a sala de aula e o transcreva no quadro de giz.
- Você pode dar uma cópia para cada aluno.
- Leia e interprete com eles. Aproveite para conversar sobre a chuva na sua região.
- Junto com os alunos, circule com um giz colorido todas as palavras escritas com o dígrafo "ch".
- Forneça aos alunos os seguintes pares de palavras e peça que cada um forme uma frase com cada par:

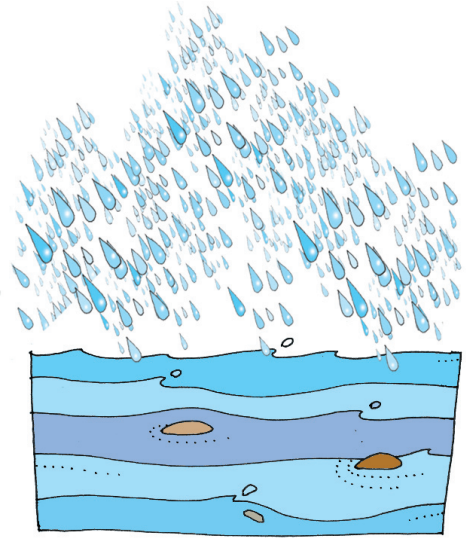
Chuva / enchente
Chama /fogão
Fechadura / porta
Chá / bule
Chulé / pé
Chiclete / dente

- Com cada uma das palavras seguintes, peça a cada aluno que forme uma palavra derivada para completar a frase, por exemplo: chuva > chuveiro

Da palavra Chave > eu posso escrever a palavra _____
Chato > _____
Chapa > _____
Cheiro > _____
Chifre > _____
Choro > _____

- Para concluir, diga a cada aluno que escreva uma pequena narrativa de experiência pessoal em um dia de chuva ou tempestade.

Essa atividade pode ser feita no caderno ou em folhas para serem coladas.
Escolha outros poemas e trabalhe questões de grafia.



Nossos alunos podem também construir textos significativos elaborando adivinhas, pois as crianças gostam de propor adivinhas ou serem confrontadas para apresentar suas respostas. Um exemplo muito conhecido é a adivinha sobre a chuva:

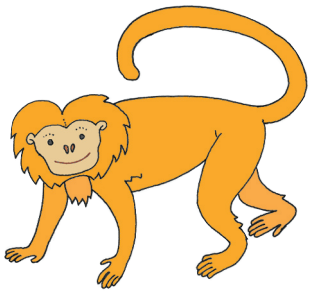
Pergunta: O que é, o que é que cai de pé e corre deitado?

Resposta: A chuva.

Avançando na Prática 2

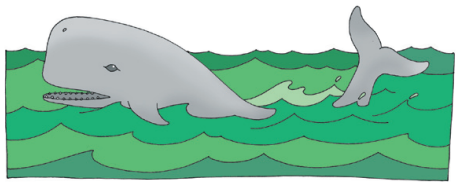
Você encontra aqui algumas adivinhas com a resposta. Procure elaborar outras e forme com todas elas um arquivo para seu futuro uso em sala de aula. Seus alunos também poderão ajudá-la a criar outras adivinhas.

Sou uma ave grande
Tenho plumagem preta e branca
Tenho um grande bico forte e colorido
Quem sou eu?
Resposta: Tucano



Sou da família dos macacos
Mas sou muito pequenino
Vivo nas copas das árvores
E sou amarelinho
Resposta: Mico-leão-dourado

Sou grande e vivo no mar
Mas não sou um peixe, sou um mamífero.
Nado longas distâncias para ter meus filhotes
Nas águas mais quentes
Resposta: Baleia



Sou um pássaro bem pequeno
E vôo de flor em flor
Bato as asinhas com força
Quem sou eu?
Resposta: Beija-flor ou Colibri

Como vimos quando as crianças escrevem, mesmo que seja uma só palavra, (como é o caso de adivinhas), elas estão produzindo textos. Entretanto, para que essas pequenas produções sejam significativas, devem fazer parte de um contexto maior.

Indo à Sala de Aula 4

Para que seus alunos elaborem adivinhas.

Leve à sala de aula figuras de animais, domésticos ou selvagens, ou de artefatos com os quais as crianças estejam familiarizadas, como automóvel, computador, livro etc.

Peça a cada aluno que traga, também, uma figura de animais ou de objetos.

- Selecione uma das figuras que Você trouxe e elabore com todo o grupo uma adivinha sobre o animal ou o objeto da figura. Você já trabalhou com alguns exemplos de adivinha.

- Cada aluno deverá redigir uma adivinha sobre o animal ou artefato que trouxe.Uma alternativa também é desenhar a figura referente à resposta da adivinha.
- Sem mostrar a figura ou desenho aos colegas, deve apresentar sua adivinha para o colega ao lado, que tentará produzir a resposta correta.
- Ao final, cada aluno deve ler sua adivinha para toda a classe e mostrar seu desenho ou gravura.

Durante as atividades de produção individual, o professor deve oferecer apoio tirando dúvidas e consultando o dicionário com o aluno. Um aluno pode também consultar o colega.

As palavras que suscitaram dúvidas devem ser transcritas no quadro negro, preferencialmente inseridas em um pequeno contexto.

Outra estratégia é colocar juntas palavras que tenham letras ou seqüência de letras em comum, por exemplo, rainha – bainha – tainha.

Há muitas atividades que criam oportunidades para seus alunos escreverem. A seguir, vamos discutir algumas dessas atividades.

Avançando na Prática 3

Estamos apresentando a Você uma relação de atividades que podem ser desenvolvidas com seus alunos. Reflita sobre cada uma e faça um pequeno planejamento para levá-las à sala de aula.

- Assinar correspondência coletiva da classe;
- Escrever legendas para álbuns de fotos, para figuras ou desenhos;
- Escrever mensagens para o aniversariante do dia;
- Escrever bilhetes para a família a respeito dos assuntos da escola;
- Elaborar a agenda do dia;
- Escrever pequenas notícias para o jornal mural;
- Escrever classificados para trocar objetos, procurar ou oferecer serviços, vender pequenas coisas;
- Escrever instruções para um jogo;
- Fazer um relatório de passeio;
- Fazer um roteiro ou planejamento de tarefas a serem realizadas;
- Escrever um *slogan* sobre uma data ou uma campanha.

Crie outras situações de acordo com a realidade da turma.

No começo, os alunos farão apenas pequenos textos, com uma ou duas frases. À medida que os alunos vão ficando mais fluentes na escrita, produzirão textos mais longos e complexos.

Resumindo

A principal função da linguagem humana é a comunicação.

Desde os primeiros balbucios, os bebês travam uma ação interativa com as pessoas que os cercam.

A criança que chega à escola já é portadora de uma **competência comunicativa** bem desenvolvida.

Textos tradicionais de cartilha são estranhos porque em nada se parecem com os enunciados espontâneos que as crianças produzem em suas interações.

Mesmo antes de possuir bastante competência lingüística (morfológica e sintática) as crianças na faixa de 2 a 3 anos já desenvolveram competência pragmática.

O dígrafo "ch" representa um problema potencial na alfabetização porque o mesmo som em algumas palavras é representado por esse dígrafo, e em outras pela letra "x".

Devem ser usadas atividades variadas em sala de aula para motivar a produção escrita dos alunos. Parlendas, cantigas, adivinhas são textos motivadores para a escrita.

SEÇÃO 2

Uma pedagogia sensível à realidade dos alunos

Objetivo: Reconhecer que, quando as crianças escrevem, mesmo que seja uma só palavra, elas estão produzindo textos.

O grande educador brasileiro Paulo Freire dizia que, se temos de ir daqui para lá, nosso ponto de partida tem de ser aqui. Se nosso objetivo é levar nossas crianças a aprenderem coisas novas, nosso ponto de partida é o conhecimento que elas já detêm e que adquiriram na sua família, na comunidade, com os amigos. O que fazemos na escola é agregar valor ao conhecimento que as crianças já trazem consigo.

Se esse universo cultural que envolve a criança desde seu nascimento – e até antes: desde o nascimento de seus pais – for levado para a sala de aula, isso lhe trará muitos benefícios e facilitará a tarefa de aprender a língua.

Nesta seção, vamos trabalhar, especialmente, com elementos do folclore brasileiro. Antes de prosseguirmos, convidamos Você para mais uma atividade.

Atividade de estudo–4

Leia a canção de Zé Ramalho reproduzida a seguir e reflita sobre os mitos que povoam a imaginação do povo brasileiro, em especial os relacionados à escuridão e à noite.

MISTÉRIOS DA MEIA-NOITE

Mistérios da meia-noite
Que voam longe
Que você nunca
Não sabe nunca
Se vão se ficam
Quem vai quem foi.
Impérios de um lobisomem
Que fosse um homem
De uma menina tão desgarrada
Desamparada se apaixonou.
Naquele mesmo tempo
No mesmo povoado se entregou
Ao seu amor porque
Não quis ficar com os beatos
Nem mesmo entre Deus ou o capeta
Que viveu na feira.
Impérios de um lobisomem
Que fosse o homem
De uma menina tão desgarrada
Desamparada seu professor.

Vá ao dicionário e procure uma definição para folclore escrevendo-a aqui. Depois confira sua pesquisa com os dados que fornecemos ao final da unidade.

Folclore:

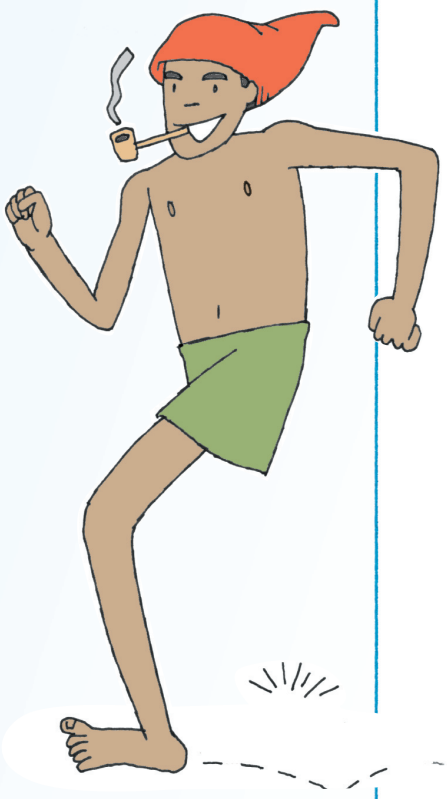
Fonte:

Propomos agora que Você envolva seus alunos em uma pesquisa sobre crenças e entes folclóricos. Vamos à sala de aula.

Indo à Sala de Aula 5

Para trabalhar *pesquisa etnográfica*, isto é, uma pesquisa em que vão procurar levantar os conhecimentos e saberes em sua comunidade, desenvolva as atividades a seguir:

- Discuta com eles sobre os mitos e lendas do Brasil. Para facilitar seu trabalho, Você encontra, a seguir, informações acerca dos mitos mais conhecidos.
- Cada aluno deve encarregar-se de entrevistar seus pais, avós, parentes e vizinhos, para apurar o que sabem sobre esses mitos.
- O material que recolherem deve ser transcrito nos cadernos em forma de pequenos relatos descritivos.
- Confira o material recolhido por cada um dos alunos.
- Elogie os trabalhos. Diante de eventuais erros de ortografia, ajude-os a encontrar a ortografia correta.
- Ressalte as diferenças que deverão aparecer em relação a um mesmo mito.
- Com base na pesquisa feita, cada aluno deverá confeccionar um cartaz, em cartolina ou papel pardo. Deve constar de um desenho ilustrativo e uma descrição do mito de sua escolha.
- Monte uma exposição e convide alunos de outras séries e as famílias de seus alunos para visitá-la. Durante a exposição, cada aluno deve ficar ao lado de seu cartaz para dar explicações orais do trabalho.
- Reúna as descrições produzidas pelos seus alunos e, depois de revisadas, forme com elas um livrinho.



Lembrete

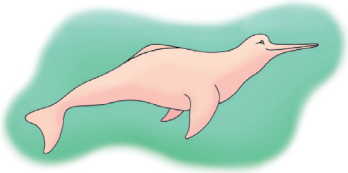
Quando fazemos pesquisa etnográfica em uma comunidade, seja um bairro, uma escola, uma comunidade religiosa etc., procuramos observar as ações dos membros daquela comunidade focalizando, especialmente, o objeto da nossa pesquisa. Também fazemos entrevistas e recolhemos materiais informativos.

Na pesquisa que estamos sugerindo sobre mitos e lendas, os alunos vão conversar com seus pais e parentes sobre esse tema, vão transcrever histórias e observar as ações dos membros da comunidade em relação ao tópico proposto.

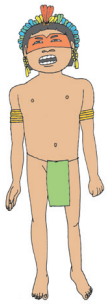
O resultado de sua pesquisa deve ser trazido à sala de aula para ser apresentado. É bom que os alunos troquem entre si esses resultados.

Leia agora sobre mitos folclóricos da nossa cultura oral para sua informação e trabalho em sala de aula.

Boitatá – Gênio protetor dos campos. Aparece sob a forma de enorme serpente de fogo, que mata quem destrói as florestas. O padre José de Anchieta, em 1560, é o primeiro a mencionar o Boitatá como personagem de mito indígena brasileiro. Esse é o nome dado pelos índios ao fenômeno do fogo-fátuo.



Boto – Mito amazônico. É o pai das crianças de paternidade ignorada. Descrito como rapaz bonito, bem vestido, boêmio e ótimo dançarino. Nos bailes, encanta as moças, atraindo-as para igarapés afluentes do Amazonas. Elas engravidam e antes da madrugada, ele mergulha no rio e se transforma em boto. Chamado também de boto tucuxi.

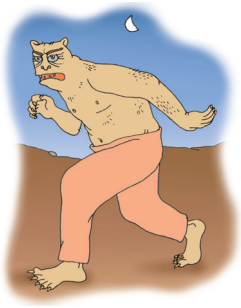


Caipora – Segundo a mitologia tupi, é um personagem das florestas, com a propriedade de atrapalhar os negócios de quem o vê. Quando um projeto sai errado, se diz que seu autor viu o caipora, ou caapora. Em algumas regiões, é um indiozinho de pele escura. Em outras, uma indiazinha feroz. É descrito também como criança de uma perna só e cabeça enorme.

Cuca – Influenciada pela bruxa de origem européia é uma velha feia que ameaça crianças desobedientes, em especial as que não querem dormir à noite.

Curupira – Mito conhecido de vários índios sul-americanos. A cabeça varia: em alguns lugares, ele é careca, em outros tem cabeleira vermelha. Mas todos o descrevem como um anão com os pés às avessas – calcanhar para frente, dedos para trás. Seu rastro engana os caçadores inescrupulosos, fazendo com que se percam na floresta. Tem sempre a função de ente protetor das árvores e dos animais.

Iara – Tem as mesmas características das sereias: mulher de cintura para cima, peixe da cintura para baixo. Canto irresistível aos ouvidos dos homens, que atrai para a profundidade das águas, onde habita.



Lobisomem – Homem aparentemente comum, vive e trabalha como os demais da comunidade. Nas noites de lua cheia se transforma em lobo, ou em homem com cabeça de lobo, e mata quem cruza seu caminho. Antes do dia clarear, readquire forma humana.

Matintapereira – Segundo a mitologia tupi, é uma pequena coruja que canta à noite para anunciar a morte próxima de uma pessoa. Descrevem-na também como mulher grávida que deixa o feto na rede de quem lhe nega fumo para o cachimbo.

Negrinho do Pastoreio – Na tradição gaúcha, uma espécie de anjo bom, ao qual se recorre para achar objetos perdidos ou conseguir graças. É o negrinho escravo que o dono da estância pune injustamente, açoitando-o e amarrando-o sobre um formigueiro. Mas seu corpo aparece intacto no dia seguinte, como se não tivesse sofrido nenhuma picada, e sua alma passa a vaguear pelos pampas.

Saci-pererê – Negrinho de uma perna só, fuma cachimbo e cobre a cabeça com carapuça vermelha. É inofensivo: se diverte assustando gado no pasto, dando nó em rabo de cavalo e criando pequenas dificuldades domésticas.

Uma outra forma bastante producente de trazermos os saberes familiares de nossos alunos para a sala de aula é fazendo levantamento de receitas culinárias. Propomos que as receitas sejam utilizadas nas atividades escolares.

Pesquisando Evidências 2

Procure se lembrar de algumas receitas de seus pratos ou doces favoritos e escreva-as no caderno.

Consulte, também, outros membros de sua família ou conhecidos sobre pratos típicos de sua região e reproduza essas receitas no caderno; depois Você poderá partilhá-las com seus alunos ou colegas.

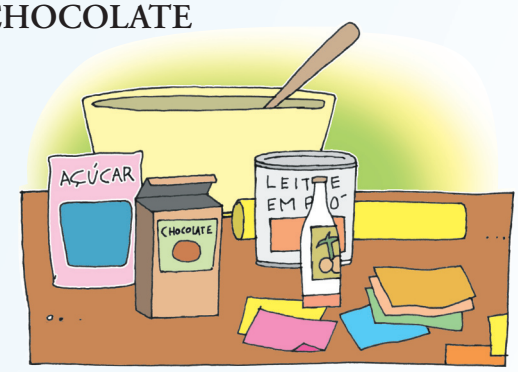
Para trabalhar receitas culinárias em sala de aula, passemos à atividade seguinte:

Indo à Sala de Aula 6

Para trabalhar com receitas em sala de aula:

- Leve a receita de ovinhos de chocolate, que apresentamos a seguir.
- Peça a todos os alunos que a copiem.
- Encarregue alguns alunos de trazerem os ingredientes.
- Seguindo a receita, façam os ovinhos na sala.

OVINHOS DE CHOCOLATE



INGREDIENTES:
1 kg de açúcar
500 g de chocolate em pó
1 garrafa pequena de leite de coco
1 lata de leite em pó
um rolo de papel alumínio
saquinhos de papel celofane

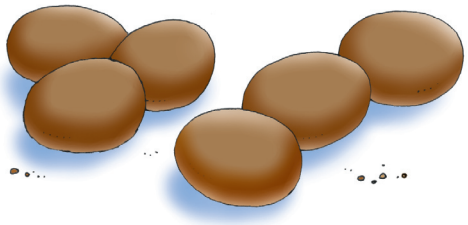
MODO DE FAZER:

Misturar todos os ingredientes, amassando até obter o ponto de "massinha de modelar", desgrudando das mãos. Enrolar os ovinhos e embrulhar no papel alumínio.

Colocar em saquinhos de papel celofane.

- Peça a cada aluno que pesquise as receitas de pratos que são apreciados em casa. Ele deverá escolher uma receita e trazê-la escrita em seu caderno. Ao final, os alunos devem trocar receitas entre si. Podemos confeccionar um livrinho com os textos revisados para que todos os alunos presenteiem suas mães.

Observe que o gênero "receita" tem um formato padronizado: ingredientes e modo de fazer. Nas instruções sobre modo de fazer, as formas verbais vêm no infinitivo: misturar, enrolar, colocar. Outra forma de escrever receitas ou instruções é colocar o verbo no imperativo. Veja como ficaria a receita com esta segunda opção de emprego das formas verbais:



Misture todos os ingredientes, amassando até obter o ponto de "massinha de modelar", desgrudando das mãos. **Enrole** os ovinhos e os **embrulhe** no papel alumínio. **Coloque** os ovinhos em saquinhos de papel celofane.

Lembrete

Quando estamos escrevendo instruções como uma receita de um prato, por exemplo, podemos usar as formas verbais no infinitivo ou no imperativo. Se escolhermos o imperativo, podemos usar a terceira pessoa do singular ou a terceira pessoa do plural.

Quando os alunos escreverem as receitas que conseguiram com sua pesquisa, eles poderão produzir duas variantes do texto. A primeira usando as formas verbais no imperativo e a segunda, no infinitivo.

Escrevendo relatos de pesquisa e receitas, as crianças têm oportunidade de escrever pequenos textos individualmente com objetivo claro: relatar as informações e ensinar a fazer. É importante que as experiências de escrita tenham finalidade e possam ser lidas por outros leitores além do professor. Depois que os alunos trocarem receitas entre si, sugira a eles que levem as novas receitas para mostrá-las à sua família.

Resumindo

Se nosso objetivo é levar as crianças a aprenderem coisas novas, nosso ponto de partida é o conhecimento que elas já detêm e que adquiriram na sua família, na comunidade, com os amigos.

Se o universo cultural que envolve a criança for levado para a sala de aula, isso lhe trará benefícios e facilitará sua tarefa de apropriar-se da língua.

O folclore brasileiro é uma fonte rica de elementos para o trabalho em sala de aula.

Os alunos podem fazer **pesquisa etnográfica** na comunidade para levantar informações sobre a sua cultura e os saberes populares.

O folclore compreende mitos e lendas que variam de acordo com as diferentes regiões do país.

Receitas culinárias são dados importantes que podem ser obtidos em **pesquisa etnográfica** e levados à sala de aula como estratégia na produção de textos significativos.

SEÇÃO 3

Práticas de análise lingüística

Objetivo: Desenvolver recursos que enfatizem a reflexão analítica sobre a forma e os usos da língua.

Ao longo de nosso trabalho temos enfatizado o uso da língua em atividades textuais significativas, de preferência trabalhando com textos que são parte da bagagem sociocultural da comunidade onde estamos inseridos. Nesta seção, além do uso das atividades lingüísticas, vamos enfatizar também a reflexão sobre esse uso e sobre as estruturas da própria língua. Já sabemos que nossos alunos chegam à fase de alfabetização com uma notável bagagem lingüística, pois são falantes competentes de sua língua materna. No caso brasileiro, a maioria dos alunos tem como língua materna o português.

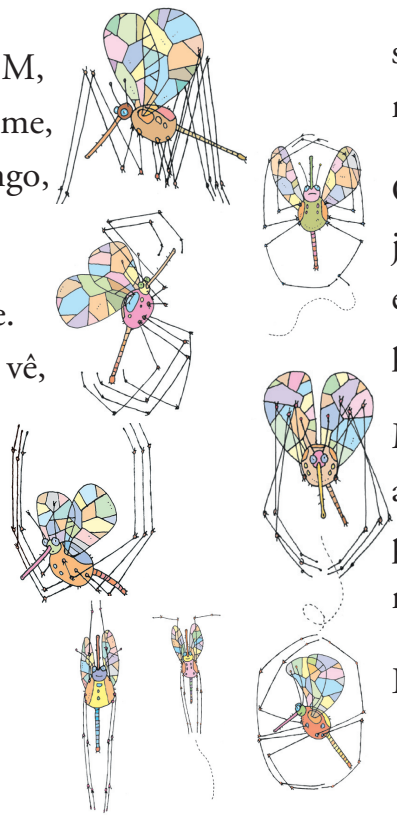
Mas, embora sejam falantes competentes da língua, precisam desenvolver a habilidade de refletir acerca das características da língua que falam e que estão aprendendo a escrever. Nesta seção, vamos discutir algumas estratégias que ajudarão nossos alunos a desenvolverem essa reflexão. Comecemos com o poema *O Mosquito Escreve* de Cecília Meireles, em que os alfabetizandos são levados a refletir sobre as letras da palavra "mosquito".

O MOSQUITO ESCREVE

O mosquito pernilongo
trança as pernas, faz um M,
depois, treme, treme, treme,
faz um O bastante oblongo,
faz um S.

O mosquito sobe e desce.
Com artes que ninguém vê,
faz um Q,
faz um U e faz um I.

Esse mosquito
esquisito
cruza as patas, faz um T.
E aí,



se arredonda e faz outro O,
mais bonito.

Oh!
já não é analfabeto,
esse inseto,
pois sabe escrever seu nome.

Mas depois vai procurar
alguém que possa picar,
pois escrever cansa,
não é, criança?

E ele está com muita fome.

Em unidade anterior, há um outro poema sobre o mosquito, de Vinícius de Moraes. Quando Você trabalhou aquela unidade teve a oportunidade de refletir sobre os mosquitos e os danos que eles podem trazer à saúde.

Atividade de estudo–5

No poema que Você acabou de ler aparece a palavra "oblongo". Sabe o que essa palavra significa? Confira o significado no dicionário e escreva-o aqui. No final da unidade, fornecemos uma definição para que Você possa comparar com a sua. Embora seja um poema para crianças, nem todas as palavras são fáceis ou banais.

Oblongo:

Fonte:

Como já vimos, os poemas de Cecília Meireles para crianças são muito divertidos e oferecem diversas oportunidades de conhecimento das questões relativas à escrita. Sua escola tem os livros dela?

Para que seus alunos focalizem a atenção em algumas questões da escrita.

- Leve o poema *O Mosquito* de Cecília Meireles para a sala de aula com cópias para todos e leia-o com os alunos.
- Peça a cada aluno que faça, em seguida, uma leitura silenciosa.
- Depois de ler cada verso, ele deverá fazer o desenho da letra a que o verso se refere.
- Chame a atenção de seus alunos para a sílaba "mos" que inicia a palavra "mosquito".
- Peça a eles que forneçam outras palavras que contenham essa sílaba. Por exemplo, **mos**trar, a**mos**tra, va**mos**, **mos**tarda...
- Chame a atenção de seus alunos para o dígrafo "qu" na sílaba "qui" de "mosquito"
- Peça-lhes que sugiram outras palavras que se escrevem com esse dígrafo, por exemplo: es**qui**lo, **qui**lo, a**qui**lo, **qui**lômetro...

Vamos agora ler outro poema retirado do mesmo livro de Cecília Meireles.

OS PESCADORES E SUAS FILHAS

Os pescadores dormiam
cansados, ao sol, **nos barcos**.

As filhinhas dos pescadores
brincavam na praça, de mãos dadas.

Os pescadores sonhavam
com **seus barcos carregados**.

As filhinhas dos pescadores
cantavam cantigas de sol e de água.

Os pescadores dormiam
cansados de seu trabalho.

As filhinhas dos pescadores
falavam de beijos e abraços.

Em sonho, **os pescadores** sorriam.
As meninas cantavam tão alto

que até no sonho **dos pescadores**
boiavam **as suas palavras**.

Você reparou que em todos os períodos temos os sujeitos no plural e, também no plural, os predicados correspondentes: *"os pescadores dormiam"*. Vamos conversar sobre o plural em nomes e nos verbos. Esta é uma questão muito importante porque em nossa **fala não-monitorada,** em situações coloquiais, tendemos a não marcar os plurais. De fato, os plurais são marcados no português de forma redundante, isto é, com várias marcas sucessivas. Veja o exemplo: "os pescadores dormiam". Temos aí três marcas de plural; no artigo "os", no substantivo "pescadores" e na forma verbal "dormiam".

Na nossa linguagem oral não-monitorada, quando não estamos prestando muita atenção à forma da nossa fala, tendemos a marcar o plural só uma vez. Quase sempre marcamos no primeiro elemento, que geralmente é um artigo ou um pronome possessivo ou demonstrativo etc. Por exemplo: "Levei **meus menino** no médico"; "Meu pai botou **cinco rês** no pasto do seu compadre"; "**Os médico** do posto **não veio** trabalhar hoje".

Atividade de estudo-6

Observe esses três exemplos de enunciados próprios da linguagem não-monitorada e forneça a variante monitorada (formal) de cada um deles. Depois confira sua tarefa no final da unidade.

Linguagem não monitorada	Linguagem oral monitorada ou linguagem escrita
Levei meus menino no médico	
Meu pai botou cinco rês no pasto do seu compadre	
Os médico do posto não veio trabalhar hoje	

Na coluna da esquerda, o plural é marcado uma única vez. Já na linguagem formal, que geralmente usamos na escrita, o plural é redundantemente marcado. Na linguagem não-monitorada, tendemos a dispensar as marcas redundantes de plural, mantendo apenas uma.

Essa tendência tem importantes conseqüências para o ensino da língua escrita, porque nossos alunos ao escreverem textos tenderão, também, a colocar apenas uma marca de plural, geralmente no primeiro elemento, em vez de empregá-lo de forma redundante.

Há ainda mais uma coisa que Você precisa saber: **Quanto mais semelhantes forem as formas de singular e de plural de uma palavra, menos tendemos a flexionar essa palavra no plural.** Estamos dizendo que há maior probabilidade de se flexionar palavras de plural irregular do que palavras cujo plural é feito com simples acréscimo de "S".

Estudos sobre essa questão têm mostrado que a probabilidade de flexão das palavras no plural pode ser prevista numa escala que vai dos plurais regulares até os plurais irregulares. Veja como ficou construída essa escala, que vamos chamar de escala de saliência ou de diferença entre as formas de singular e plural.

a Amigo – amigos; bola – bolas; escola – escolas: o plural se forma apenas com o acréscimo de "s". Dizemos que a saliência da forma plural é mínima.

b Pescador – pescadores; jogador – jogadores; maior – maiores: o plural se forma pelo acréscimo de uma sílaba e por isso a saliência da forma plural é um pouco maior que no caso anterior.

c Rapaz – rapazes; vez – vezes; japonês – japoneses: como no caso anterior, o plural se forma com o acréscimo de uma sílaba, mas a forma de singular se confunde com a de plural porque a palavra termina com um **som sibilante** e a marca de plural "s" também é um som sibilante.

d Real – reais; caminhão – caminhões; cão – cães: as formas de plural são bem distintas das formas de singular.

e Novo – novos; fogo – fogos; jogo – jogos: nessas palavras o plural possui duas marcas: o acréscimo do "s" e a abertura da vogal (ó).

Faça uma pequena coleção de textos dos seus alunos e verifique os casos em que eles deixaram de marcar o plural.

Reflita sobre essa questão de saliência na formação do plural. Confira se eles estão marcando menos os plurais regulares do que os irregulares.

Anote alguns exemplos de cada caso em que o plural não foi realizado.

Atividade de estudo–7

Ainda com base na tabela das diferenças entre a forma de singular e do plural, que alguns autores chamam de saliência, elabore frases que sejam ilustrativas dos diversos casos de formação do plural. Veja o exemplo no final da unidade.

Indo à Sala de Aula 8

Para que seus alunos fiquem mais atentos ao plural:

- Leia com seus alunos o poema *Os Pescadores e as Suas Filhas* de Cecília Meireles.
- Transcreva-o no quadro. Interprete e comente o texto com os alunos. Aproveite para refletir sobre o tema trabalho.
- Durante a releitura interpretativa, chame a atenção para a questão do uso do plural.
- Marque com o auxílio de seus alunos todos os substantivos e adjetivos que estão flexionados no plural.
- No texto do poema que Você leu, esses substantivos e adjetivos flexionados no plural e os artigos que os antecedem já estão marcados.
- Peça a cada aluno que troque as palavras flexionadas no plural pela forma singular da palavra, fazendo os necessários ajustes na oração. Veja, a seguir, como o exercício ficará.

O PESCADOR E SUA FILHA

O pescador dormia
cansado, ao sol, no barco.

A filhinha do pescador
brincava na praça.

O pescador sonhava
com seu barco carregado.

A filhinha do pescador
cantava cantiga de sol e de água.

O pescador dormia
cansado de seu trabalho.

A filhinha do pescador
falava de beijo e abraço.

Em sonho, o pescador sorria.
A menina cantava tão alto

que até no sonho do pescador
boiava a sua palavra.

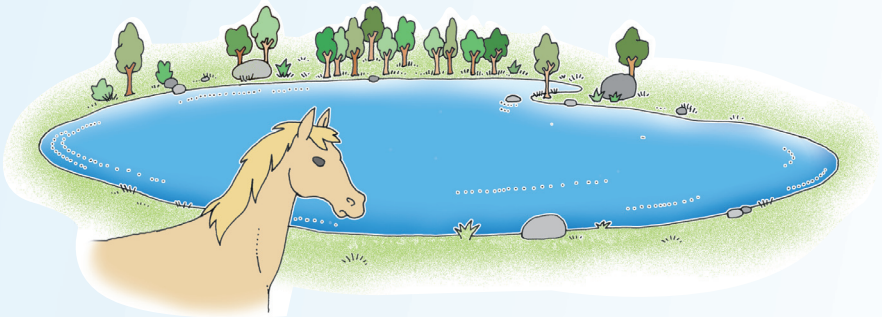
Vamos trabalhar mais um pouco o uso das formas plurais. Leia o poema seguinte, também de Cecília Meireles.

Indo à Sala de Aula 8

Para que seus alunos trabalhem a oposição singular x plural.

• Leve o poema *A Égua e a Água* de Cecília Meireles para a sala de aula e leia-o com os alunos.

A ÉGUA E A ÁGUA



A égua olhava a lagoa
com vontade de beber água

A lagoa era tão larga
Que a égua olhava e passava.

Bastava-lhe uma poça d'água,
ah! Mas só daqui a algumas léguas.

E a égua a sede agüentava.
A égua andava agora às cegas
de olhos vagos nas terras vagas,
buscando água.

Grande mágoa!

Pois o orvalho é uma gota exígua
e as lágrimas são muito largas.

• Transcreva no quadro de giz o poema.

• Pesquise em dicionário as palavras desconhecidas

• Em todos as ocorrências de "a égua" e "a lagoa" peça a seus alunos que flexionem essas seqüências no plural. Assim: "as éguas" e "as lagoas".

• Peça a eles que façam as mudanças necessárias no texto para atender à concordância. Veja como vai ficar o poema depois das alterações.

• Aproveite para refletir sobre a importância da água e os problemas que a seca traz.

AS ÉGUAS E A ÁGUA

As éguas olhavam as lagoas
com vontade de beber água

As lagoas eram tão largas
Que as éguas olhavam e passavam.

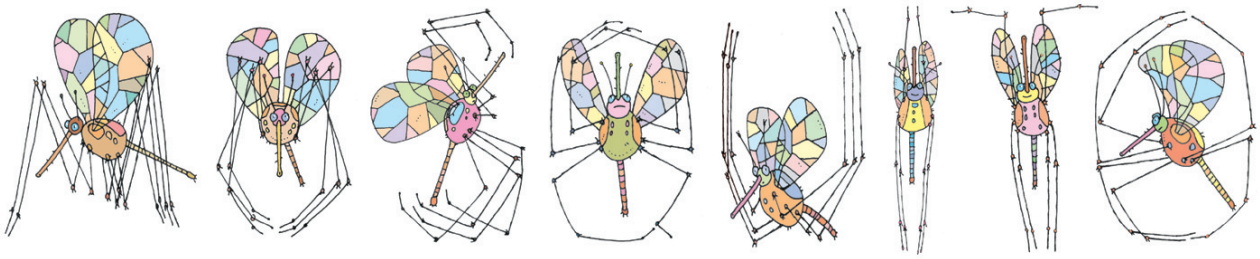
Bastava-lhes uma poça d'água,
ah! Mas só daqui a algumas léguas.

E as éguas a sede agüentavam.

As éguas andavam agora às cegas
de olhos vagos nas terras vagas,
buscando água.

Para enfatizar a reflexão a respeito das transformações que a passagem do singular para o plural exige, voltemos ao poema *O Mosquito Escreve* de Cecília Meireles. Neste poema, podemos alterar **O Mosquito** para **Os Mosquitos.** Observe que a flexão de **O Mosquito** para **Os Mosquitos** exige também outras modificações nas frases.

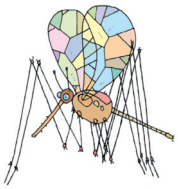
OS MOSQUITOS ESCREVEM



Os mosquitos pernilongos
trançam as pernas, fazem um M,
depois, tremem, tremem, tremem,
fazem um O bastante oblongo,
fazem um S.

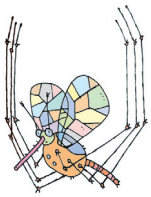
Os mosquitos sobem e descem.
Com artes que ninguém vê,
fazem um Q,
fazem um U e fazem um I.

Esses mosquitos
esquisitos
cruzam as patas, fazem um T.
E aí,
se arredondam e fazem outro O,
mais bonito.

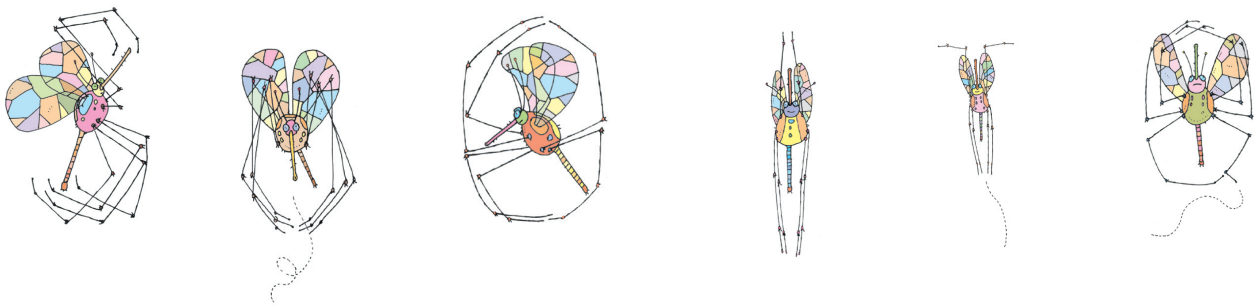


Oh!
já não são analfabetos,
esses insetos,
pois sabem escrever seus nomes.

Mas depois vão procurar
alguém que possam picar,
pois escrever cansa,
não é, criança?



E eles estão com muita fome



Ao fazer o exercício de plural com o poema *O Mosquito Escreve*, é preciso alterar várias formas verbais para que elas concordem com o sujeito plural. Vamos então fazer mais uma atividade para fixarmos bem as formas verbais dos verbos.

Atividade de estudo–8

Copie todas as formas verbais que foram alteradas no poema, colocando lado a lado a forma singular e a plural. Veja no final da unidade como ficará sua relação. Começamos para Você:

Forma da 3ª pessoa do singular (ele/ela)	Forma da 3ª pessoa do singular (ele/ela)
trança	trançam
faz	fazem

Você reparou que algumas formas verbais de terceira pessoa do plural são formadas com o simples acréscimo de um "m" que nasaliza a sílaba final. É o caso de trança – trançam; treme – tremem.

Em outras formas de plural acrescenta-se uma sílaba, como em "faz – fazem". E há ainda outras em que as formas de singular e plural são quase totalmente diferentes, por exemplo: "é – são; vai –vão".

Você já aprendeu, no caso dos plurais dos nomes que, quanto mais diferentes forem as formas de singular e plural, dizemos que há maior saliência na formação do plural. Quanto maior for essa saliência, maior a probabilidade de empregarmos as formas plurais de forma adequada. O mesmo raciocínio vale para as formas verbais no singular e no plural. Quanto mais diferentes forem as formas de terceira pessoa do singular e de terceira pessoa do plural, maior a saliência e, conseqüentemente, maior a probabilidade de emprego das formas plurais de forma adequada. Assim, é mais provável que seus alunos tendam a flexionar, com mais freqüência, formas como "vai – vão" do que "sobe – sobem", pois essas últimas palavras são muito parecidas. Vamos refletir mais sobre isso.

Atividade de estudo–9

Com base na relação que Você fez na atividade 8 produza uma sentença com cada forma verbal plural. Explique em cada caso como se forma o plural. Você poderá conferir seu exercício no final da unidade.

As meninas **trançam** os cabelos.	O plural se forma com a nasalização da sílaba final representada pela consoante **"m"**
Os nadadores **tremem** de frio.	O plural se forma com a nasalização da sílaba final representada pela consoante **"m"**
As formigas **sobem** nas paredes.	O plural se forma com a nasalização da sílaba final representada pela consoante **"m"**

Na produção de texto espontânea dos seus alunos, Você vai encontrar muitas oportunidades de levá-los a refletir sobre essas questões.

A análise das questões lingüísticas é muito produtiva quando acontece motivada por uma dúvida real, por um problema que o aprendiz está enfrentando e precisa solucionar em seu próprio texto. Nesse sentido, o professor deve ser habilidoso para oferecer apoio e levá-lo a observar a língua no momento da escrita.

Resumindo

Embora os alunos sejam falantes competentes da língua, precisam desenvolver sua habilidade de refletir sobre as características da língua que falam.

Em nossa **fala não-monitorada**, em situações coloquiais, tendemos a não marcar os plurais.

Os plurais são marcados no português de forma redundante, isto é, com várias marcas sucessivas.

Na nossa linguagem oral não-monitorada tendemos a marcar o plural só uma vez, no primeiro elemento, que geralmente é um artigo ou um pronome possessivo ou demonstrativo.

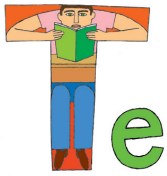
Quanto mais semelhantes forem as formas de singular e de plural dos nomes, menos tendemos a flexionar essa palavra no plural.

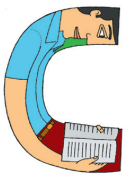
Quanto mais diferentes forem as formas verbais de terceira pessoa do singular e de terceira pessoa do plural, maior a saliência e, conseqüentemente, maior a probabilidade de emprego das formas plurais de forma adequada.

Leitura sugerida

Para aprofundar os temas tratados nesta unidade, sugerimos a leitura do livro *Contribuições da Lingüística para a Alfabetização*. Coletânea organizada pela profª Silvia Lúcia B. Braggio e publicado pela Editora da UFG, em Goiânia, 1995.

O texto que Você irá ler em seguida foi reproduzido desse livro.





Texto Complementar

Para facilitar sua leitura, estamos incluindo um pequeno glossário de termos técnicos ao final do texto, e indicando com um (*) as palavras que constam desse glossário.

CAMINHO SUAVE E PIPOCA: O ALFABETIZANDO COMO NÃO SUJEITO DO PROCESSO

Elizabeth Landi de Lima e Souza

Desde que se iniciou a alfabetização no Brasil, pelos jesuítas, ela tem sido trabalhada de forma tal que o alfabetizando é visto como um recipiente vazio em que é depositado, conforme afirma Paulo Freire, o saber daquele que é seu dono – o alfabetizador. Embora esse procedimento já esteja sendo discutido há algum tempo, sabe-se que somente alguns casos isolados de mudança de atitude do alfabetizador e da escola frente a tal problema vêm ocorrendo.

Em decorrência dessa escola que temos ainda hoje, é bastante significativo o índice de evasão e de repetência nas classes de alfabetização (primeira série do primeiro grau). As causas desses fatos podem vir de falhas por parte da escola, que oferece à criança um processo de aquisição da linguagem escrita dissociado do domínio de língua que ela já possui.

Além disso, outra causa para o mesmo problema refere-se à distância existente entre a linguagem da criança e a linguagem da escola, que, em muitos casos, pode ser detectada no material utilizado para a alfabetização, o que prova que a escola não tem respeitado a linguagem da criança, mas vem impondo a sua própria linguagem.

Como se sabe, a linguagem oral da criança é a base sobre a qual ela se apóia no processo de aquisição da escrita. Isso interfere na performance(*) lingüística da criança, por haver semelhanças entre as duas linguagens, a oral e a escrita. As dificuldades existem quando ambas são isoladas uma da outra e podem tornar-se

mais significativas na medida em que o que se fala tem sentido e o que se escreve ou se lê na escola, freqüentemente, não o tem. Ou seja, há um descompasso entre a língua que a criança conhece e a língua que a escola a faz estudar, dificultando o processo de aprendizagem e levando a resultados desastrosos tanto a curto quanto a longo prazo.

Vem sendo constatado por professores de Língua Portuguesa que seus alunos, mesmo aqueles de nível de instrução mais elevado, como os de terceiro grau, apresentam graves problemas, tanto na escrita quanto na leitura, que concorrem para o baixíssimo rendimento escolar. Alguns desses problemas, do meu ponto de vista, provêm da fase de alfabetização.

Quando escrevem, nossos alunos geralmente constroem frases sem significado e, ao tentarem elaborar períodos mais longos, apresentam frases incompletas, em que faltam palavras necessárias para dar-lhes coerência. Eles apresentam, ainda, problemas tanto de concordância nominal quanto verbal, além daqueles de pontuação e ortografia, que mostram falta de conhecimento das convenções da escrita. Além disso, em sua escrita, sobrepõem suas idéias, aparecendo essas sem uma ligação intrínseca. Por fim, seus textos mostram falta de senso de organização estrutural(*).

Quanto à leitura, os problemas mais comuns que podemos detectar nesses alunos referem-se à entonação(*) inadequada e artificial e, ao lerem em voz alta, muitas vezes, não sabem o que leram, o que demonstra que o tipo de leitura a que foram introduzidos não leva à construção de uma significação, mas à mera decodificação.

Como afirmei anteriormente, acredito que boa parte desses problemas são originados na fase de alfabetização, devido ao uso de métodos de alfabetização que utilizam uma concepção de linguagem e de aquisição da linguagem escrita inadequados. Isso ocorre já nos primeiros contatos da criança com seu primeiro livro escolar – a cartilha – mas, como se sabe, perpassa todo o período escolar.

(...) Para Goodman, ler constitui um processo natural, ativo, construtivo, interacional, um processo psicolingüístico(*), em que há uma interação entre pensamento e linguagem, já que, para ele, as atividades de falar, escrever, ler e ouvir são processos psicolingüísticos, que tornam a criança capaz de compreender e construir o seu significado, que é o ponto mais importante do processo de leitura.

Assim, naturalmente, a criança, em contato com a língua escrita em seu ambiente, desenvolve seus próprios modelos de funcionamento dessa. Para esse autor, a aquisição da linguagem escrita acontece do mesmo modo que a aquisição da linguagem oral, a partir da elaboração de hipóteses sobre o conjunto de dados escritos.

Uma das principais diferenças existentes entre a abordagem psicolingüística e as anteriormente citadas, no que se refere à natureza da linguagem, centra-se na importância dada ao significado, pois, para Goodman, o significado cria na mente do falante/escritor

uma estrutura profunda capaz de gerar formas na estrutura de superfície, que serão externalizadas na fala e na escrita.

Em vista disso, Goodman (1989) propõe que a alfabetização se dê a partir de textos, para que a criança possa utilizar-se de seu conhecimento anterior de mundo e de seu conhecimento lingüístico de letra, fonema, sintaxe, semântica e pragmática para construir o significado do texto.

Dessa forma, o ponto culminante da teoria psicolingüística da aquisição da escrita é a busca do significado do texto e, não apenas, a internalização de letras, palavras isoladas, frases descontextualizadas, mas da escrita na sua forma plena, o que nos afasta dos 'textos' – se é que podem ser assim chamados os que são encontrados nas cartilhas de alfabetização – escritos para todas as crianças, como se a sociedade inteira formasse um todo homogêneo.

Também para Smith (1989) e Rumelhart (1985), a construção do significado é mais importante que a memorização das letras e palavras, porque, quando se domina o significado, a aprendizagem das unidades menores torna-se mais fácil, ao passo que uma aprendizagem centrada na codificação/decodificação bloqueia a criança, impedindo que ela desenvolva sua capacidade a partir do conhecimento que ela já traz para a escola.

Tanto Smith e Goodman (1989) como Smith (1989) disseram que a teoria psicolingüística não é nem pode ser um 'método psicolingüístico', pois se fosse um método contrariaria o pressuposto de que os indivíduos são distintos, isto é, cada um carrega consigo muitas diferenças que lhe são próprias.

Não há como negar que ela é uma teoria do processo de aquisição da escrita, que procura fornecer ao professor subsídios para trabalhar com a criança, proporcionando-lhe o desenvolvimento tanto individual quanto funcional, para que ela se torne um ser ativo, criador e coerente. Assim, não haverá discriminação entre as crianças, e todas, principalmente as que dominam uma linguagem diferente da oferecida pela escola, serão beneficiadas, porque elas poderão, ao aprender uma modalidade diferente de linguagem, compreender aquela adquirida em sua comunidade.

Por entenderem que há diferenças entre as linguagens oral e escrita, no que se refere a seus usos e funções e , levando em consideração as variedades lingüísticas existentes entre os falantes de uma mesma língua, Kenneth e Yetta Goodman introduziram o social no processo de aquisição da linguagem escrita. Dessa forma, surge, então, a abordagem interacionista(*), que passa, realmente, a incluir o aspecto social no processo de aquisição da escrita.

No período que vai de 1980 a 1984, Kenneth e Yetta Goodman ampliam suas

idéias sobre leitura e escrita e sugerem que "a educação deve começar onde os aprendizes estão" (Braggio, 1992, p. 61). Assim, é necessário que as escolas se preocupem em tomar conhecimento do que as crianças já sabem sobre a língua escrita antes de lá chegarem, para que as diferenças criadas entre escola e sociedade sejam dissolvidas, visando ao sucesso dessas crianças no novo ambiente.

Para Goodman (1989), as escolas devem programar uma alfabetização baseada no uso da linguagem escrita significativa, assim como a linguagem oral é adquirida funcional e significativamente. Agindo dessa forma, os tais 'pré-requisitos' para a alfabetização tornam-se dispensáveis.

Pensando assim, o processo de alfabetização é melhor entendido quando situado dentro de seu contexto social e a partir do momento em que se considera a maneira pela qual as crianças adquirem a linguagem escrita, tendo como fundamento as interações sociais e as interações com a escrita que acontecem em seu ambiente e nas situações em que ela ocorre.

Em vista disso, uma alfabetização natural é aquela que acontece a partir do sujeito do processo e de sua realidade lingüística e, para isso, é necessário que a alfabetização aconteça orientada por um professor capaz de entender e incorporar, no processo, a diversidade lingüística do alfabetizando, que valorize o vocabulário e as experiências lingüísticas da criança, mas que perceba o momento de introduzir "informações e conceitos mais universais" (Abaurre, 1983, p. 34), pois o processo de alfabetização é "um ato de conhecimento", "ato criador" (Freire, 1982, p. 21).

Nessa concepção, o professor alfabetizador não é visto como o dono da verdade, como o instrutor, mas como um orientador, e a criança é o sujeito do processo, pois é ela quem se alfabetiza num contexto cultural que a alfabetiza, cabendo ao professor a tarefa de selecionar as atividades para a leitura e escrita, principalmente no que se refere a textos que sejam capazes de despertar na criança a construção de uma significação. Significação, sim, porque a criança está, desde antes de ir para a escola, convivendo com os mais diversos tipos de escrita que lhe permitem entender seu conteúdo. Razão por que não faz sentido ter de ensinar palavras soltas, sílabas ou letras isoladas e desprovidas de significado, o que, assim como na aquisição da linguagem oral, também não ocorre.

Yetta Goodman (1989) diz que as crianças, antes de entrarem na escola, tomam conhecimento da escrita e desenvolvem suas hipóteses a respeito dela, a partir de seu contato tanto com a linguagem oral como com a escrita no meio em que vivem.

Nessa perspectiva, o alfabetizando passa a ser o sujeito ativo do processo e o alfabetizador será, então, o orientador. Cabe-lhe, pois, a tarefa de selecionar as atividades de leitura e escrita, principalmente no que se refere a textos bem elaborados a partir da criança e de sua realidade sociocultural, capazes de despertar, na criança, a construção de

uma significação, fazendo com que ela seja capaz de decidir como e para que escrever, de constatar a forma como se organiza a escrita e de compreender o significado e a finalidade de sua escrita.

Vale lembrar, aqui, que os processos de formulação de hipótese são importantes para a criança, tanto na aquisição da linguagem oral como da escrita, pois é formulando hipóteses que ela vai compreender a língua com que tem contato.

Na aquisição da linguagem oral, a criança vai experimentando suas hipóteses até certificar-se de que elas são boas ou desprezar as que julga menos boas. Também na aquisição da linguagem escrita, se forem colocados à sua disposição textos que lhe dêem margem para que ela levante e teste hipóteses sobre a língua, ela adquirirá esse tipo de linguagem de forma natural.

Por outro lado, o ideal é que a alfabetização aconteça com textos elaborados pelas crianças e com todo tipo de textos que apresentem a escrita na sua forma holística(*), sem a preocupação com o controle das ocorrências dos fonemas. Dessa forma, as ocorrências que surgirem dão à criança a possibilidade de formular suas hipóteses e lhe permitem tirar conclusões sobre a linguagem escrita.

A alfabetização deve desenvolver-se mediante textos elaborados a partir da realidade da criança, no momento em que o processo de alfabetização acontece. Dessa forma, todo o ensino de gramática torna-se desnecessário nesse período, principalmente porque, quando a criança chega à escola, ela já domina, na oralidade, a gramática natural de sua língua materna.

Assim, o melhor é que a alfabetização seja conduzida pelo professor, sem a utilização de cartilhas, mas a partir do conhecimento e uso lingüísticos que a criança traz para a escola, pois, a partir de sua fala, das histórias que a criança conta e sabe, poderão ser produzidos textos muito mais significativos para ela. Além disso, histórias fazem parte do mundo da criança e livros de histórias devem ser materiais considerados essenciais no processo de aquisição da linguagem escrita.

/.../

O que vem acontecendo, na prática, é a imposição, pelo sistema, de materiais prontos que devem ser seguidos pelos professores e aceitos pelos alunos, sem que o professor e aluno possam trabalhar a alfabetização pensando ser essa um processo em que o sujeito seja o aluno, e o professor, um orientador desse aluno, que vive numa sociedade e precisa da linguagem escrita para firmar-se como sujeito ativo nas várias esferas em que for atuar.

Se, em vez desse tipo de material abstrato, que é imposto pelo sistema, fosse apresentado um material concreto, que pertencesse ao mundo da criança, como é o caso da embalagem de produtos já conhecidos por ela; se lhe fossem contadas ou

lidas histórias infantis; se fossem colocados à sua disposição – para manuseio, familiarização com a escrita e futuras leituras – livros de histórias infantis e textos bem elaborados a partir da própria criança, o processo de alfabetização realmente estaria acontecendo, assim como também ocorre o processo de aquisição da linguagem oral, que não se dá de forma truncada e desprovida de significação, pois desenvolve-se como um todo no meio social da criança.

Reconheço que os questionamentos levantados nesse trabalho podem não servir para acabar com as falhas que vêm acontecendo na alfabetização, mas creio que eles poderão concorrer, ao menos, para ajudar a superar tais falhas, cooperando, em vista disso, para a busca da otimização do desempenho escolar de nossos alunos.

(In: *Contribuições da lingüística para a alfabetização*. Silvia Lúcia Bigonjal Braggio, (org.) Goiânia, UFG, 1995, p.11-42, Com cortes e adaptações..)

Abordagem interacionista	Enfatiza os usos e funções da língua no processo de interação entre os falantes.
Entonação	Contorno melódico da fala.
Forma holística	Forma vista como um todo.
Organização estrutural	Organização que leva em conta todos os elementos de uma estrutura e a relação entre eles.
Performance	O mesmo que desempenho. Termo proposto pro Chomsky para referir-se ao uso efetivo da língua.
Psicolingüístico	Área de estudo interdisciplinar de teorias psicológicas cognitivas e teorias lingüísticas.

Bibliografia

BRAGGIO, Silvia Lúcia Bigonjal (org.). *Contribuições da lingüística para a alfabetização*. Goiânia: UFG, 1995.

CHIAPINI, L e GERALDI, J. W. *Aprender a ensinar como textos dos alunos*. São Paulo: cortez, 1995.

FARACO, C. A. *Escrita e Alfabetização*. São Paulo: Contexto, 1994.

Respostas das atividades de estudo

Atividade de estudo 1

a) Na comunicação, além da linguagem verbal, os interagentes usam outros recursos como a expressão facial, o contato de olhos, os gestos, a proximidade uns com os outros.

b) Alguns gestos tornam-se culturalmente convencionados, como, por exemplo, levantar o polegar para indicar concordância ou apoio a uma idéia apresentada por outrem. Os acenos com a cabeça de cima para baixo indicam concordância em nossa cultura e o balanço da cabeça de um lado para outro indica discordância. Essas convenções variam de uma cultura para outra.

c) gestos, mímicas, desenhos, pinturas etc.

Atividade de estudo 2

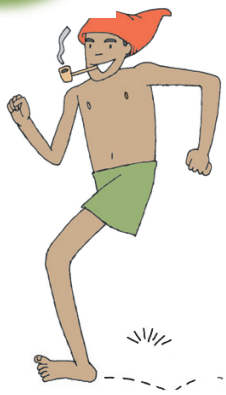
As parlendas são formas literárias tradicionais, rimadas, com caráter infantil, de ritmo fácil e de forma rápida. Não são cantadas e sim declamadas em forma de texto, estabelecendo-se como base o ritmo dos enunciados. São versos de 5 ou 6 sílabas recitadas para entreter, acalmar, divertir as crianças, ou usadas em brincadeiras para escolher quem inicia o jogo, ou mesmo aqueles que podem brincar. A principal característica de uma parlenda é o ritmo como ela se desenvolve; o texto verbal é uma série de imagens associadas. Obedecendo apenas ao senso lúdico, ela pode ser destinada à fixação de números ou idéias primárias, dias da semana, cores, entre outros assuntos.

Atividade de estudo 3

CH	X
Chave	Caixa
Chuchu	Peixe
Chulé	Xampu
Chuva	Xícara
Chapéu	Xodó
Chaleira	Xereta
Chácara	Enxame
Cachecol	Xará

Atividade de estudo 4

O imaginário do povo brasileiro está repleto de mitos como o lobisomem e almas penadas que aparecem à noite provocando ruídos em ambientes internos,



como as casas, ou brilhando em forma de chamas no campo ou nas estradas.

Folclore: é o conjunto de manifestações de caráter popular de um povo, ou seja, é o conjunto de elementos artísticos feitos do povo para o povo, marcados pela tradicionalidade. São transmitidos de uma geração para outra pela prática (os pais ensinam aos filhos, que desde pequeninos já praticam). São manifestações folclóricas: danças, músicas, religião, festas, brincadeiras infantis típicas, superstições, lendas, mitos entre outros. O folclore varia bastante de um país para o outro, e até mesmo, dentro de um estado pode variar muito, pois as diferenças entre as regiões são muito grandes. No caso do Brasil, o folclore foi resultado da união da cultura a partir da miscigenação de três povos (europeu, africano, ameríndio). Comemora-se o dia do folclore em 22 de agosto.

Atividade de estudo 5

Oblongo: Adjetivo. De forma alongada, mais comprido que largo.

Exemplo: "O fóssil tem uma forma oblonga."

Fonte: BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Dicionário didático de português**. São Paulo: Ática, 1998, p.666.

Atividade de estudo 6

Linguagem não monitorada	Linguagem oral monitorada ou linguagem escrita
Levei meus menino no médico.	Levei **meus meninos** no médico.
Meu pai botou cinco rês no pasto do seu compadre.	Meu pai botou **cinco reses** no pasto do seu compadre.
Os médico do posto não veio trabalhar hoje.	**Os médicos** do posto **não vieram** trabalhar hoje.

Atividade de estudo 7

Meus amigos são **pessoas** em quem confio.

Os pescadores conseguiram apanhar **os maiores** peixes em suas redes.

Os rapazes da nossa seleção de vôlei venceram **os japoneses**.

Os caminhões recém-comprados pela prefeitura custaram 50 **milhões de reais**.

Os **povos** europeus descobriram **novos** continentes.

Atividade de estudo 8

Forma da 3ª pessoa do singular (ele/ela)	Forma da 3ª pessoa do singular (ele/ela)
trança	trançam
faz	fazem
treme	tremem
sobe	sobem
desce	descem
cruza	cruzam
arredonda	arredondam
é	são
sabe	sabem
vai	vão
possa	possam
está	estão

Atividade de estudo 9

As meninas **trançam** os cabelos. Os nadadores **tremem** de frio. As formigas **sobem** nas paredes. As vacas **descem** o morro. As pessoas se **cruzam** nas ruas. Os padeiros **arredondam** a massa de pão. As crianças já **sabem** ler. Desejamos que eles **possam** fazer bons exames. Os alunos **fazem** muitos exercícios.	O plural se forma com a nasalização da sílaba final representada pela consoante **"m"**.
As crianças **vão** nadar no rio. Os rios **estão** ficando secos. **São** quatro as estações do ano.	a forma do singular é totalmente distinta da forma do plural.

Investigação da prática-9

Nesta Investigação da Prática, estamos trazendo dois textos do grande poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade e um fragmento de notícia de jornal a respeito da comemoração do centenário de seu nascimento, em 31 de outubro de 2002.

Leia e faça um planejamento de atividade em sala de aula em que Você usará este material para motivar a produção de pequenos textos pelos seus alunos. Deixe claro seus objetivos e as etapas do trabalho.

CONSOLO NA PRAIA

Vamos, não chores...
A infância está perdida.
A mocidade está perdida.
Mas a vida não se perdeu.

O primeiro amor passou.
O segundo amor passou.
O terceiro amor passou.
Mas o coração continua.

SEM ÓDIO

Ao fim de laboriosas pesquisas, inquéritos, mesas-redondas, simpósios e análises em laboratórios de psicologia, descobriu-se que os motoristas guiavam com ódio. Agora que isto ficou esclarecido, a solução, fácil e independente do Código Nacional de Trânsito, que por ser código não costuma ser cumprido, está na frase: GUIE SEM ÓDIO.

(*Rosa do Povo, Poesia e Prosa*, Rio de Janeiro, Ed. Nova Aguiar, 1988 p.142)

VANDALISMO

Menos de 48 horas depois de ser inaugurada, a estátua de Carlos Drummond de Andrade, que fica na Praia de Copacabana, amanheceu pichada ontem. Segundo testemunhas, seis menores teriam feito a pichação por volta das 6h30. (*Jornal do Brasil*. sábado, 2 de novembro de 2002, p.C3)

(*Os dias lindos Poesia e Prosa*, Rio de Janeiro, Ed. Nova Aguiar, 1988 p.1932)

Sessão Presencial Coletiva 9

Etapa 1

Nesta parte da oficina, os professores devem-se dividir em dois grupos, A e B, que vão ler, respectivamente, os textos *A Produção de Textos na Alfabetização* e *A Correção de Textos*, de Luiz Carlos Cagliari.

A PRODUÇÃO DE TEXTOS NA ALFABETIZAÇÃO

Se o professor alfabetizador deve trabalhar, sempre que possível, com textos, os alunos também devem estar sempre envolvidos com a problemática da linguagem, analisando-a dentro de um contexto real de uso, ou dentro da própria linguagem, como é o caso do estudo das relações entre letras e sons. Isso faz com que os alunos passem da habilidade de produzir textos orais para a habilidade de produzir textos escritos; da habilidade de produzir textos no estilo da fala do dia-a-dia para a habilidade de produzir textos segundo as exigências escolares e culturais. Essa liberdade de usar uma língua que o aluno já domina para estudar permite que ele escreva sem medo de dizer o que pensa e sem medo de errar. O que os alunos fazem produzindo textos serve, ainda, para mostrar para o professor que eles já sabem e o que precisam aprender no processo de aquisição da leitura e da escrita. Desse modo, acompanhando o desenvolvimento de cada um e da classe nas suas necessidades gerais, o professor pode programar melhor suas aulas e conduzir adequadamente o processo de ensino e de aprendizagem.

Para um bom professor deve ser tão importante o que o aluno acerta quanto o que ele erra. Se o ensino for muito dirigido, se o aluno só fizer segundo o modelo, só trabalhar com elementos já dominados, o professor recebe apenas a reprodução de algo que ele passou para os alunos. O que de fato eles pensam não tem chance de aparecer. Os textos livres feitos espontaneamente pelos alunos revelam o que realmente sabem e como operam com esses conhecimentos. Analisando o que os alunos elaboram, o professor acaba descobrindo, como os lingüistas, quais as hipóteses que regem o comportamento lingüístico das crianças e quais as regras que utilizam na sua produção. O erro é mais revelador do que o acerto. O acerto pode ser fruto do acaso, mas o erro é sempre fruto de uma reflexão, de um uso indevido de algum conhecimento.

Dentro dessa visão da produção de textos na alfabetização, logo se vê que os alunos farão apenas pequenos textos no começo, com uma ou duas frases. Depois,

irão tentando escrever mais, à medida que ficarem mais fluentes na escrita. Certamente, os primeiros textos vêm sobrecarregados de erros de todos os tipos. O que vale é o trabalho, não o resultado em si. Por isso, o professor não irá corrigir esses primeiros textos. Irá simplesmente analisá-los, discuti-los com os alunos, mostrando algumas coisas interessantes e guardá-los no dossiê de material de cada aluno. Algumas anotações serão feitas tendo em vista a programação de aulas futuras.

A CORREÇÃO DE TEXTOS

Depois que os alunos começarem a ficar mais hábeis e a produzir textos mais longos e com mais facilidade, o professor começará a exigir o planejamento textual e sobretudo a autocorreção. Essa autocorreção pode ser feita em duplas, individualmente ou até mesmo coletivamente. Nem todo texto precisa ser corrigido, alguns são feitos simplesmente para que o aluno desenvolva mais fluência ao escrever. De modo geral, todo texto deverá ser lido por outra pessoa e, quando for divulgado, precisará ter passado por rigorosa correção.

Feito o texto, o professor pede para os alunos corrigirem e melhorarem tudo o que quiserem. Em seguida, discutem o texto em duplas e chegam a uma versão definitiva. Finalmente, o texto será revisado pelo professor. Somente, então, o aluno o passa a limpo, produzindo o texto definitivo.

O professor precisa ensinar aos alunos como fazer a autocorreção. Problemas de coesão, coerência ou uso de determinadas estruturas sintáticas precisam ser tratados diretamente com o professor. Na alfabetização, o mais importante é cuidar da ortografia.

O professor precisa ensinar os alunos a terem dúvidas, a desconfiar se algo está certo ou errado. Aprender a ter dúvidas ortográficas é tão importante quanto aprender a escrever. O aluno deve saber, a partir de uma análise pessoal de seus conhecimentos, se, ao escrever uma palavra, todas as letras estão corretas ou não. Um aluno pode não apresentar nenhuma dúvida ortográfica ao escrever a palavra PATO. Ele a escreve e vai adiante. A próxima palavra pode ser GIRAFA. Aqui, se não tiver certeza absoluta de que GIRAFA se escreve com G, ele precisará olhar no dicionário ou perguntar a quem sabe. Depois, poderá escrever a palavra GENTE e não ter dúvida ortográfica, embora o caso seja semelhante ao da GIRAFA. O professor deveria reservar algumas aulas, de vez em quando, para ensinar os alunos o que pode suscitar uma dúvida ortográfica e o que não. Não adianta pedir para os alunos fazerem autocorreção, se eles não souberem o que corrigir.

Do ponto de vista do aluno, não existe professor mais desagradável do que aquele que não sabe ler o texto de um aluno, principalmente quando o texto apresentar dificuldades. Não basta o professor dizer que o texto está ruim. É preciso fazer uma análise e mostrar por que está ruim e, especialmente, o que fazer para que o texto fique bom. Alguns professores

lêem os textos de seus alunos (ou simplesmente o que os alunos escrevem em ditados, cópias, etc.), como se a escrita fosse uma transcrição fonética da fala. Essa é uma forma desrespeitosa de tratar o trabalho da criança. O professor não faz isso com os textos dos livros. O professor pode escrever TIA e falar "tchia", pode escrever BALDE e falar "baudji", mas se o aluno pensa que se escreve PRANTA, o professor não lê "planta", achando que a única forma possível de leitura, nesse caso, é "pranta".

Quando erra na grafia, o aluno não está querendo escrever conforme a sua pronúncia. Isso acontece porque ele ainda não domina o sistema de escrita e, sobretudo, a ortografia das palavras. O professor pode perfeitamente ler um texto de um aluno em que aparecem muitos erros, em conformidade com a norma culta. Ao fazer isso, nota-se quase sempre que os textos espontâneos são muito mais interessantes do que parecem, muitas vezes, a alguns professores.

Resultado semelhante surge quando o professor pede para o aluno ler o que escreveu, e ele faz uma leitura fluente. O texto, então, torna-se outro, mais interessante. Um professor jamais pode dizer para o aluno que ele leu errado, porque escreveu uma coisa e leu outra. Afinal, a escrita existe para representar a fala e usamos um sistema ortográfico para neutralizar a variação dialetal. O que o aluno escreveu representa a sua fala e, se leu daquele jeito, é porque ele quer que seja lido daquele jeito. Seus erros são de ortografia e não de transcrição fonética. Se quisermos que o aluno respeite o que ensinamos, precisamos respeitar o que o aluno sabe, o que aprende e, sobretudo, seu esforço para melhorar.

Um bom professor também está atento ao que acontece com seus alunos nas diferentes atividades que eles realizam, observando o que os ajuda e o que os atrapalha. Por exemplo, é muito evidente que os alunos que fazem um desenho antes (ou colam uma ilustração) e depois escrevem um texto são mais inclinados a produzir textos menos interessantes, em que predominam descrições de personagens e ações. Resultando quase sempre num conjunto de frases soltas. O ideal é pedir para o aluno fazer o texto e depois ilustrá-lo. Nesse caso há menos problemas de coesão, e os textos são em geral mais bem estruturados e desenvolvidos. Alguns temas trazem mais motivação para os alunos, outros menos ou, até mesmo, são do desagrado de certas crianças. É necessário habilidade para lidar com o caso.

(*Alfabetizando sem o Bá-Bé-Bi-Bó-Bu*, Luiz Carlos Cagliari, São Paulo, 1999, p.209-212.)

Tarefas do grupo A

- Discutam o texto lido. As seguintes perguntas podem servir de roteiro para a sua discussão. Anotem pontos importantes sobre as perguntas e escolham um relator do seu grupo.
- Por que devemos ajudar o aluno a criar textos orais e textos escritos?
- Como se pode aproveitar o conhecimento que o aluno já traz consigo?
- Por que é tão importante enfatizar os acertos dos alunos e não somente os erros?
- O que nos revelam os textos livres dos alunos?
- O que revelam os erros que o aluno comete?

Tarefas do grupo B:

- Discutam o texto lido. As seguintes perguntas podem servir de roteiro para a sua discussão. Anotem pontos importantes sobre as perguntas e escolham um relator do grupo.
- Como se deve trabalhar os primeiros textos produzidos pelo aluno?
- Como promover o processo de autocorreção e de reescrita?
- Por que devemos pedir ao aluno que leia o texto que produziu?
- Por que o aluno deve primeiro fazer o texto e depois ilustrá-lo?
- Como identificar, em sala de aula, atividades que favorecem ou desfavorecem os alunos?

Etapa 2

Concluída a leitura e discussão, os professores devem reunir-se em plenária para a apresentação de suas reflexões.

O formador deve realizar a síntese final do trabalho.

PROGRAMA DE APOIO A LEITURA E ESCRITA

PRALER

DIPRO / FNDE / MEC

AUTORES

Lucília Helena do Carmo Garcez

Doutora em Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP

Professora Titular Aposentada - Instituto de Letras
Universidade de Brasília/UnB

Rosineide Magalhães de Sousa

Doutora em Lingüística
Universidade de Brasília/UnB

Stella Maris Bortoni-Ricardo

Pós-Doutora em Etnografia Educacional
Universidade da Pennsylvania

Professora Titular - Lingüística - Faculdade de Educação
Universidade de Brasília/UnB

Tatiana Figueiredo Nunes de Oliveira

Mestre em Educação
Universidade de Framingham - Massachussetts

PROGRAMA DE APOIO A LEITURA E ESCRITA

PRALER

DIPRO / FNDE / MEC

Diretora de Assistência a Programas Especiais - DIPRO

Ivone Maria Elias Moreyra

Chefe da Divisão de Formulação e Implementação - DIFIM

Débora Moraes Correia

EQUIPE EDITORIAL

Organização

Wilsa Maria Ramos

Ilustrações

Fernando Lopes

Projeto Gráfico, Editoração Eletrônica e Capa

Tatiana F. Rivoire